



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO INTEGRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

ROSINAI AMANAJÁS PENA

**FESTA DE SANTO NAS “ILHAS QUE BAILAM”
UMA ETNOGRAFIA DOS FESTEJOS EM LOUVOR A NOSSA SENHORA DA
CONCEIÇÃO EM VILA BURITIZAL, BAILIQUE (MACAPÁ-AP)**

MACAPÁ-AP

2014

ROSINAI AMANAJÁS PENA

**FESTA DE SANTO NAS “ILHAS QUE BAILAM”
UMA ETNOGRAFIA DOS FESTEJOS EM LOUVOR A NOSSA SENHORA
DA CONCEIÇÃO EM VILA BURITIZAL, BAILIQUE (MACAPÁ-AP)**

Dissertação apresentada ao Curso de mestrado Integrado em Desenvolvimento Regional da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Desenvolvimento Regional.

Área de concentração: Sociedade, Cultura e Desenvolvimento Regional.

Orientador: Prof. Dr. José Maria da Silva.

MACAPÁ-AP

2014

ROSINAI AMANAJÁS PENA

**FESTA DE SANTO NAS “ILHAS QUE BAILAM”
UMA ETNOGRAFIA DOS FESTEJOS EM LOUVOR A NOSSA
SENHORA DA CONCEIÇÃO EM VILA BURITIZAL, BAILIQUE
(MACAPÁ-AP)**

Dissertação apresentada ao Curso
de Mestrado Integrado em
Desenvolvimento Regional da
Universidade Federal do Amapá, como
requisito parcial à obtenção do título de
Mestre em Desenvolvimento Regional.

Avaliado em: ____/____/____

Data da Aprovação:
____/____/2014

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Maria da Silva
Orientador (UNIFAP)

Prof. Dr. Manoel de Jesus de Souza Pinto
Membro Interno (UNIFAP)

Prof.^a Dr.^a Edna Ferreira Alencar
Membro Externo (UFPA)

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que a fonte seja citada.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá

Pena, Rosinai Amanajás.

O Fenômeno Católico em Foco: Uma Etnografia da Festa de Nossa Senhora da Conceição Vila do Buritizal/Bailique-Ap / Rosinai Amanajás Pena; orientador Dr. José Maria da Silva – Macapá, 2014.

140 f.

Dissertação (mestrado) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Mestrado Integrado em Desenvolvimento Regional, 2014.

1.Festa religiosa. 2. Etnografia e ritual. 3. Memória Histórica. I. José Maria da Silva, orient. II. Fundação Universidade Federal do Amapá. III. Título. CDD. 22.

A Deus que iluminou meus passos para a concretização deste trabalho, realização de um grande sonho.

Dedico este trabalho de maneira especial a todos os meus professores desde o primário, suas contribuições foram inestimáveis. Ao prof. Dr. José Maria da Silva, pelas orientações e momentos de trocas de informações. Meus agradecimentos.

Dedico especialmente a minha esposa Rosiane Veras, companheira de todas as horas. Desde a graduação sempre me incentivou na conquista dos meus objetivos, por seu amor, paciência e compreensão durante a pesquisa de campo. Às nossas filhas, Clarice e Cecília, maior presente de Deus nestes anos de labuta intelectual.

Aos meus pais: Dico Pena e Fatima Pena, obrigado pela dedicação, pelo alimento material e espiritual e pelo incentivo à minha formação, sobretudo, moral.

Por fim, ao amigo e compadre Gustavo, pelos longos anos de reciprocidade intelectual. Mais que amigo, um irmão.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela graça concedida. Pela oportunidade de realizar um grande sonho.

À minha amada esposa, Rose Veras, pelo convívio diário, pela paciência e principalmente, pelo amor.

Às pequenas Clarice e Cecília, minhas amadas filhas, flores que encantam meu jardim.

À minha família, irmãs, em particular meus pais: Dico Pena e Fátima Pena que me ensinaram o valor da ética e moral, o valor da vida e respeito pelas pessoas. Minha eterna gratidão pelo alimento material e espiritual.

Ao meu orientador Prof. Dr. José Maria da Silva com sua paciência e perspicácia despertou em mim o interesse em trabalhar esta temática. Ensinou-me, com sua modéstia, a compreender os fenômenos sociais. Minha eterna gratidão.

Em especial às pessoas que emprestaram parte de suas memórias, aqui presentes e que contribuíram para (re) construção de suas representações. Sr. Deuzuino Pena, Sr. Dico Pena, Dona Fatima Pena, Dona Bartira Pena, Sr. Ginuca, Sr. Raimundo secretário, Dona Dora Cordeiro, Sr. Adinair, Sr. Odair Cordeiro. Em especial, à Dona Lucila, *in memoriam*.

Ao amigo de longas datas, Luiz Gustavo pelo carinho, amizade e incentivo desde a graduação. Minha eterna gratidão pelo companheirismo nas horas difíceis. Por fim suas sugestões e observações valiosas para finalização deste trabalho.

A todos os professores do PPGDR, especialmente aos seguintes professores: Gláucia Tinoco, Antônio Filocreão, Jadson Porto, Arley Costa e Manoel Pinto, pela oportunidade ímpar de participar de suas disciplinas.

Ao Professor Manoel Pinto, desde a qualificação do projeto até a defesa da dissertação, por suas indicações de leitura.

A professora Simone Pereira Garcia, que participou da qualificação do projeto, obrigado pela atenção e indicação de leitura.

À Professora Edna Ferreira Alencar que com sua experiência profissional de historiadora e antropóloga, gentilmente fez observações valiosas para a versão final desta dissertação.

Aos colegas da turma do Mestrado 2012, pelo carinho e amizade, de maneira especial à colega Marilene Santos que optou por outro curso, apesar do pouco tempo de convívio, sem dúvida uma amizade.

Ao Sr. Deuzuino Pena, pelas conversas sobre a Igreja no Bailique, com certeza, muitos ensinamentos e sabedoria, por emprestar parte de sua memória;

Para os habitantes do Primeiro Mundo - o mundo cada vez mais cosmopolita e extraterritorial dos homens de negócio globais, dos controladores globais da cultura e dos acadêmicos globais - as fronteiras dos Estados foram derrubadas, como o foram para as mercadorias, o capital e as finanças. Para os habitantes do Segundo Mundo, os muros constituídos pelos controles de imigração, as leis de residência, a política de “ruas limpas” e “tolerância zero” ficaram mais altos; os fossos que os separam dos locais de desejo e da sonhada redenção ficaram mais profundos, ao passo que todas as pontes, assim que tenta atravessá-las, revelam-se pontes levadiças. Os primeiros viajam à vontade, divertem-se bastante viajando (particularmente se vão de primeira classe ou em avião particular), são adulados e seduzidos a viajar, sendo sempre recebidos com sorrisos e de braços abertos. Os segundos viajam às escondidas, muitas vezes ilegalmente, às vezes pagando por uma terceira classe superlotada num fedorento navio sem condições de navegar, mais do que outros pagam pelos luxos dourados de uma classe executiva – e ainda por cima são olhados com desaprovação, quando não presos e deportados ao chegar. (BAUMAN, 1999, p. 97)

RESUMO

O objeto de estudo desta pesquisa é a Festa religiosa e profana de Nossa Senhora da Conceição, que é realizada anualmente na Comunidade do Buritizal distrito de Bailique, Macapá-Ap. Tal festa surgiu há aproximadamente 100 anos e representa para aquela comunidade uma tradição que remonta aos primeiros moradores da vila. Tivemos como principal objetivo etnografar a festa no tempo sincrônico e traçar um paralelo com parte das memórias coletadas, percebendo algumas das transformações ocorridas ao longo do tempo. Com isso, pudemos compreender o significado que as pessoas atribuem a esse ritual religioso e as funções sociais dessa festividade. Metodologicamente, as principais fontes utilizadas foram os depoimentos orais dos organizadores e participantes da festa, entrevistas com moradores mais antigos da comunidade do Buritizal, além de atas e ofícios guardados na Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Além disso, **a etnografia** aparece como recurso metodológico ao levantar dados da atual situação da festa. Como complemento, o **“uso” das memórias** dos moradores mais antigos, foi uma oportunidade de mostrar em que aspectos houve mudanças e permanências. A religiosidade nessa pesquisa é justificada por sua grande relevância aos moradores da Vila do Buritizal, pois já são aproximadamente 100 anos de Festividade. Por fim, analisamos a religiosidade a partir da realidade atual, associando com elementos da memória do grupo para então mapear a constituição social, cultural e histórica da comunidade em questão.

Palavras-chave: Etnografia. Festa Religiosa. Memória histórica.

ABSTRACT

The object of this research is the religious and secular Feast of Our Lady of the Conception, which is held annually in the Community Buritizal district Bailique, Macapa -Ap. This party emerged about 100 years ago and is to that community a tradition dating back to the early residents of the Village. Had as main objective ethnography party in synchronic time and draw a parallel to part of the memories collected, realizing some of the transformations that have occurred over time. With this, we can understand the meaning people attach to this religious ritual and social functions of festivity. Methodologically, the main sources used were oral testimony of the organizers and participants of the festival, interviews with older residents of the community Buritizal, plus minutes and kept offices in the Church of Our Lady. Moreover, ethnography appears as a methodological resource to gather data on the current situation of the party. As a complement, the " use " of the memories of older residents, was an opportunity to show that there were aspects of change and permanence. Religiosity this research is justified by its relevance to the residents of the Village of Buritizal as they are now about 100 years Festival. Finally, we analyze religiosity from the current reality, associating with elements of the group memory and then map the social, cultural and historical constitution of the community concerned.

Keywords: Ethnography. Religious Party. Historical memory

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 – Mapa do arquipélago do Bailique.....	37
Foto 2 - Imagem mostrando as mudanças geológicas no Bailique	38
Foto 3 - Barco B/M Albatroz em viagem ao Bailique.....	41
Foto 4 – Imagem mostrando as “passarelas” ou pontes, sobre as quais a população transita...	42
Foto 5 – Mapa localizando a entrada do arquipélago do Bailique.....	44
Foto 6 – Paisagens do Bailique e atividade de criação de bubalinos.....	45
Foto 7 – Atividade de pesca no cotidiano dos bailiquenses	50
Foto 8 – Trapiche principal da Vila do Buritizal.....	51
Foto 9 – Imagem do livro ata de 1974	67
Foto 10 – Imagem do livro ata de 1978.....	86
Foto 11 – Imagem do livro ata de 1978.....	89
Foto 12 – Membros da coordenação da festa comprando gelo.....	104
Foto 13 - Altar da Igreja de N. S. da Conceição.....	106
Foto 14 – Centro comunitário do Buritizal	113
Foto 15 - Sino centenário da Igreja do Buritizal	123
Foto 16 – Equipe preparando o mastro	125

LISTA DE SIGLAS

AP Amapá

BR Brasil

GEA Governo do Estado do Amapá

IBAMA Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMBio Instituto Brasileiro de Meio Ambiente

IEPA Instituto de pesquisa do estado do amapá

PPGDR Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional

RURAP Instituto de extensão rural do Amapá

SEMA Secretaria Estadual de Meio Ambiente

UFPA Universidade Estadual do Pará

UNIFAP Universidade Federal do Amapá

SUMÁRIO

Introdução:

Apresentação do tema e metodologia.....13

capítulo I - REFERENCIAL TEÓRICO

Antropologia das festas.....17

Teoria Ritual.....24

Memória e historicidade.....29

Capítulo II – O BAILIQUE E A VILA DE BURITIZAL

Conhecendo o mundo das águas: Bailique.....35

Características geográficas do Bailique.....36

Singrando o Amazonas: as viagens ao Bailique39

Vila do Buritizal: lócus da pesquisa.....46

Estrutura social e econômica da Vila do Buritizal.....48

Crenças, pajelança e curandeirismo na Vila do Buritizal52

Imaginário popular na vila do Buritizal.....58

Casamento e família no Buritizal: heranças do patriarcalismo português60

Para não concluir.....64

Capítulo III - MEMÓRIAS REVISITADAS: EM BUSCA DE SENTIDOS E REPRESENTAÇÕES

História e Memória: um diálogo necessário.....68

História da festa de N. S. da Conceição: memórias “subterrâneas”.....71

As estratégias da Igreja para arrebataram fiéis no Buritizal.....82

Desobrigas: “muitos Santos, poucos padres”.....83

Por uma circularidade entre culturas.....88

O perfil dos devotos ontem e hoje.....93

Os personagens da festa.....95

Eventos e objetos da festa.....97

Capítulo IV – ETNOGRAFANDO A FESTA DE N. S. DA CONCEIÇÃO

As homenagens a Nossa Senhora da Conceição.....99

A festa como N. S. da Conceição como um fato social total.....101

A preparação da festa102

A missa como celebração.....105

As novenas e ladainhas.....107

Leilões, bingos, bailes e torneios esportivos.....110

A Procissão115

Derruba do mastro.....119

Símbolos e imagens da Festa.....122

À guisa de conclusão.....123

Fontes e entrevistados.....134

Referências Bibliográficas.....135

INTRODUÇÃO

A pesquisa ora apresentada tem por objeto a festa em louvor a Nossa Senhora da Conceição, que se realiza anualmente na Vila de Buritizal, localizada no Distrito do Bailique, município de Macapá-Ap. Trata-se de uma comunidade com aproximadamente 600 pessoas¹ que sobrevivem da extração dos recursos que a natureza dispõe.

A justificativa para a escolha do tema relaciona-se à necessidade de se dar visibilidade a festividade de Nossa Senhora da Conceição, de uma pequena comunidade ribeirinha. Ao mesmo tempo, pesquisar a festa de N. S da Conceição, foi mergulhar no universo do qual faço parte, como nativo da Vila do Buritizal. Tivemos como principal objetivo estudar as transformações e ressignificações ocorridas ao longo dos tempos, os significados que as pessoas atribuem a esse ritual religioso e as funções sociais dessa festividade.

No desenvolver da pesquisa, adotamos o termo ribeirinhos para nos referirmos aos moradores da Vila de Buritizal por acreditarmos numa nomenclatura mais adequada ao estudo desse grupo social. Além do mais, nas interlocuções com os entrevistados, percebemos que a palavra caboclos é vista por muitos como pejorativo e carregada de estereótipos. Por outro lado, como nativo, precisei me integrar de maneira neutra num ambiente que é muito familiar aos meus sentidos, cujo êxito muito devo às conversas com meu orientador José Maria da Silva.

A festa em louvor a N. S. da Conceição é estruturada em dois eixos básicos: em primeiro lugar, os ritos como gestos; segundo, as ideias e práticas que envolvem os ritos, são suas representações. Os eventos que se sucedem no ciclo com duração de uma semana estão associados à força simbólica da imagem de N. S. da Conceição, presente há décadas no altar da igreja na Vila Buritizal. O ciclo compreende novenas, cânticos, missas, levantamento e derrubada do mastro sagrado e atividades profanas como bingos, leilões e alguns eventos esportivos.

Por outro lado, percebe-se que alguns elementos da festa mudaram ao longo dos anos, pois as gerações que se sucederam foram adaptando parte dos eventos, embora a base do cerimonial tivesse continuado a mesma. Logo, para dar conta desses aspectos, este trabalho se apresenta com uma dupla abordagem: 1 - a etnografia como recurso metodológico para levantar dados do tempo sincrônico da festa e 2 - “uso” das memórias dos moradores mais antigos, como forma de mostrar em que aspectos houve mudanças e permanências.

¹ Essa informação foi retirada de um relatório fornecido pelos agentes de saúde da Vila do Buritizal.

Do ponto de vista metodológico a pesquisa constitui-se numa investigação norteada pela combinação entre história e antropologia. Procuramos privilegiar a convergência de “vozes” diversas e articuladas especialmente no que diz respeito às práticas devocionais, símbolos, ritos e celebrações. No contexto da religiosidade católica, manifesta na pequena Igreja de Nossa Senhora da Conceição, a diversidade das fontes nos permitiu identificar parte da historicidade desta devoção. Combinado a isso, a pesquisa documental na Cúria Diocesana de Macapá, nos permite afirmar que a religiosidade no Buritizal concentrou-se principalmente nas orientações levadas pela igreja oficial.

Ainda sobre a metodologia, cabe uma referência aos procedimentos adotados, quais sejam: a etnografia, através da pesquisa de campo, observações e anotações em diário de campo. Através desse método, imerso no lócus da pesquisa, integrado com o grupo social pude perceber a realidade da festa, além das perspectivas dos membros da organização do evento. Atualmente, a festa do Buritizal faz parte de um circuito local, em que as várias comunidades do arquipélago competem para fazer uma festa melhor. Ao mesmo tempo, estabeleci uma interlocução com diversas “vozes” e pude analisar os relatos orais coletados. Estes relatos de memória nos permitiu “visualizar” o passado e traçar um paralelo com o presente.

Trabalhamos na perspectiva da memória coletiva, defendida por Maurice Halbwachs, pois a memória se refere ao conjunto maior de pessoas – o coletivo – as pessoas mantem relações sociais de amplitude coletiva. Portanto, evocar esse passado pela memória é levantar dados coletivos de ações comuns ao grupo que viveu aquele evento. Nosso recorte temporal contempla as décadas de 1960 a 1980, justificado, pois os entrevistados fizeram referências diretas principalmente a esse período.

Uma festa como a de Nossa Senhora da Conceição, torna-se um terreno fértil para se “reconstituir” momentos em que essa coletividade exerceu, no sentido mais profundo, seu papel como fazedores da história. O homem tem a tendência natural a se identificar de acordo com o que lhe foi transmitido oralmente e armazena seletivamente na memória. Ainda considerando Halbwachs (1990) esta é sempre revivida no presente, pois só existe enquanto vivência, por isso as experiências vivenciadas individualmente tornam o indivíduo único dentro de uma coletividade.

A religiosidade nessa pesquisa tem sua razão de existência por sua grande relevância aos moradores do Buritizal, pois são aproximadamente 100 anos da Festividade de Nossa Senhora da Conceição. Analisamos a religiosidade a partir da realidade atual e associar com elementos da memória do grupo para então mapear a constituição social, cultural e

histórica da comunidade em questão. Logo, situamos esse trabalho no quadro geral de estudos sobre a religiosidade de comunidades ribeirinhas, há muito desenvolvidos na Amazônia e que centram o entendimento da cosmologia de comunidades ribeirinhas, de parte das concepções de mundo dos grupos ribeirinhos e da relação destes com a vida social, que resultam nas formações históricas com peculiaridades locais intrínsecas.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos. Apresento a seguir um resumo de cada um.

No primeiro capítulo fizemos uma abordagem teórica envolvendo as categorias conceituais referentes à antropologia, ritual, símbolos e memória; abordamos a festa de Nossa Senhora da Conceição como um evento não apenas religioso, mas, também, profano e envolto de questões de amplitude social coletivo. Neste sentido, analisamos como um fenômeno social total, no sentido que definiu Marcel Mauss (1974). A festa nessa comunidade constitui um acontecimento ligado aos universos social e simbólico do grupo, capaz de promover uma dinâmica social específica nos dias em que a festividade é realizada. Consideramos ainda a festa como um evento ligado à memória do grupo estudado, daí porque no primeiro capítulo tratamos sobre memória.

O segundo capítulo, denominado “Bailique: mundo das águas” está relacionado ao arquipélago do Bailique e algumas de suas características geográficas, na qual a influência do Oceano Atlântico é intensa, na medida em que transforma a paisagem do arquipélago, proporcionando uma dinâmica específica às regiões insulares. A formação de ilhas e movimento de sedimentos do rio Amazonas é marcante na dinâmica local, bem como implica no cotidiano daquela sociedade.

Já no terceiro capítulo, A Igreja, a santa e a comunidade, fizemos o levantamento e análise de parte das memórias históricas dos moradores mais antigos do Buritizal com o objetivo de reconstruir parte de suas formas de representar o mundo. Além disso, sentimos-nos interessados em perceber a força da identidade cabocla e como esta se forma no bojo de seu “locus social”. Foi então que ocorreu o estabelecimento de algumas das instituições que ainda hoje existem e possui muita força na comunidade do Buritizal, sobretudo a Igreja católica.

Assim ocorreu com os moradores da vila do Buritizal no período das décadas de 1960 a 1980, suas memórias revisitadas permitem perceber que seu cotidiano foi construído com base nos saberes por eles mantidos e remodelados de acordo com suas necessidades diárias, servindo de “guia” aos mais jovens. Ao mesmo tempo, a ação cristianizadora da Igreja acrescentou e ampliou no contato com os ribeirinhos uma bagagem cultural que ainda hoje se

remodela. Buscamos reconstruir parte do cotidiano do Buritizal. As experiências vividas pelos caboclos tem forte tradição na oralidade em que, também, buscamos reconstruir parte de suas representações. Procuramos pensar a cultura cabocla do Buritizal a partir do conceito de circularidade cultural (Ginsburg). Tal conceito nos remete à troca mútua entre determinados grupos sociais envolvidos num determinado momento histórico.

O quarto capítulo, “etnografando a Festa de N. S. da Conceição” foi uma oportunidade de relatar a atual realidade da Festa e suas características no tempo sincrônico. Por outro lado, mostramos e analisamos parte dos ritos, liturgias e representações do evento religioso, a organização da festa em três tempos: antes, durante e depois. A festa tem seu início seguindo a uma tradição histórica, os moradores do Buritizal são acordados na madrugada do dia 8 de Dezembro com a alvorada e queima de fogos. O café é colocado no Bule e os moradores mais velhos, bem como as beatas mais fervorosas logo se deslocam para a pequena Igreja, chega a hora de mais uma vez rezar e agradecer o ano que se passou e pedir bênçãos para o ano vindouro. As pessoas estão em frente a suas casas, olhando, emitem roucas saudações em meio ao clima frio, bucólico, pastoril, nublado.

Portanto, através dessa pesquisa procuramos refazer parte da história cultural do Buritizal através da memória social e religiosa, como parte da cultura ribeirinha em seu “lugar social”. Esse processo inclui a formação histórica e religiosa de uma comunidade ribeirinha, na qual percebemos a aglutinação de diferentes saberes, tradições, crenças e costumes remanescentes de uma cultura indígena, europeia e negra, letrada e popular.

As memórias revisitadas mostram que os moradores do Buritizal foram educados a separar trabalho de festa, sagrado de profano e foram doutrinados na devoção. Os ribeirinhos construíram seu cotidiano ao longo de décadas, sempre acompanhando o movimento lento das marés e sempre vinculados aos misticismos da natureza.

A devoção não é apenas o ato de adorar a Santidade, mas, sobretudo, de incluir no dia-a-dia, no pensamento, nos atos do grupo de trabalho principalmente na família o respeito e esperança na padroeira. O cotidiano é feito de silêncio, de gestos, atitudes e tantos outros sinais que na maioria das vezes se encontram nos porões da memória e do tempo. Nossa tarefa ao mergulhar no cotidiano, por intermédio da memória, foi reconstruir parte do mundo representado na visão de mundo caboclo, cotidiano tecido de fé e envolto num manto de devoção.

Estudamos a festa através de dois vieses de análise: 1 - em primeiro lugar, uma festividade com “função social” de fortalecer relações entre os membros do grupo e, 2 - em segundo, como expressão de religiosidade latente de uma comunidade ribeirinha. Tais práticas

devocionais consolidam a presença da Igreja oficial, fazendo o movimento da fé pendular tanto para um lado quanto para o outro em dadas situações e vivências históricas; esse movimento pendular de idas e vindas foi responsável pela própria história da festividade tecida e pasteurizada no Buritizal.

CAPÍTULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

Antropologia das Festas

O presente trabalho, à luz da teoria antropológica, aborda a festa de Nossa Senhora da Conceição como um evento religioso e profano, envolto de questões de amplitude social coletivo. Neste sentido, será analisado como um fenômeno social total, no sentido que definiu Marcel Mauss (1974). A festa nessa comunidade constitui um acontecimento ligado aos universos social e simbólico do grupo, capaz de promover uma dinâmica social específica nos dias em que a festividade é realizada.

O conceito de “fato social total” nos orienta a olhar os fenômenos sociais em conjunto, englobando todas as esferas do social, econômico, político e religioso, pois só assim conseguiremos de fato, reconhecer sua eficácia na sociedade. Estamos interessados naqueles fenômenos complexos que ocorrem, “ao mesmo tempo e de uma só vez” (Mauss, 1925).

Mas o que torna a festa de Nossa Senhora da Conceição um fato social total? Trabalhamos com a hipótese de que tudo gira em torno dessa festividade, tanto no sentido religioso como também profano – daí ser um fato social que engloba boa parte da comunidade. Além disso, existe uma multiplicidade de relações de diversas naturezas – religiosas, econômicas, artísticas, lúdicas, políticas, etc. – que acrescentam algumas peculiaridades ao evento. Outro elemento que caracteriza essa festa é a presença do regime das águas/marés e da mata, no arquipélago em geral como elementos indissociáveis ao modo de vida daquela comunidade.

Os fatos sociais totais fazem parte do próprio sistema no qual está inserido o evento, integrado a um conjunto de fatores da vida social de uma sociedade. Pode ser o conjunto de relações que incorpora a dimensão do grupo e que acaba unindo os atores sociais no interior de uma sociedade. Logo, o fato social total possui dimensão em que se pode analisar desde uma tribo até uma comunidade urbana ou rural. A noção de “fato social total” refere-se, entre outras coisas, a uma maneira simultânea em que diversos planos se inter-relacionam - religioso, econômico, jurídico, moral, político profano, etc. Em outras palavras, o “fato social total” mobiliza não apenas o plano espiritual, mas global.

As festas de santo (re) incorporam tradições e novos significados. Neste caso, acreditamos que a memória é um elemento fundamental, constituindo assim um novo texto cultural passível de (re)interpretações no âmbito da sociedade moderna e contemporânea (SILVA, 2013). Em outras palavras, essas festas na Amazônia estão em constante remodelamento a partir das influências externas e das interações sociais. Deste modo, sob as bases da teoria do ritual e estruturalismo procuramos elucidar aspectos da festa em louvor a

Nossa Senhora da Conceição, na Vila de Buritizal, no Bailique, a partir da noção de ritual, sendo este visto como ação social (TURNER, 2005).

As festas religiosas ribeirinhas recebem destaque, pois representam parte da cosmologia dos grupos humanos, incluindo questões ligadas à origem histórica e à localização espacial, ou seja, a ocupação do espaço físico da comunidade pode estar vinculada às homenagens e reverências à santa padroeira. Além disso, a festividade de Nossa Senhora da Conceição está ligada ao tempo das comunidades, não apenas ao tempo cronológico, mas também ao tempo histórico e social, tendo em vista que a história da festa pode se confundir com a história da própria Vila Buritizal.

Destarte, as festas religiosas configuram-se como eventos ligados ao universo simbólico do grupo. O ribeirinho cumpre suas promessas e graças recebidas por meio de rituais, traduzidos na forma de festas religiosas, almoços comunitários, missas, procissões, novenas, bailes, etc. Cada festejo possui sua própria história e razão de existência, no caso da comunidade de Buritizal acreditamos estar associada às origens históricas da vila. Por meio desse trabalho buscamos elucidar alguns desses aspectos em busca de significados, partindo-se das observações e dos sentidos que os moradores atribuem ao evento. Portanto, os significados são extraídos da perspectiva nativa e interpretados à luz da teoria antropológica que lançamos mão.

Pensar festividades religiosas ribeirinhas é estabelecer relação entre os eventos rituais como constructos culturais em permanente elaboração. Sua significação como elemento cosmológico, ou seja, as pessoas buscam se apoiar cotidianamente num alicerce que dá sustentabilidade ao grupo. Neste aspecto, a festividade de Nossa Senhora da Conceição serve ao propósito de engendrar relações ligadas ao aspecto cosmológico. Logo, pensar a festividade como evento em ação, interpretada religiosa e profanamente, a partir dos sentidos real e simbólico que as pessoas atribuem ao mundo e às coisas.

Cabe aqui, também, uma definição pontual de festa o que nos induz a pensá-la como um evento organizado não em sentido fechado, mas envolto de um conjunto de símbolos com significância num contexto global. Destarte, a festa também é provida de regras. Estas regras devem ser respeitadas, como forma de expressar o que está sendo festejado, na medida em que a regra social faz parte da festa do Buritizal. Assim:

Festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é

um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes (GUARINELLO, 2001:972).

Ainda sobre a conceituação de festa, PEREZ (2012, p. 68) propõe que

A festa é uma presença constante em nossas vidas individual e coletiva, regulando-as no ritmo de sua incessante sucessão no calendário. Festas marcam os tempos fortes, os momentos culminantes, as alternâncias de ritmo e de intensidade da vida individual e coletiva, a periodicidade das passagens.

No estudo das festas devemos considerar a natureza do evento:

Porque é seu fundamento principal, parece imprescindível saber a intenção do evento: se nosso objeto é uma comemoração (a rememoração coletiva de algo ou alguém), uma celebração (louvor, exaltação, aclamação), o cumprimento de um rito sagrado (compartilhando sistemas) ou outro tipo de comportamento de caráter coletivo (AMARAL, 2012, p. 89).

A noção de festa perpassa vários conflitos conceituais que cabe aqui mencionar parcialmente para incitar um debate: a festa é ou não “um estado de efervescência coletiva” que leva a “superação das distancias entre os indivíduos”? (DURKHEIM, 1968) Ou ainda: será que a festa renova “periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade. Ao mesmo tempo, os indivíduos são reafirmados na sua natureza de seres sociais”? (Durkheim, 1968: p. 536).

Sobre isso, apresentamos a visão controversa do sociólogo Jean Duvignaud, que não vê a festa como busca de regeneração ou um modo de reafirmação da ordem social vigente. Diferentemente, para ele a festa é uma ruptura, anarquia total, poder subversivo, negador, que perpassa todas as culturas como grande destruidor (DUVIGNAUD, 1983).

Por outro lado, a definição de população tradicional ribeirinha, sendo uma população que possui seu modo de vida peculiar que as distingue das demais populações sobretudo do meio urbano contribui para que possamos melhor compreender a festividade em questão. A grande diferença entre o meio urbano e rural é que as populações ribeirinhas possuem sua cosmovisão marcada pela presença das águas e da floresta.

Para estas populações o rio, o igarapé e o lago não são apenas elementos do cenário ou paisagem, mas algo constitutivo do modo de ser e viver do homem, que implica em uma estrutura mental específica. Logo, toda a dinâmica do grupo tem um tempo mais “lento”, que acompanha as enchentes e vazantes do igarapé.

Portanto, se por um lado, conceituar festa é sempre uma tarefa genérica (AMARAL, 2012), sendo mais fácil denominar um evento como festa do que conceituá-la, as festas no Buritizal ainda ganham outros elementos peculiares como o aspecto geográfico. Nesse sentido, podemos dizer que as festas “de interior” (é muito comum pessoas na cidade assim referirem às festas que ocorrem na zona rural) apresentam, por exemplo, uma dinâmica

específica sobre seus espaços geográficos e de locomoção de populações adjacentes que em dias de festas precisam montar estratégias de deslocamento por conta das marés.

Nesse contexto, Harvey (1989) debate sobre os “usos” do espaço e do tempo, no sentido de sua relativização – são usados de acordo com realidades sociais distintas. Por isso: “o modo como representamos o espaço e o tempo na teoria importa, visto afetar a maneira como nós e os outros interpretamos e depois agimos com relação ao mundo” (HARVEY. 1989. p. 190).

Por outro lado, De Certeau (1994) retrata os espaços sociais como elementos abertos à criatividade humana, que nos leva a pensar a festividade de Nossa Senhora da Conceição como um fenômeno religioso que incorpora a cada ano espaços públicos ou privados que garantam sua efetivação a contento. Define-se, então, uma base para a compreensão cultural da festividade em questão: os indivíduos se adaptam às realidades variáveis, através da criatividade. De Certeau acreditava que os indivíduos têm maior autonomia para agir de maneira criativa e transformadora sobre os espaços.

Para Harvey (1989, p. 189) é necessário “que reconheçamos a multiplicidade das qualidades objetivas que o espaço e o tempo podem exprimir e o papel das práticas humanas em sua construção”, ou seja, neste trabalho estaremos relacionando os significados que podem ser atribuídos ao tempo dado pela diversidade de concepções e percepções humanas. No caso das comunidades ribeirinhas, acreditamos que o tempo histórico e cultural está intimamente relacionado ao meio ambiente no qual está inserido.

O tempo para os habitantes da Vila do Buritizal é relacionado a dois eixos centrais: o *movimento das marés*, pois todo o cotidiano dos habitantes se relaciona às enchentes e vazantes do rio. Um jogo de futebol, por exemplo, em algumas ocasiões depende da vazante já que aos finais de semana alguns moradores se reúnem para jogar bola nas praias formadas com a baixa do rio. Ou algo mais cotidiano como pescar e “apanhar” açaí como parte da alimentação depende em última instância das marés.

O segundo eixo é o *tempo festa*, já que as honras a Nossa Senhora da Conceição ocorre no final do ano e muito do que se planeja tem como ponto de referência o evento. Isto é, os moradores organizam sua vida social de tal forma que possam estar na Vila nos dias de festa² e outros tempos sociais também são adequados à realidade temporal do evento. Não é raro as pessoas usarem alguns momentos das missas e novenas para agradecer as graças da pescaria ou mesmo pedir à santa que o próximo ano seja melhor.

² Alguns pescadores passam semanas em outras áreas de pesca, em locais distantes, sempre procuram retornar a tempo para acompanhar a festa.

Em sua pesquisa, o antropólogo Charles Wagley (1988) estudou o papel das festas religiosas por ele destacado, como de fundamental importância para acentuar o cotidiano dos ribeirinhos amazônicos, com os quais realizou seu trabalho. O autor destaca que “... todos os anos, em maio e junho, quando, no Vale Amazônico, os rios voltam aos seus leitos e as chuvas diminuem, começa a estação seca; realizam-se então inúmeras festas ...” (WAGLEY, 1988, p.194)

Outro ponto a ser abordado neste trabalho é quanto à utilização dos espaços públicos e privados da vila de Buritizal, pois verificamos que há uma necessidade de se extrapolar o reduzido espaço da pequena Igreja de Nossa Senhora da Conceição. Na procissão somada às ladainhas em visita que a santa faz às casas das pessoas isso se materializa todos os anos e demonstra que é mais que um ritual, é uma necessidade do grupo em reverência à santa padroeira. Os dois espaços mais utilizados da Vila são o centro comunitário que serve como local de recepção dos moradores vindos de outras comunidades adjacentes e a área comunal em frente ao centro, onde é levantado o mastro.

Com efeito, as festas religiosas constituem momentos onde a população ribeirinha modifica o espaço que habita, dando-lhe significados os mais diversos, transformando-o num lugar especial como parte das crenças dessas populações, diferenciando e qualificando espaços públicos e privados com características que só existem durante o período da festa.

A realidade vivida pelo homem ribeirinho está ligada ao seu comportamento religioso, e tal comportamento está arraigado ao seu modo de vida, o que é sustentado por Durkheim (1989, p. 68), pois:

Todas as crenças religiosas conhecidas, sejam elas simples ou complexas, apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens representam, em duas classes ou em dois gêneros opostos, designados geralmente pelas palavras profano e sagrado.

Émile Durkheim apresentou vários conceitos sobre a relação entre o ritual e as festas e que foram se tornando cada vez mais a base comum na bibliografia que se segue até hoje. Em **As formas Elementares de vida religiosa**, o autor afirma que os limites que separam os ritos das recreações coletivas são tênues e que uma característica importante de toda religião é ser o “elemento recreativo e estético” (Durkheim, 1968, p.542-544). Além disso, diz ele:

Toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso.[...] Pode-se

observar, também, tanto num caso como no outro, as mesmas manifestações: gritos, cantos, música, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que elevem o nível vital etc. Enfatiza-se frequentemente que as festas populares conduzem ao excesso, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito. Existem igualmente cerimônias religiosas que determinam como necessidade violar as regras ordinariamente mais respeitadas. Não é, certamente, que não seja possível diferenciar as duas formas de atividade pública. O simples divertimento, [...] não tem um objeto sério, enquanto que, no seu conjunto, uma cerimônia ritual tem sempre uma finalidade grave. Mas é preciso observar que talvez não exista divertimento onde a vida séria não tenha qualquer eco. No fundo a diferença está mais na proporção desigual segundo a qual esses dois elementos estão combinados. (Durkheim, 1968, p. 547/8).

Temos como objetivo realizar um estudo da festa de Nossa Senhora da Conceição sob vários aspectos: ritos, sagrado, profano, relações de poder, organização do espaço público e privado. Sobretudo, o estudo das festas populares perpassa pela análise das seguintes características: a noção de festa como celebração, como momento sagrado e a noção de festa enquanto instrumento de reprodução da história do grupo (o passado e as representações no cotidiano e na vida social presente).

Ainda em Durkheim aparecem alguns elementos fundamentais para se pensar as festas de santos padroeiros. Portanto, as principais características de quase todos os tipos de festa são: i) a superação das distâncias entre os indivíduos em momentos em que a festa ocorre; ii) a produção de um espírito coletivo, comunitário; iii) a transgressão de algumas normas sociais, que em momentos de não-festa dificilmente seriam transgredidas (AMARAL 2012).

A transgressão supracitada já foi analisada por Carlos Rodrigues Brandão (1989), ao estudar as festas no interior de vários estados brasileiros, e sua importância para a vida daqueles que realizam, concluiu que a festa é:

O lugar simbólico onde cerimonialmente separam-se o que deve ser esquecido e, por isso mesmo, em silêncio não-festejado, e aquilo que deve ser resgatado da coisa ao símbolo, posto em evidência de tempos em tempos, comemorado, celebrado” (BRANDÃO, 1989, p. 8).

Para o mesmo autor a festa toma a seu cargo os mesmos sujeitos, objetos e estrutura de relações da vida social e os faz sofrer mutações. A festa tende a exagerar o real com naturalidade. Assim, a ideia de transgressão relaciona-se, para ele, ao exagero, à ultrapassagem de limites (no carnaval isso é muito observável), ao excesso (de risos, gestos, comportamentos que em outros momentos poderia ser até imoral). Até as inversões seriam exageros, simbolizando aspectos sempre latentes no comportamento dos homens perante a sociedade em geral.

Para se realizar as festas de santos são necessários vários devotos e colaboradores, pessoas que cuidam da execução e de “fazer valer a memória/tradição”. No

ápice religioso e profano em grupo, pensa Durkheim, o indivíduo tende a “desaparecer” no grupo e passa a predominar um espírito dominado pelo coletivo. Nesses momentos, são reafirmadas algumas crenças grupais e as “regras do jogo social” que tornam possível a vida em sociedade. Ou seja, o grupo reanima “periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de sua unidade. Ao mesmo tempo, os indivíduos são reafirmados na sua natureza de seres sociais” (Durkheim, 1968, p. 536).

Isso ocorre porque, com o tempo a consciência coletiva tende a perder suas forças³. Então, são necessárias tanto os rituais religiosos como as cerimônias profanas para reanimar os “laços sociais” que correm na sociedade em qualquer circunstância, ou seja, eventos como as novenas e bailes podem contribuir para consolidar os laços do grupo. Neste sentido, podemos supor que, quanto mais festiva uma sociedade for, tanto mais coesa esta poderia ser no sentido durkheimiano.

As festas de santo podem ser pensadas numa bipolaridade: a cerimônia, como forma regular de um culto e reverência à santa, e a festividade, como demonstração de alegria e regozijo. Embora profano, também, é uma reverência aos santos. Elas podem se distinguir dos ritos cotidianos por sua amplitude e do mero divertimento pela densidade que leva os ribeirinhos a buscarem divertimento numa região com poucas opções. Na verdade os dois elementos têm afinidades. Durkheim já observava o aspecto recreativo da religião e a cerimônia religiosa é, em parte, um espetáculo (representação dramática, no caso, de um mito ou aspecto dele ou de um evento histórico).

Este caráter misto acima citado poderia ser tomado com um primeiro termo da definição de festa, pois ela parece ser fundamentalmente ambiguidade: refere-se a um objeto sagrado ou sacralizado, e tem necessidade de comportamentos profanos, como na maioria das festas de santos no interior da Amazônia. Toda festa acontece, também, de modo extra-cotidiano, mas precisa selecionar elementos característicos da vida cotidiana. Toda festa é ritualizada nos imperativos que permitem identificá-la, mas ultrapassa o rito por meio de invenções nos elementos livres.

³³ Isso já foi objeto de discussões teóricas no campo da psicossociologia, desde Freud até Moscovic.

6.2 – Teoria Ritual

Os rituais são meios pelos quais o grupo social se reafirma periodicamente. (Durkheim, 1996, p. 422).

Consideramos como fundamental que a noção de ritual nesse trabalho deve ir além daqueles fenômenos de cunho meramente religioso, ou seja, que se pensa o evento a partir de uma matriz dos ritos e símbolos por eles mesmos.

Trata-se, então, de pensar a festividade de Nossa Senhora da Conceição como um conjunto de práticas e representações que envolvem os ritos e símbolos religiosos, mas também incluir no seu bojo os eventos profanos como os leilões, bingos e eventos dançantes.

Segundo Peirano:

Rituais são sistemas culturalmente construídos de comunicação simbólica, sendo que os ritos deixam de ser apenas a ação que corresponde a (ou deriva de) um sistema de ideias, resultando que eles se tornam bons para pensar e bons para agir - além de serem socialmente eficazes. (PEIRANO, 2003, p. 12)

Turner (1974) busca por processos sociais como **pessoas em movimento e campos de ação social**, além de ter percebido nos nativos a exegese já que os informantes viraram os mestres e o etnólogo um interprete. Nesse sentido, Turner contrariou a antropologia estrutural e buscou nos símbolos em movimento e sistemas de ação social: ritual como drama e o drama como ritual. Em outras palavras, o autor pensa na interligação dos símbolos às ações sociais.

Ou como prefere pensar DaMatta, o mundo social é produto de convenções e símbolos, todas as ações sociais são realmente feitas rituais ou com possibilidades de ritualização (DaMatta, 1997). Os rituais, nessa perspectiva, são momentos ligados essencialmente ao cotidiano, na vida social em constante (re) significação. Os momentos comuns e triviais do mundo social podem ser deslocados e assim se transformam em símbolos, que, de acordo com o contexto e o momento, mudam o sentido para o “fora do comum”, tomando significado especial (DaMatta, 1997)

Portanto, os rituais representam aspectos das relações da sociedade. Uma técnica para mudanças de posição moral da pessoa, do sagrado para o profano, do profano ao sagrado, tendo como base o cotidiano (Leach, 1974, apud DaMatta, 1997).

Se por um lado, o estruturalismo decodificou um sistema no conjunto estrutural e buscou sua eficácia simbólica, Turner penetrou no núcleo da eficácia simbólica. Já na análise estrutural clássica, a estrutura se afasta do evento e da história dos sujeitos.

O estudo das festas populares ou de santos na Amazônia perpassa pela análise das seguintes características: i) a noção de festa como momento celebração, como momento sagrado, relacional e comunitário, ii) e a noção de festa enquanto instrumento de reprodução de padrões vigentes (a busca do passado manter significações no cotidiano e na vida social presente).

Através das análises de Turner (1974, p. 16), a celebração ganha uma dimensão importante no funcionamento das sociedades. Enfatiza, portanto, o autor de que esses rituais são importantes para o funcionamento das sociedades, tanto no aspecto social quanto psíquico. Sua importância adquire outros significados na medida em que diz respeito à estrutura da sociedade em questão, percebendo-se, assim a intrincada e complexa rede de relações simbólicas entre posições sociais do dia-a-dia e a distribuição de hierarquias neles inseridos.

Outro campo fértil é o simbolismo. Turner percebeu o símbolo como sendo “objetos, atividades, relações, eventos, gestos e unidades espaciais em uma situação ritual” (PEIRANO, 2003, p. 49). Os símbolos, segundo Turner, são uma entidade dinâmica, sendo que “não conseguiria analisar símbolos rituais sem estudá-los numa série temporal em relação com outros ‘eventos’, pois os símbolos estão essencialmente envolvidos com o processo social” (PEIRANO, 2003, p.49).

Os símbolos possuem as propriedades de condensação e unificação de alguns significados, sendo que um único símbolo pode representar várias coisas a um só tempo. Assim, os símbolos utilizados nos ritos e rituais tendem a se caracterizar pelo seu potencial polissêmico – considerando-se, é claro, cada contexto social e cultural. Nesse sentido, para refletir sobre as formas de expressão culturais e o processo de construção das identidades culturais, é necessário levar em consideração a identificação, comparação dos significados, o valor e a importância dos ritos e rituais por meio de processos discursivos e simbólicos, em diferentes gerações.

O método de análise turneriano inclui os seguintes níveis: nível operacional que percebe o comportamento religioso; as interpretações nativas vistas através do nível exegético; nível sociológico que encontra no contexto social amplo resposta ao nível das organizações sociais e sua reprodução como sistema; nível situacional que percebe os símbolos no contexto ritual.

Por sua vez, Turner (1974), ao analisar rituais Ndembu realça magistralmente o papel dos ritos como um tipo de ação que informa marcadamente a estrutura social onde se insere. No entanto, ao definir o que seja rito, não escapa à tentação de introduzir no elemento

religioso, pois considera ritual como sendo "comportamento prescrito e formal para ocasiões fora da rotina tecnológica, que se refere a *crenças em seres ou poderes místicos*" (Turner, 1964, p. 20 - grifo meu).

Por outro lado, o ritual deve ser analisado em seu contexto cultural, relacionado aos símbolos. Poderíamos tomar essa afirmação como considerando celebração apenas aquele tipo de comportamento que envolve utilização de representações simbólicas, excluindo, desse modo, tipos de ação aceitos como comportamento meramente padronizado. No entanto, o sentido da simbolização no contexto de ação religiosa, não é explicitado por Leach.

Em geral, tanto Turner quanto Van Gennep associam rituais a símbolos, de tal forma que uma leitura da sociedade inclui suas representações e suas ações concretizadas no dia-a-dia e em suas formas de pensar a própria realidade, implícita e explicitamente.

Como o mundo social é produto de convenções e símbolos, todas as ações sociais são realmente feitos rituais ou com possibilidades de ritualização (Da Matta, 1997). Na Vila de Buritizal, assim como em outras regiões da Amazônia, as festas de santos padroeiros acompanham atos rituais de reverência a essas entidades sagradas como forma de dar sentido à existência daquelas comunidades isoladas.

Os rituais são entendidos, então, como a expressão da concretude social em forma de ações que nos dizem coisas, sobre práticas e cosmologias. Logo, são funções dos rituais: **os rituais fazem coisas, dizem coisas, revelam coisas**, sempre no momento especial que é compreendido e tido como tal, por isso apenas em dado contexto social se pode compreendê-lo.

Tentar compreender a festa de Nossa Senhora da Conceição fora do seu lócus, a Vila de Buritizal, é deslocá-lo de seu eixo central –pois se trata de um ambiente específico em que os elementos e estrutura social nos indicam pistas na constituição de um fenômeno de relevância coletiva. É como deslocar os rituais Ndembu de seu foco central – a comunidade, suas características sociais e seu eixo simbólico central - a árvore leiteira.

Os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo... os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados. Vejo nos estudo dos rituais a chave para compreender-se a constituição essencial das sociedades humanas (Turner, 1974, p.19).

Logo, na história da festa de Nossa Senhora da Conceição, existe algo que chamava a atenção: toda a estrutura da sociedade gira em torno da festa anual de N. S. da Conceição, pois era nesse momento que se celebravam as cerimônias como batizados, casamentos e crismas, o que indica que a sociedade “esperava” a festividade seja pelo

interesse em diversão naquele local com poucas opções festivas, seja para “cumprir” parte daquilo que a Igreja católica dogmatiza.

Por ritual, Turner (2005, p. 49) entende:

O comportamento formal prescrito para ocasiões não devotadas à rotina tecnológica, tendo como referência a crença em seres ou poderes místicos. O símbolo é a menor unidade do ritual que ainda mantém as propriedades específicas do comportamento ritual; é a unidade última de estrutura específica em um contexto ritual.

Assim, devemos entender os acontecimentos religiosos como um sistema de significados (GEERTZ, 1989; TURNER, 2005). Nesse sentido, na busca dos sistemas de significado e sua compreensão, o pesquisador deve buscar “reconstruir” o todo social.

Os propósitos dos rituais são diversos. Eles podem incluir a concordância com as obrigações religiosas ou ideais políticos do grupo, a satisfação de necessidades objetivas e subjetivas dos praticantes, o fortalecimento de laços sociais, a demonstração de respeito ou submissão a regras, a afiliação a um projeto coletivo, a obtenção de uma aceitação social ou aprovação para certo grupo ou espaço – ou ainda, como reflete Van Gennep (1978), a ação religiosa se apresenta tendo como finalidade o próprio ritual, sem um objeto social por trás dele.

Já em Durkheim apareciam os primeiros ensaios sobre rituais, como atos de sociedade, “meios pelos quais o grupo social se reafirma periodicamente” (Durkheim, 1996, p. 422). Os ritos não são realizados de qualquer maneira, eles precisam se apoiar em símbolos reconhecidos pela coletividade. Ou seja, para que exista rito é preciso que exista certo número de operações, gestos, palavras e objetos, que exista a crença em uma espécie de “transcendência”.

Além disso, concordamos com a proposição de Durkheim quanto a perspectiva de ritual, pois estes nos indicam o que os sujeitos fazem. Os rituais e os cultos são verdadeiras lupas que amplificam a sociedade e mostram o que as pessoas praticam – atos sociais com significado.

Buscamos pensar a festa de Nossa Senhora da Conceição através de uma concepção ritualística e simbólica na qual engendram relações socioculturais diversas. Esse evento aparece como espaços de relações culturais e simbólicas, que devem ser pensados a partir do modo como tendem a condicionar individual, cultural e socialmente, as práticas sociais e culturais dos agentes envolvidos em torno de sua materialização.

Através destas chaves explicativas discorreremos sobre os rituais e o conjunto de fatores simbólicos da festa de N. S. da Conceição, analisando como seus integrantes

formulam e realizam sua proposta de reverência religiosa e suas comemorações profanas ao longo dos tempos sincrônico e diacrônico.

Os propósitos dos rituais são diversos dentro de diferentes estruturas sociais. Eles podem incluir obrigações religiosas de reverência sagrada, a satisfação de necessidades e seu conseqüente agradecimento à santidade, além de fortalecer laços sociais. Por outro lado, a demonstração de respeito ou submissão a regras, aparece muitas vezes como filiação a um projeto coletivo ou a obtenção de uma aceitação social - ou ainda, como prefere Van Gennep (1978), o ritual se apresenta tendo como finalidade o próprio ritual, sem um objeto social por trás dele.

Várias são as ações que ostensivamente são executadas para concretizar finalidades religiosas e de culto. As atividades incluem diversas cerimônias de adoração e sacramentos de religiões organizadas e cultos, e ainda os ritos de passagem de certas sociedades (Van Gennep, 1978), ou como coroações, posses políticas, casamentos e funerais, eventos esportivos e outros. No caso da festividade estudada, buscamos, sobretudo, compreender quais são esses rituais e sua simbologia dentro de uma lógica geral.

Os símbolos são elementos que orientam as pessoas dentro de uma dinâmica consensual. Os símbolos sociais com ação social devem ser estudados - descrever os símbolos como “vetores”, na medida em que constituem influências determináveis que inclinam pessoas ou grupos para a ação. (TURNER, 2005, p. 68). Portanto, é preciso saber se os fenômenos acoplados aos símbolos constituem interpretações desses símbolos. Segundo Sperber “cada símbolo corresponde a um conjunto determinado de interpretações, a cada interpretação um conjunto determinado de símbolos”. (SPERBER, 1974. P. 26).

Examinando o símbolo no contexto do Círio de Nazaré, em Belém, Silva evidencia a importância dos símbolos na festa. Segundo ele, essa festa religiosa “articula um conjunto de símbolos que proporciona maior adesão dos fiéis à divindade, através de um sistema de comunicação, proporcionando uma experiência religiosa e mística com a divindade na terra” (SILVA, 2013, p. 106). Com isso, tem-se que os símbolos não são apenas ícones ou expressões em si mesmos, mas, sobretudo elementos que ligam os fiéis ao universo místico da santidade em questão.

De acordo com Sperber (1974), os símbolos não adquirem sentidos próprios, pois não possuem significado prático isoladamente do seu contexto social, mas trabalha com “a associação de um sinal e de um sentido mais usual (um significante e um significado)” (SPERBER, 1974, p. 26). Ele enfatiza ainda a presença da semiótica e o domínio da língua como recursos para se compreender as simbologias. Assim, abordar a festividade de Nossa

Senhora da Conceição como evento simbólica, é mergulhar no universo recheado de significantes e significados que também converge para o ponto comum ao pensamento geertziano da etnografia como descrição densa e como interpretação (GEERTZ, 1989).

Como sabemos, alguns aspectos triviais da vida social são transformados em *símbolos*, os quais evidenciam uma dada realidade sociocultural (DAMATTA, 1987). Assim, os rituais estão presentes no dia a dia dos grupos humanos em sociedade. Nosso interesse centra-se na questão de como os valores são transmitidos para as gerações seguintes, especialmente por meio da memória histórica. Para tanto, é importante verificar como os valores são expressos nos símbolos, nas histórias, nos mitos e nos rituais.

Os símbolos são objetos, materiais, atitudes, eventos, qualidades ou relações, religião e formulações linguísticas específicas de grupos que apresentam diversos significados e que evocam emoções. A preservação da memória pode servir como meio para a manutenção da identidade cultural na comunidade de Buritizal.

6.3 - Memória e Historicidade

Uma pesquisa historiográfica não pode estar separada de um exame das mentalidades coletivas. Phillipe Joutard (In: DOSSE, Francois)

Outro aspecto que merece destaque nessa pesquisa é a construção histórica da festa ora em estudo, ao mesmo tempo em que observamos a relevância da atual configuração do evento religioso e profano. Nesse sentido, a historicidade dá conta dos aspectos diacrônicos, nos quais a memória funciona como elemento que une passado e presente, e dá sentido ao evento.

Nesses termos, a produção cultural/religiosa da comunidade ribeirinha de Buritizal configura-se como uma produção coletiva, nascida e desenvolvida dentro de uma vida grupal e comunitária – no sentido de uma vivência coletiva no decorrer das suas manifestações culturais, onde podem ser claramente identificados fortes laços de solidariedade entre as pessoas envolvidas.

Uma das possibilidades que se abre para o estudo de um fato social é o aspecto diacrônico, dando conta do seu desenvolvimento no tempo passado para o presente. Sobre isso, “o estudo da gênese e desenvolvimento de cada festa desde suas mais remotas referências documentadas [ou pela oralidade], possibilita a compreensão dos sentidos e simbologias que elas carregam” (AMARAL, 2012, p. 123). Nesse sentido, a memória histórica e social de um povo representa os dados e informações para se compreender alguns

dos aspectos no tempo devido “às confusões criadas pelo intercâmbio e pelos processos transformativos da festa, assim como pelas diversas influências recebidas em diferentes épocas e que foram se acumulando historicamente” (AMARAL, 2012, p. 135)

Já na historiografia, a memória está inscrita mais do que um simples objeto da história, a memória é uma de suas “matrizes” ou “vetores” do conhecimento passado. Segundo Paul Ricoeur, ela [a memória] permanece, como a única que guarda algo que “efetivamente ocorreu no tempo”. Uma vez investigada, a memória, fragmentada e multifacetada, se aproxima da história pela sua “ambição de veracidade” (RICOEUR, 1996).

A historiografia francesa tem dado grande passo para “desvendar” enigmas históricos e uma melhor apreensão das relações passado, presente e futuro, nesta área. Hoje, atestam os franceses a impossibilidade de uma dissociação, até então admitida, entre a memória e a história. Atualmente, uma das mais novas áreas é a chamada “história social da memória” que vem tentando problematizar a memória através da sua inscrição na história.

Mas qual o papel da memória nessa pesquisa?

A memória tem sido objeto de manipulações frequentes por governos interessados em “apagar” lembranças de grupos humanos sobre acontecimentos que não interessam aos detentores do poder (de ordem política e ideológica). A memória, que pode ser individual e/ou coletiva, passa, assim, a integrar o “território do historiador” nas últimas décadas. O historiador desempenha o papel de resgatar a memória – uma função de mediador –, à imagem de um analista, no tempo longínquo ou próximo. Portanto, buscamos adequar os relatos de memórias individuais à outras “memórias” em busca da suposta veracidade histórica – elaborar uma reflexão sobre a própria temporalidade.

Em outras palavras, cabe-nos a tarefa da apreensão da relação do presente da memória (de um acontecimento) e do passado histórico (desse acontecimento), em função da concepção de um futuro desse passado. Em outras palavras, o historiador projeta-se ao passado em vários aspectos da sociedade e busca na memória as lembranças através trabalho intelectual (RICOEUR, 1996).

A memória, não apenas no sentido da história oral, faz parte do processo de transmissão, de geração a geração, de histórias presentes em relatos orais, os quais têm se constituído num importante instrumento disponível aos estudiosos na sua tentativa de recuperar e interpretar o passado. No caso dessa pesquisa, a memória apresenta-se como uma fonte histórica peculiar, uma vez que buscamos uma estreita relação desta com a história da origem da Vila de Buritizal - tanto a memória coletiva quanto a individual se impregna de uma historicidade da qual estamos em busca. A propósito, Paul Ricoeur (1996) estabelece

uma distinção entre “rememoração”, um processo de elaboração individual, e comemoração como trabalho de construção de uma memória coletiva.

Essa procura de uma compreensão do passado festivo, que se relaciona com o presente, tem conduzido essa pesquisa a uma crescente valorização das fontes orais que abrem novas possibilidades de olhar o passado através da memória individual, enfatizando que cada “pedaço” desse passado memorialístico serve a representatividade de cada caso particular que ilumina seu contexto específico. Em outras palavras, cada recorte cronológico que tratamos é visto como uma peça do quebra cabeças histórico.

A cultura é constituída em grupo na comunidade de Buritizal, bem como a relação dos homens entre si e destes com o seu espaço. O homem tende a se identificar conforme o que lhe foi transmitido e armazenado na memória, considerando Halbwachs (1990) esta é sempre revivida no presente, pois só existe enquanto vivência, por isto as experiências vivenciadas individualmente tornarão o indivíduo único dentro de uma coletividade.

A memória de um indivíduo e/ou de um grupo, está sempre inserida “num contexto familiar, social, nacional”, o que nos induz pensar que toda memória, nos dizeres de Maurice Halbwachs (1990), é uma “memória histórica” e por consequência, com valor coletivo. Toda a memória produzida por um grupo de pessoas que vivenciou várias festas religiosas pode estar associado aos movimentos históricos da Vila em que habita, formando-se desta maneira o que Halbwachs (1990) denominou de memória coletiva com valor histórico e cultural, que pode moldar identidades. As memórias dependem dos grupos, das memórias familiares, existindo individualmente, mas com amplitude coletiva.

Halbwachs (1990), assim, distingue duas memórias, sob as seguintes nomenclaturas: uma *interior* ou *interna* ou *pessoal* ou *autobiográfica*; outra, *externa* ou *social* ou *histórica*. Como a história do indivíduo pertence à história em geral, a primeira é auxiliada pela segunda. Não obstante, enquanto a primeira se refere a um passado mais contínuo e denso do indivíduo, a segunda representaria um passado mais resumido, assumindo um caráter mais extenso.

O sociólogo francês utiliza essa distinção *memória coletiva* e *memória histórica*. Para ele, a memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no tempo e no espaço e se apoia na história vivida, e não na história aprendida, sendo a história entendida não como “uma sucessão cronológica de eventos e datas, mas tudo o que faz com que um período se distinga dos outros, do qual os livros e as narrativas em geral nos apresentam apenas um

quadro muito esquemático e incompleto” (HALBWACHS, 2006, p.79), até porque a história não é todo o passado, muito menos representa tudo que resta dele.

Halbwachs (2006) preocupa-se em afirmar que a memória coletiva não se confunde com a história e que a expressão *memória histórica* não é muito feliz, pois associa dois termos que se opõem em mais de um ponto. A história é a compilação dos fatos que ocuparam maior lugar na memória dos homens, de acordo com as condições do presente analisados pelo historiador com apoio das fontes.

No entanto, lidos nos livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são selecionados, comparados e classificados segundo necessidades ou regras que não se impunham aos círculos dos homens que por muito tempo foram seu repositório vivo. Em geral a história só começa no ponto em que termina a tradição, momento em que se apaga ou se decompõe a memória social. Enquanto subsiste uma lembrança, é inútil fixá-la por escrito ou pura e simplesmente fixá-la.

Convergindo com essa ideia, Le Goff afirma que

A memória é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. (LE GOFF, 1990).

Cabe aqui mencionar a tradição durkheimiana que consiste em tratar fatos sociais como coisas (objetivamente). Isso torna possível perceber que a memória coletiva de um determinado grupo está estruturada com certas hierarquias e classificações, uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras socioculturais.

Nessa abordagem durkheimiana, a ênfase é dada à força quase institucional dessa memória coletiva, à duração, à continuidade e à estabilidade social do grupo. Assim também Halbwachs, longe de ver nessa memória coletiva uma imposição, uma forma específica de dominação, acentua as funções positivas desempenhadas pela memória comum, a saber, de reforçar a coesão social, não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, donde o termo que utiliza, de "comunidade afetiva". Na tradição europeia do século XIX, em Halbwachs a nação é a forma mais acabada de um grupo, e a memória nacional, a forma mais completa de uma memória coletiva.

Outro aspecto importante acerca da memória é a sua relação com os lugares⁴. As memórias individual e coletiva têm nos lugares uma referência importante para a sua

⁴ Sobre essa temática ver: NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares.

construção, ainda que não sejam condição para a sua preservação. As memórias do grupo estudado se referenciam, também, no espaço em que habita e nas relações que constroem com este espaço geográfico. Os lugares, e o tempo, são importantes referências na memória dos indivíduos, donde se segue que as mudanças empreendidas nesses lugares acarretam mudanças importantes na vida e na memória dos grupos.

Podemos dizer que ela é fortemente marcada pelas relações sociais e grupos nos quais nos inserimos. Provavelmente, foi essa a maior contribuição de Maurice Halbwachs (1990) ao defender que “um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros”. Portanto, ao pedirmos para alguém falar do passado, também damos voz à comunidade, na qual essa pessoa vive, e que interfere na sua construção do social.

As festas são rituais que ultrapassam a si mesmos como unidades temporais para religar o visível e o invisível, passado e presente, enfim, religar os homens a Deus. Aquilo que está dentro e fora de um tempo, sempre buscando estabelecer laços comunitários, de identidade étnica e tradição dentro das mais variadas relações que vai desde simples relações sociais e econômicas, até relações de poder.

A irmandade dos membros dos grupos sublinha a força do processo de identificação que possibilita o devotamento, graças ao qual se reforça aquilo que é comum a maioria das festas: o levantamento do mastro e as ladainhas que funcionam como elementos públicos dentro da realidade analisada.

Portanto, a estrutura de funcionamento das festas de santos, numa visão totalizante, traduz-se na necessidade de transmissão cultural, onde as manifestações assumem um caráter de compromisso, ou seja, de responsabilidade social para com a cosmovisão do grupo. Essa transmissão para os mais novos e outras gerações expressa uma vontade histórica de manutenção da tradição e de sua sobrevivência. Na cultura popular a transmissão se dá pela relação pessoal. A oralidade é um processo muito presente e peculiar dentro dessa passagem de histórias, crenças, tradições, símbolos de gerações para gerações.

Não é raro, então, rodas de jovens e adolescentes para ouvir os mais velhos narrarem as histórias narradas pelos moradores do Buritizal que muitas vezes se confunde com a história da comunidade. Em outras palavras, a oralidade funciona (no sentido pedagógico) como uma escola da vida na qual se “repassam” inconscientemente elementos da cosmologia coletiva e isso garante a manutenção dos rituais (sobretudo os festivos e/ou da pajelança) e tudo a ele ligado; como exemplo disso, toma-se que muitas dessas histórias ligam-se direta ou indiretamente à festa de Nossa Senhora da Conceição.

A oralidade é um processo muito presente dentro dessa “passagem”/transmissão de histórias, crenças, tradições, símbolos de gerações para gerações. Destaque especial a esses mecanismos de memória/narração foi dado por Ecléa Bosí (BOSI, 1979, p. 5-49), que considera a narração *uma forma artesanal de comunicação*, que não está confinada nos livros e onde o narrador tira o que narra de própria experiência e a transforma em experiência dos que os escutam.

Nessa transmutação há uma evocação dos elementos do passado, e os mesmos se tornam uma fonte do presente, pois neles aquilo que é lembrado serve como fundamento para novas vivências. Conclui, ainda: “... uma atmosfera sagrada circunda o narrador.” (BOSI, 1979, p. 49)

A comunidade existe onde os laços de relações sociais apresentam as características de espontaneidade, ganhando amplitude coletiva. Entretanto, ela precisa de uma relação com a estrutura como que numa interdependência, pois uma depende da outra para existir.

Elementos da tradição e costumes são transmitidos oralmente, de uma geração a outra, do mesmo grupo de população. Operando, essencialmente em termos de tempo, a tradição tem na oralidade (memória/narração) um importante referencial para análise das festas como manifestação cultural que se mantém e se reproduz nos movimentos de tradição, de modernidade e de pós-modernidade. Comunidade e memória se entrelaçam. A cada vez que a memória coletiva for requerida, esta funcionará como um alimento na renovação das forças sociais. O conceito de memória coletiva torna-se fundamental para a análise antropológica.

Capítulo II – BAILIQUE: “MUNDO DAS ÁGUAS”

Conhecendo o “mundo das águas”⁵

A vila do Buritizal está localizada no arquipélago do Bailique⁶. De maneira geral, o Bailique está dividido em duas regiões bem distintas, a saber: **a várzea alta** ou terra firme (Baixo Araguari, região continental com acesso terrestre pela região do Pacuí, chegando bem próximo ao arquipélago) e a segunda, **várzea baixa**, que abrange as ilhas propriamente ditas. É nessa região que está localizada a maioria das vilas, isto é, na região insular, onde a influência do Oceano Atlântico se faz sentir com mais intensidade.

O Bailique está localizado a aproximadamente 180 km da capital Macapá, com acesso quase que exclusivamente através de embarcações e com viagens estimadas em 12 horas, dependendo da potência do motor, maresias e dos ventos que por sua vez variam de acordo com a estação. Um lugar que pode ser denominado “mundo das águas”, pois a região possui forte influência do regime das marés, qual seja, suas ilhas são banhadas pelo Rio Amazonas. Além disso, os rios e igarapés fazem parte do cotidiano dos bailiquenses .

Etimologicamente⁷ Bailique supostamente significa local das “ilhas que bailam”, devido ao movimento de sedimentação intensa e formação rápida de praias e pequenas ilhas. É composto por oito ilhas, quais sejam: ilha do Bailique propriamente dito, Brigue, Curuá, Faustino, Franco, Marinheiro, ilha do Meio e ilha do Parazinho.

A Vila do Buritizal, então, está localizada na ilha do Curuá. A Vila de Buritizal é considerada uma Vila média, dentro da realidade do arquipélago, já que possui pouco mais de 600 pessoas. Além de um breve histórico da vila, nos ocuparemos em apresentar sua estrutura social e econômica, o que nos permite conhecer melhor a realidade da região estudada.

A ocupação antrópica do Buritizal e de outras pequenas comunidades teve origem de maneira semelhante: movimentações humanas, grupos de amocambados, quilombolas, brancos pobres, imigrantes ou não, e negros, foros ou fugitivos. Assim:

Nos documentos do século XVII, os índios conhecidos como Aruãs eram mencionados como habitantes do delta do Amazonas e das chamadas ‘ilhas Bailiques’. Mais tarde, avançaram ao interior do Cabo Norte, fugindo dos luso-brasileiros e colocando-se como aliados dos franceses e holandeses na luta pelo controle do território. (BAILIQUE:

⁵⁵ O historiador amapaense Paulo Cambraia foi o primeiro a fazer referência ao Bailique como Mundo das águas. Sobre isso ver CAMBRAIA, Paulo Marcelo da Costa. *Na ilharga da fortaleza, logo ali na beira, lá tem o regatão: os significados dos regatões na vida do Amapá (1945-1970)*. Belém: Açaí, 2008.

⁶ Segundo Vieira, o Bailique localiza-se na foz do Rio Amazonas, entre os paralelos 00° 44’ – 01° 115’ N e meridianos 49° 54’ – 50° 19’ e tem os seguintes limites: ao norte com o rio Araguari e ao sul com o Canal do Norte, a leste com o Oceano Atlântico e a Oeste com a região do Pacuí. (VIEIRA, 2003, p.37).

⁷ Não se tem registro de algum trabalho específico sobre a etimologia da palavra Bailique. Outra hipótese dá conta de que na época da segunda guerra mundial (1939-1945) um navio teria encalhado numa praia da região e afundado. Nesse navio estaria escrito Bailique.

desenvolvimento sustentável no delta do rio Amazonas. Centro Amapaense de Atividades culturais, econômicas e sociais, 2000).

Outra pista sobre a origem das vilas do Bailique seria que após a expulsão dos jesuítas, em 1757 os aldeamentos dos índios foram elevados à categoria de vilas e suas igrejas estariam ligadas a paróquias. Pelas condições de acesso e outras dificuldades na ocupação da Amazônia, os franciscanos instalaram igrejas em terras amapaenses, sendo que “poucas conseguiram sobreviver Cassiporé e Curupi (...) durante esse período ficaram atuantes as paróquias de Macapá, Mazagão, Bailique e Cunani (...)” (Diretório Diocesano, p. 11).

Por outro lado, estudos⁸ realizados também mostram que as terras do atual estado do Amapá foram integradas ao projeto de colonização portuguesa e acreditamos que as ilhas do arquipélago ganharam nova perspectiva no contexto das disputas territoriais no final do século XIX, pois que ocorreu “a implantação de um destacamento militar, o qual emprestou soldados para construir e auxiliar o forte Dom Pedro II localizado no Rio Araguari, datado de 1840” (REIS, 1949: P. 132). Havia, naquele contexto, a preocupação em povoar a região, daí que: “os soldados que eram enviados para esses campos de força, caso se casassem com as nativas eram, por leis, amparados” (REIS, 1949, p.134).

O arquipélago é composto por oito ilhas e cada ilha é composta por algumas vilas pequenas e médias. Mas a principal vila, considerada o centro comercial da região é a Vila Progresso que possui aproximadamente quatro mil pessoas e abriga órgãos de prestação de serviço público, tais como correios, centro de saúde, bancos, escolas, posto policial e outros. O IBGE, censo 2010, contabilizou um índice demográfico de 7.618 habitantes na totalidade do arquipélago.

Características geográficas do Bailique

O Bailique faz parte administrativamente do município de Macapá. Entretanto, o Bailique chegou a ser desmembrado do território amapaense durante a década de 1940. Na mesma década, o Bailique voltou a ser administrado pelo município de Macapá.

Posteriormente, pelo mesmo decreto que cria o Território Federal do Amapá, Decreto-Lei Federal nº 5.812, de 13.09.1943, complementado pelo decreto nº 5.839 de 21.09.1943, Macapá aparece desfalcado do distrito de Bailique, de modo que este integrava o estado do Pará. Somente em maio de 1944, em virtude do Decreto-Lei Federal nº 6.550, o distrito do Bailique é reintegrado ao município de Macapá⁹.

⁸ Sobre

⁹IBGE. www.conm.org.br/Governo do Estado do Amapá.

O Bailique é um conjunto de ilhas, que sofre profunda influência do Oceano Atlântico. A forte ação do oceano sobre o rio provoca o surgimento de ilhas devido às sedimentações. Essa característica geográfica tem como base a movimentação das marés oceânicas e fluviais; muitas vezes essa massa hídrica se desloca com muita violência e acaba destruindo barrancos e proporcionando à região uma característica, isto é: o rio destrói os barrancos numa margem e constrói em outras.



Imagem nº 1: Mapa do arquipélago do Bailique. (www.google.com.br)

As ilhas surgiram após séculos de depósito de sedimentos orgânicos despejados pelo Amazonas. Não existem estudos científicos comprovando, mas há relatos orais de que na época da segunda guerra mundial (1939-1945) existiam apenas 5 ilhas, significando que em pouco mais de meio século quase dobrou o número de ilhas. Exemplo disso é que em épocas do inverno, alguns locais do rio da região estarem assoreados e ocorrer a formação de bancos de areia depositados por essa massa hídrica em constante movimento. Outra implicação dessa força das águas é a localização das vilas, já que os ribeirinhos estão sempre mudando de local e fundando novas vilas devido a queda de barrancos - fenômeno natural provocado pela força das marés.

No mapa abaixo podemos perceber que se trata de uma região estuária¹⁰ do Bailique, ou seja, a capacidade de formar ilhas por conta da força das águas e da movimentação de sedimentos. Na região também encontramos planícies fluviais inundáveis, constituídas por uma sedimentação mista: marinha e fluvial. Parte das ilhas está sujeita às inundações, ocorrendo nas margens um processo contínuo de erosão, com queda frequente de barrancos, provocado pelas marés e correntes. A terra dos barrancos normalmente é depositada nas costas de outras ilhas e nos canais fluviais, causando novas formações¹¹.



Imagem nº 2: mapa mostrando mudanças geológicas no Bailique no curso de 40 anos, aproximadamente. (www.google.com.br)

O rio Amazonas, ao longo de muitos anos, vem despejando em sua foz uma enorme quantidade de sedimentos, construindo e remodelando os arquipélagos do litoral do Amapá. Desta forma, o Bailique está em constantes transformações geológicas, fato que torna a viagem ao arquipélago cheia de perigos naturais. Os pilotos de embarcações devem estar atentos à formação tão rápida dessas praias. Além disso, acrescentamos as seguintes características complementares:

As Florestas de Várzeas são ecossistemas típicos da região, caracterizam-se por serem periodicamente inundadas pelas marés, abrangendo inúmeras espécies vegetais e animais. As florestas, de um modo geral, representam uma alternativa de sobrevivência para

¹⁰ Essa característica não é uma exclusividade do Bailique, já que na Amazônia ocorre com frequência a existência de arquipélagos que modificam sua estrutura geológica pela ação do rio.

¹¹ Essas informações não estão contidas em estudos geológicos pois ainda não foram feitas pesquisas que comprovem o surgimento dessas ilhas no Bailique. Tais informações foram obtidas em conversas com moradores antigos. Eles relatam que suas casas já foram reconstruídas dezenas de vezes devido à erosão. Além disso, algumas pequenas ilhas surgiram nos últimos anos, modificando a dinâmica do arquipélago.

as comunidades locais, que extraem delas açáí, palmito, frutas e madeira sob o controle dos órgãos de fiscalização ambiental.¹²

Os Campos de Várzeas são ecossistemas menos conhecidos, que ficam próximo às florestas, nas áreas internas do arquipélago, mas também são sujeitos às inundações provocadas pelas marés e chuvas, e oferecem alimento a diversas espécies de aves. Nestes ambientes inundáveis pratica-se a pecuária bovina em grandes fazendas, onde os bubalinos predominam já que são animais fortes e propícios para o ambiente inóspito das várzeas. Por outro lado, os moradores antigos relatam que há décadas os búfalos vem modificando a paisagem, pois destroem barrancos e alargam os igarapés.

Os Igarapés compõem a paisagem, pois cortam as ilhas em todas as direções, levando e trazendo a água das marés. Os igarapés são importantes para o Bailique e é deles que saem muitos dos alimentos das comunidades, como peixes e camarões. Além disso, é pelos igarapés que os caboclos do Bailique transitam diariamente.

Os manguezais são ambientes que aparecem na faixa costeira, no contato com a água salgada. O mangue do Bailique não é muito extenso e, nem produzir caranguejo, o manguezal é resultado do depósito de sedimentos oriundos da ação do oceano e se concentra na costa bailiquense. Apesar disso, não faz parte do cotidiano dos moradores da região, já que a concentração humana ocorre mais na parte interna do arquipélago. O manguezal é predominante em regiões com influência da água oceânica.

As praias, por sua vez, são elementos constantes da paisagem local, que ficam mais expostas quando a maré está baixa. Nelas vivem espécies vegetais e animais característicos como, por exemplo, as tartarugas marinhas que procuram as praias para reproduzir. É o caso das praias da ilha do Parazinho, uma área protegida por uma lei estadual.

Singrando o Amazonas: as viagens ao Bailique

O Bailique está localizado a nordeste da cidade de Macapá. Os barcos fazem um trajeto pelo Rio Amazonas e por alguns instantes se distanciarem da costa, mas não atravessam nenhuma baía. Apesar disso, nos meses de julho a dezembro a força dos ventos aumenta a incidência de maresias. A viagem de Macapá ao Bailique dura aproximadamente 12 horas, dependendo da potência do motor do barco (em geral as embarcações possuem

¹² Os órgãos de fiscalização são a Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SEMA) e Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (ICMBio).

velocidade baixa), tais embarcações¹³ se deslocam a uma velocidade média de 20 Km/h e, somado aos ventos muito fortes nos meses de verão, entre julho e dezembro, reduzem ainda mais a velocidade das embarcações. Esses ventos sopram na posição norte, segundo relatos de alguns moradores experientes na navegação, fruto de suas observações empíricas.

As viagens ao arquipélago do Bailique, em alguns meses do ano são mais perigosas, que acabam inibindo a presença de turistas. A bordo de embarcações em madeira, os ribeirinhos navegam todos os dias e resistem a ventos fortes e ondas que podem chegar de 2 a 3 metros, sobre as águas do caudaloso e turbulento Amazonas. Tais viagens são ainda mais perigosas na escuridão das noites, guiados pelas luzes das estrelas e da lua, que muitas vezes são as únicas fontes de iluminação para os barqueiros.

A viagem ao Bailique é dividida em duas partes: são doze horas de viagem para se chegar à principal Vila, Progresso. Após oito horas de viagem chega-se à entrada do arquipélago – extremidade conhecida como ponta do Curuá (navios de carga estrangeiros a reconhecem em seus GPS's como ponto demarcatório). Trata-se do trajeto mais perigoso, especialmente a travessia posterior à região conhecida como Igarapé do “mamão”. Após essa travessia, as ondas cedem lugar ao rio caudaloso que encanta os viajantes com praias habitadas por pássaros e outros animais da região. Após a Vila de Itamatatuba, localizada na ponta do Curuá, seguem-se outras vilas ao adentrar do arquipélago.

Essa região, sempre vista pelos habitantes da capital Macapá como sendo de difícil acesso, acaba ficando isolada geograficamente. Esse isolamento, acrescido do descaso dos governos em atender aos anseios da população, tem implicações na vida da comunidade pela falta de políticas públicas. Podemos afirmar que esse isolamento contribuiu, também, para formar uma cultura local a partir do contato dos ribeirinhos com a floresta. Pela falta de serviços médicos – o pajé teve ampla aceitação no trato de doenças físicas e espirituais.

Existem quarenta e duas comunidades no Bailique, sendo que a primeira está localizada na ilha do Curuá, logo na entrada do arquipélago – Vila de Itamatatuba. Doravante, seguem-se outras comunidades como Ilhinha, Carneiro, São Pedro, Igaçaba e outras comunidades até a ilha que abriga a Vila de Buritizal, ou seja, a ilha do Curuá.

- A Ilha do Curuá abriga as comunidades de Igarapé do Meio, Igarapé Grande, Santa Paz, Limão, Ponta do Curuá, Itamatatuba, Andiroba, São João Batista, Jaburuzinho, Jangada, Ilhinha, Cubana, Carneiro, São Pedro e **Buritizal**;

¹³ São exemplos de barcos da linha Macapá-Bailique: Rei Benedito, Deus nos Guie, Albatroz, Primavera, Edinei III, Virgem de Nazaré, Comandante Diego, Barco Camarada, dentre outros.

- A Ilha de Terra Grande estão localizada as comunidades de Maranata, Filadelfia, Equador, Boa Esperança, Monte Carlos, Arraiou, São Pedro da Ponta do Bailique, Santo Antonio, Livramento, Uricurituba, Junco, Foz do Gurijuba e Ilha Vitória;
- A Ilha do Franco abriga as comunidades de São Benedito da Freguesia, Franco Grande, Franquinho, Ponta da Esperança, Freguesia, Capinal, Eluzai e Igaçaba;
- Na ilha do Brigue encontram-se as comunidades Vila Progresso, Macedônia, Jaranduba e Nossa senhora Aparecida;
- Na ilha do Faustino, as comunidades de Mupéua, Maúba e Bom Jardim,
- A Ilha do Marinheiro abriga as comunidades de Igarapé do Macaco e Marinheiro de fora.



Foto nº 3 -A foto acima é de um barco da linha Macapá/Bailique- BM Albatroz, numa das viagens no interior do arquipélago. Percebemos a ausência de turbulência, pois essa parte da região é protegida dos ventos fortes (vetores de mareas e ondas).



Foto nº 4 - Foto acima mostra parte das estruturas da maioria das Vilas do arquipélago. Acervo Chico Terra.

A ocupação do arquipélago pelas vilas inclui a necessária construção de pontes suspensas do chão, pois nas marés grandes também conhecidas como lançantes¹⁴ de lua cheia, especialmente no mês de Março. As águas invadem a terra e inviabilizam a construção de casas muito próximas ao chão. O nível da água sobe aproximadamente 0,80 centímetros e tudo deve ser suspenso: galinheiros, chiqueiros, canteiros de hortaliças, etc...

É comum nas várias comunidades do arquipélago a realização das festas de santos padroeiros, todas elas com forte tradição¹⁵. Essas festas possuem ao mesmo tempo o aspecto religioso e profano, combinando fé e diversão, nas quais as pessoas aproveitam para pagar suas promessas e realizar sacramentos como batismo, além de entretenimento.

Essas tradições religiosas possuem seu ponto alto nas festas profanas, tão aguardadas pelos bailiquenses, a região quase não possui opções de diversão e entretenimento, o que torna cada festividade uma atração no calendário anual dos ribeirinhos. Praticamente todas as comunidades possuem uma santidade em que depositam sua fé e fazem pedidos de intercessão a Deus.

¹⁴ O termo lançante faz parte do cotidiano dos ribeirinhos. Cientificamente significa Sizínia, ou seja, o movimento sazonal das águas por ocasião da lua Cheia ou plenilúnio, bem como da lua Nova ou novilúnio – as marés atingem níveis mais elevados (VIEIRA, 2003).

Além dessa religiosidade latente, o Bailique conserva muitas tradições, quase todas ligadas ao rio e à floresta, aqui entendidos como vetores que contribuem para a origem de lendas e crenças populares. Destacamos, por exemplo, o costume de algumas pessoas ainda cultivarem próximo de casa alguma árvore de cipó d’alho, que na concepção dos ribeirinhos serve para afugentar o boto.

A população de todo o arquipélago é estimada em 7.618 mil habitantes (2010). A base econômica é a pesca, extração de palmito, açaí, macaxeira ou aipim e outros produtos como mel de abelha e pecuária bubalina. Não existe energia elétrica 24 horas, o que implica em várias limitações ao desenvolvimento econômico do arquipélago. Existe uma rádio comunitária, Rádio Comunitária do Bailique, que leva informações aos moradores das comunidades mais distantes.

Outra atividade importante é a pesca do camarão, encontrado em grandes quantidades. O camarão se reproduz nas praias, muito comum na região bailiquense o que facilita o desenvolvimento de O Bailique é repleto de praias. Os ribeirinhos utilizam a técnica da pesca com redes¹⁶ próprias, tecidas pelos próprios caboclos.

¹⁵ Assim, cabe uma breve abordagem sobre o sentido geral dessas festas como a que ocorre na comunidade de Franquinho (existe uma tradição que leva os ribeirinhos a uma grande procissão fluvial, barcos enfeitados e muito foguete) e especialmente a festa em louvor a Nossa Senhora da Conceição.

¹⁶ Existem duas técnicas para captura do camarão com redes: o arrasto, assim denominado pelos ribeirinhos; o segundo método consiste em fixar a rede e esperar que o camarão fique preso na rede.



Foto nº 5– Mapa mostrando a entrada do arquipélago do Bailique.
(www.google.com.br)

Na região do Bailique, as florestas abrigam um incalculável número de animais e várias espécies vegetais. Entre os mamíferos da região estão animais como paca, cutia, capivara e macacos, dentre eles o bicho preguiça. Já entre os mamíferos aquáticos destacam-se o boto, o peixe-boi, que apesar de raro, ainda pode ser observado alimentando-se da vegetação que se forma na parte submersa das praias. Segundo relatos orais, alguns peixes, como o Pirarucu, eram considerados raros há décadas mas hoje podem ser encontrados em boas quantidades.



Foto nº 6 -As ilhas possuem vasta rede hidrográfica, representada por rios, igarapés e água do mar. Devido a sua localização, as ilhas estão sujeitas a ação das marés e da pororoca. (Fotos: CAACES e IEPA)

Entre os quelônios destacam-se as tartarugas e outros animais como os camaleões, que são protegidos pelos órgãos ambientais estaduais. Diversas espécies vegetais também encontram abrigos nos ecossistemas do arquipélago, como as araras, garças, guarás e outras, além dos peixes, anfíbios, invertebrados e plantas, entre elas, espécies consideradas medicinais pelos moradores: arruda, hortelanzinho, manjericão, alfavaca, canela, mastruz, vick¹⁷, erva cidreira, capim limão ou capim santo, anador e boldo.

Outro elemento de transformação e dinâmica da região é a presença dos búfalos, animais robustos e fortes, não são nativos do arquipélago. Devido à força desses animais, destroem os barrancos e abrem igarapés muito rapidamente, ou seja, os igarapés estão se alargando e criando canais de comunicação entre si. O resultado disso foi o alargamento dos rios, e a conseqüente movimentação de inúmeras espécies de peixes como o pirarucu, que não fazia parte do cardápio dos bailiquenses, mas que agora baixaram os rios. Deslocaram-se da área continental para a região das ilhas e se adaptaram ao Bailique.

Vila do Buritizal: lócus da pesquisa

A pesquisa ora apresentada tem por objeto a festa¹⁸ em louvor a Nossa Senhora da Conceição, que se realiza anualmente na Vila de Buritizal, localizada no Distrito do Bailique, município de Macapá-Ap. A origem histórica da vila do Buritizal ainda não é conhecida, tampouco o significado exato do nome da vila; a hipótese mais provável seria de que no igarapé que abriga a comunidade teria grande quantidade de árvores da espécie buritizeiro¹⁹. O que de fato se comprova ao observar a paisagem local.

A Vila do Buritizal é uma comunidade com aproximadamente 600 pessoas cuja religiosidade mantém acesa a chama da fé na padroeira Nossa Senhora da Conceição, a imagem fica numa pequena Igreja ligada à Diocese de Macapá – antiga prelazia de Macapá²⁰. Mais especificamente, hoje, a Igreja de N. S. da Conceição está ligada à Paróquia Cristo Libertador (sede em São Joaquim do Pacuí). Sendo assim, “para os ribeirinhos [da Amazônia, grifo meu], os santos são protetores, com poderes benevolentes, aos quais podem pedir auxílio e proteção” (FRAXE, 2004, p. 317).

Para melhor apresentar a temática de uma comunidade, recorreremos ao uso da expressão “comum” e cotidiano do termo comunidade, no qual se pode recorrer ao dicionário (Houaiss, 2001), em que se encontra definida como: 1) estado ou qualidade das coisas materiais ou das noções abstratas comuns a diversos indivíduos, comunhão; 2) concordância, concerto, harmonia; 3) conjunto de indivíduos organizados em um todo ou que manifestam, geralmente de maneira consciente, algum traço de união; 4) conjunto de habitantes de um mesmo Estado ou qualquer grupo social cujos elementos vivam em dada área, sob um governo comum e irmanados por um mesmo legado cultural e histórico.

Para além dessa definição ainda pouco precisa, a palavra comunidade sugere uma forma de relacionamento caracterizada por altos graus de intimidade, vínculos emocionais, comprometimento moral e coesão social; e não se trata apenas de um vínculo passageiro. As relações caracterizadas como comunidade têm sua continuidade no tempo. O espaço também

¹⁷ Planta usada para fazer chá e que possui um cheiro característico ao produto vendido nas farmácias, cujo nome comercial é vick, é usado como descongestionante nasal.

¹⁸As festas de Santo são uma forte tradição no Bailique, não se restringindo ao Buritizal, assim destacamos: a homenagem a São Sebastião (comunidade Bom Jardim), São João Batista (comunidade Macaco de Fora), São Pedro (comunidade Franquinho). Além dessas, existem as festas organizadas por famílias, denominadas localmente de “mucurinhas”.

¹⁹ Palmeira típica do norte do Brasil, em média 10 metros de altura e produz frutos pouco apreciados pela culinária, embora usado na fabricação de alguns doces e cosméticos.

²⁰Prelazia de Macapá (*Territorialis Praelatura Macapensis*) foi ereta canonicamente pelo Papa Pio XII, por meio da bula *Unius Apostolicae Sedis*, de 1º de fevereiro de 1949, a partir de território desmembrado da então Prelazia de Santarém. Foi confiada pela Santa Sé aos cuidados do Pontifício Instituto das Missões (PIME). No dia 23 de março do mesmo ano a prelazia é instalada por Dom Frei Anselmo Pietrulla, OFM, bispo prelado de Santarém.

é importante na caracterização da comunidade, pois esta é localizada e envolve vínculos de proximidade espacial, tanto quanto de proximidade emocional.

Comunidade é uma fusão de sentimentos e pensamentos, de tradição e compromisso, de adesão e volição. Pode ser encontrado em, ou expressar simbolicamente, localidade, religião, nação, raça, idade, ocupação, ou cruzada. Seu arquétipo, tanto historicamente e simbolicamente, é a família, e em quase todo tipo de verdadeira comunidade a nomenclatura da família é importante. Fundamentais para a força do vínculo da comunidade é a antítese verdadeira ou imaginada formada no mesmo tecido social, pelas relações não-comunais de concorrência ou conflito, utilidade ou aceitação contratual. Estes, por sua relativa impessoalidade e anonimato, destacam os laços pessoais estreitos da comunidade (Nisbet , 1967, p. 48).

Os comentários acima contribuem para esclarecer o sentido de comunidade ribeirinha, como sendo um grupo de pessoas envolvidas num espaço rural, com forte influência da natureza sobre o cotidiano. Exemplo disso é o regime das marés, que influencia em vários aspectos da vida do grupo. Sobre a relação entre os ribeirinhos e a natureza e suas formas de exploração dos recursos naturais.

Os moradores sobrevivem da extração dos recursos que a natureza dispõe e praticam uma agricultura de subsistência do tipo roçagem e coivara²¹ associado ao antigo costume da queima. A comunidade do Buritizal está localizada na ilha do Curuá e possui, resumidamente, as seguintes características:

- Um ecossistema que possui dinâmica ligada ao regime das marés, o que resulta em campos naturais e florestas de várzea (Além de terra firme), sendo a presença de manguezais um elemento secundário, predominante em algumas ilhas mais distantes. Além da presença de Igarapés como vias de acesso e trânsito entre as regiões.

As espécies características das florestas de várzea na região estuarina do Buritizal são marcadas pelo domínio de palmeiras, destacando-se o açáí, buriti, ubucú e urucuri. No caso da Vila de Buritizal predomina essa vegetação, incluindo o Buritizeiro, palmeira que cedeu o nome para a vila.

²¹ Coivara consiste em derrubar a vegetação, espera-se um tempo de secagem. A queima da vegetação seca, além de limpar a área a ser plantada, melhora a qualidade do solo, segundo os caboclos.

Estrutura sócio econômica da Vila do Buritizal

A Atividade de caça e pesca é a base da alimentação dos moradores de Buritizal, complementada com a extração de frutos, dentre eles o açaí. Além disso, a exploração de recursos naturais como a castanha, madeiras, palmito e sementes oleaginosas são complementares à renda familiar. O palmito tornou-se um produto muito explorado, pois existem pequenas fábricas que extraem e beneficiam o palmito tipo exportação.

Algumas atividades com o tempo acabaram tornando-se obsoletas como a extração do látex da seringueira, as “bolotas” como eram conhecidas, vendidas aos regatões que por sua vez exportavam para o porto de Belém-Pa. Além disso, era um costume antigo fazer manteiga usando o caroço do muru-muru²². Hoje, pouco se usa esse produto, ficando apenas na memória dos moradores mais antigos. Os primeiros regatões faziam uma espécie de monopólio, já que pagavam quanto queriam pelos produtos.

A extração do grude da gurijuba²³, bexiga do peixe com o mesmo nome, também rende muito no orçamento familiar dos moradores de Buritizal, pois alguns países orientais utilizam a grude como medicamento - o que explica a grande procura pelo produto. Já a apicultura aparece como uma atividade pouco utilizada para fins comerciais, sendo o mel mais usado com fins medicinais que cumpre com parte das tradições locais.

A produção econômica da Vila de Buritizal tem como uma de suas bases a extração de oleaginosas, de sementes com alto poder de extração de óleos – muitos deles com poder medicinal²⁴. Na segunda metade do século XX era comum a extração de látex da seringueira que era revendido para Macapá e para outras regiões do Brasil e do mundo – movimento de produtos nos porões dos regatões. Hoje, as bolotas de seringa ficaram apenas na memória dos moradores de Buritizal. Essa economia gomífera perdeu força no Buritizal e no Bailique, em geral, permanecendo a atividade de exploração das oleaginosas.

A extração do açaí aparece como uma economia complementar, como alternativa de alimentos para populações ribeirinhas com poucas opções nutricionais. Em geral os moradores dessas regiões do Buritizal consomem alguma carne (e/ou gordura) salgada com “pirão”²⁵ de açaí - uma nutrição com poucas fibras, diga-se de passagem, cujo resultado gera elevados índices de pressão alta em alguns moradores e um reduzido porte

²² O muru-muru é uma espécie vegetal cuja amêndoa possui alto poder de oleosidade, da qual era costume se extrair uma espécie de manteiga. Hoje, é raro alguma família consumir esse produto.

²³ Gurijuba é um peixe de pele de água doce, que pesa em média 20 kg é muito apreciado na Amazônia.

²⁴ Dentre essas oleaginosas, destacam-se: andiroba e pracaxi.

²⁵ Uma substância resultante da mistura de açaí com farinha de mandioca, parte do hábito alimentar local.

físico dos ribeirinhos. Os resultados dessa nutrição no desenvolvimento corporal dos ribeirinhos ainda carece de investigação científica.

Outra atividade relacionada a pescaria na pequena Vila de Buritizal tem origem na grude ou bexiga do peixe denominado gurijuba é usado no preparo de colas como Super bonder em alguns países do Oriente. Também é usado como preparo medicinal. O manuseio e transporte desses materiais movimentaram muitas pessoas na região. Os regatões alimentavam as docas de Belém²⁶, tanto de grude como de estórias narradas sobre as aventuras fluviais dessas embarcações singrando a imensidão do Amazonas, num movimento de idas e vindas desse e outros produtos.

Já o peixe é a base principal da alimentação das comunidades do arquipélago do Bailique, seja pela presença em abundância desse recurso alimentar, seja pelo saboroso prato que dele se pode preparar. Nos meses de julho a dezembro, acentua-se a reprodução de grandes cardumes de vários peixes como Tamuatá, Gijú, traíra, Aracú e outros – os chamados “peixes do mato”, que se reproduzem em igarapés. Os ribeirinhos utilizam, então, a técnica da gapuia²⁷ para capturar os peixes do mato.

O arquipélago também produz peixes de peles de médio e grande porte, oriundos das águas oceânicas. Os barcos de pesca de tamanho pequeno e médio se aventuram pelas regiões próximas ao Oceano Atlântico onde a água já é salgada - região norte como denominam os próprios pescadores - e obtêm enormes quantidades de “peixes de peles” (Dourada, Filhote, Gurijuba Cação, Piramutaba e outros).

²⁶ Sobre isso, ver a dissertação de mestrado: CAMBRAIA, Paulo Marcelo da Costa. *Na ilharga da fortaleza, logo ali na beira, lá tem o regatão: os significados dos regatões na vida do Amapá (1945-1970)*. Belém: Açaí, 2008.

²⁷ Gapuiar é uma técnica rústica que consiste em tapar com lama os dois lados de um igarapé e proceder a retirada da água, permanecendo o peixe, sendo facilmente capturado.



Foto nº 6– A pesca faz parte do cotidiano dos bailiquenses. Na foto, barcos de pesca e uma pequena montaria em busca de alimento.

Esses pescadores procuram agendar o calendário das pescas para acompanhar as festividades em louvor a Nossa Senhora da Conceição – uma forma de agradecer as bênçãos obtidas durante o ano. Além de tudo isso, os pescadores aproveitam a data para retornar à Vila, já que precede às comemorações natalinas e a necessidade de se juntar a sua família.

Outro aspecto a ser destacado é a arte da carpintaria naval muito difundida na região. É repassada aos jovens dos estaleiros. É uma técnica que está ligada não apenas a cultura local, mas principalmente a necessidade de locomoção dos moradores do Buritizal. Embarcações são construídas com perfeição, mesmo que esses homens nunca tenham frequentado escolas de engenharia naval. Trata-se de um conhecimento empírico e tradicional.

Por outro lado, a carpintaria civil, voltada para a construção de casas também está presente. Há décadas atrás os modelos de casas usavam predominantemente a Jussara²⁸ como matéria prima nas construções de casas. Antigamente, as residências tinham em geral apenas um cômodo, costume oriundo provavelmente dos indígenas. Atualmente, a Jussara é usada apenas como complemento em alguns cômodos das casas da Vila de Buritizal. Homens como o Sr. Raimundo Barbosa, com décadas de experiência na arte de fabricar barcos, repassou aos filhos essa prática sem ter passado por alguma faculdade de engenharia.

²⁸ Corresponde a tiras do tronco da açazeira cortada ao meio, transversalmente, ou em quatro partes, dependendo da necessidade. Em geral, a jussara é mais usada ainda hoje em locais mais rústicos, onde recebe maior volume de água.

A vila do Buritizal, segundo os moradores mais velhos é uma das mais antigas do arquipélago dentre as mais de 40 comunidades que existem naquela região, bem como sua festividade religiosa é uma das que poucas vezes deixou de ocorrer, o que indica a devoção de seus habitantes. A origem histórica da Vila também é uma incógnita, pela falta de documentação escrita nos arquivos locais e pela dificuldade de se encontrar um fio condutor para elucidar as questões relativas à origem da Vila. Pelos relatos coletados oralmente, a pequena Vila pode ter aproximadamente 200 anos, data que pode coincidir com a origem da própria festividade de N. S. da Conceição.



Foto nº 7 -Pessoas da Vila de Buritizal na manhã anterior ao início da festividade ano 2013, são os preparativos finais. Acervo do pesquisador.

Sabe-se, contudo, que na metade do século XVIII já se pronunciava o nome Bailique para se referir ao canal que faz a ligação entre o Amazonas e o Atlântico, além das ilhas serem citadas nos documentos como refúgio de grupos humanos. Com isso podemos inferir que a hipótese mais lógica para a origem da vila poderia ter sido após a ocupação de grupos oriundos de alguma ação missionária da Igreja Católica ou de algum povoado remanescente de quilombo.

Sobre essa movimentação de grupos sociais no Bailique, assim destacou Flávio Gomes: “Em 1791, o governador de Macapá tentava encontrar ‘vestígio’ relativo ‘a qualquer mocambo de brancos, índios ou pretos. Dois anos depois tentar-se-ia capturar fugidos que tinham se estabelecido próximo ao canal de Bailique” (GOMES, 1999, p.258).

Outra característica da região do Buritizal foi seu isolamento geográfico, já que a vila esteve sempre à margem da sociedade e economia regional. Uma dificuldade de acesso e comunicação, em parte devido a sua condição insular, mas também pela falta de políticas públicas eficientes. A Igreja Católica passou, então, a preencher o vazio deixado pelo estado – a Igreja funcionou como parte integrante da sociedade em todos os aspectos religiosos de tal forma que as festas de santo sustentam, ou seja, materializam a religiosidade daquele povo com pouco acolhimento por parte das instituições públicas.

Os eventos dominicais ligados a Nossa Senhora da Conceição funcionavam reprodutoras do cotidiano local, relacionando e aproximando as pessoas. Logo, para melhor entendermos a dinâmica social dessa pequena comunidade, parte-se dessas tradições religiosas que remontam ao devotamento e dedicação dos moradores primitivos e dos saberes locais acumulados e transformados ao longo dos tempos.

Em outras palavras, a comunidade do Buritizal desenvolveu sua cultura ligada aos saberes tradicionais como, por exemplo, a pajelança e os encantados. A pequena Igreja de Nossa Senhora da Conceição, sempre abrigou reuniões oficiais da instituição católica e manteve acesa a chama da fé. Nos documentos escritos pelas lideranças locais há referência ao enorme respeito aos dogmas reverenciando a Deus e ao Papa.

Crenças, pajelança e curandeirismo no Buritizal

O Buritizal, localizado num contexto com forte influência rural, apresenta-se como um espaço propício ao desenvolvimento do imaginário²⁹ é onde os homens se realizam como coautores de mitos e lendas, todas elas expressão da vida na sua plenitude.

Essa relação dos homens com sua realidade é mediado pela bagagem simbólica que possuem: barcos, alimentos, a água e a mata são exemplos da natureza na qual estão imersos homens e mulheres, exercitando na plenitude sua concepções de mundo. Segundo Fraxe: os caboclos³⁰ “estão dispersos ao longo de extensos espaços e onde se acham

²⁹ Devemos lembrar que no ambiente urbano também se desenvolvem várias formas de imaginário.

³⁰ Utilizamos a expressão caboclo partindo de duas concepções usuais dentro da antropologia regional, quais sejam; Lima (1999) como categoria conceitual, ligada à representação taxada por outros grupos como brancos e uma categoria fixa representativa de produtores rurais; já Rodrigues (2006), associa mais a tendência

mergulhados numa ideia de infinitude, propiciadora da expansão do imaginário” (FRAXE, 2004, p 304).

Em outras palavras a construção simbólica dos ribeirinhos do Buritizal nos remete a pensar no contexto social em que estão inseridos, já que os ribeirinhos agem sempre em consonância com suas próprias instituições. Para tanto, é necessário analisar a realidade sócio simbólica da sociedade em questão, imersa num contexto bucólico e pastoril. “seja qual for o ângulo pelo qual se olhe a questão, é essencial atentarmos para o fato de que essas construções simbólicas como produtos sociais têm sempre que ser remetidas às condições sociais que as engendram” (FRAXE, 2004, p. 312).

A pajelança, nessa pesquisa, foi pensada a partir da seguinte análise: **O primeiro** sendo uma alternativa encontrada pelos ribeirinhos da vila de Buritizal para potencializar substâncias retiradas da floresta, oriundos da tradição indígena. Essa prática era muito usual em momentos de falta de atendimento médico, pois o pajé é o agente que conhece as raízes medicinais e recebe orientações dos espíritos para tratar as doenças. No Buritizal o pajé era o curandeiro, levantamos como hipótese que nos primórdios da vila a prática do curandeirismo era mais intensa.

Fraxe (2004, p. 20) fundamenta essa concepção ao dizer que:

Uma cultura de profundas relações com a natureza, que perdura, consolida e fecunda o imaginário desse conjunto social, isto é, no âmbito de uma cultura “híbrida” com relação aos cânones urbanos, o caboclo busca desvendar os segredos de seu mundo, reconhecendo mitos, lendas, plantas medicinais, rezadeiras, assim como o trabalho, ao labor e ao lazer; onde o homem viveu e ainda vive, em algumas áreas de forma tradicional, alimentando-se de pratos típicos, celebrando a vida nas festividades e danças originais, banhando-se prazerosamente nas águas dos rios e das chuvas, curando-se de suas doenças com as plantas e ervas das florestas.

Muitas pessoas recorrem aos pajés, também, como alternativa de cura para alguns problemas de saúde. Esta prática continua sendo repassada, pois na vila do Buritizal, ouvimos relatos de que existe um jovem que pode vir a se tornar um pajé. “Eram pajés e curandeiros os que, afinal, tratavam das verminoses, febres palustres e sezões, tão comuns nas populações mais pobres das capitais, do interior do Pará e do Amazonas” (FIGUEIREDO, 2003, p. 59).

preconceituosa da palavra, discute a partir da categoria “caboclo” a construção da identidade do amazônida num processo de resistência e jogo de alteridades.

O segundo viés de análise é a crença em seres encantados, como o “galo preto”³¹. Segundo Maués: “essas concepções dizem respeito mais especificamente à pajelança rural ou de origem rural cabocla que tem como crença fundamental a concepção dos encantados” (MAUÉS, 1995. p. 258). Portanto, como de resto da Amazônia, a pajelança na vila do Buritizal é resultado do xamanismo nativo ou indígena com elementos da colonização portuguesa e que cumprem um papel místico que ajuda a explicar parte da cultura local. Não é possível dissociar a figura do curandeiro com a presença dos seres encantados como o galo preto.

A prática curandeira no Buritizal é semelhante à Amazônia. A *cura* nos terreiros - no Buritizal o pajé não possui um local específico de atuação – costuma ser apresentada como uma tradição indígena há muito absorvida por negros, embora nunca se explique como se deu a passagem da cultura indígena para a afro brasileira. As celebrações estão sempre ligado a um cântico, uma reza ou outro elemento que possa ter sido recebido de pajés indígenas ou caboclos índios mestiços, estabelecendo uma comunicação entre espíritos. Em geral, as pessoas “doentes” se deslocam até a residência do curandeiro para receber o atendimento espiritual ou o “doutor” da floresta se dirige ao “doente” quando este tem dificuldade de locomoção.

No Buritizal, há uma combinação e uma relação entre espectros mágicos, tabus tradicionais, crença nos pajés e seus espíritos (através da pajelança) com o catolicismo popular e o culto aos santos. Esta relação não é conflituosa. É peculiar dos habitantes da Amazônia a crença em poderes sobrenaturais da floresta, do rio, as superstições, credences e lendas, como sendo os vetores dessa miscelânea cultural. A Igreja oficialmente, durante as desobrigas parece ter “aceitado” as práticas de pajelança no Buritizal, indicando que na impossibilidade de anulá-lo completamente, pode ter optado por “permiti-lo”.

Como atesta Maués, a pajelança perdeu força e é quase impossível se encontrar pajés nas grandes cidades como Belém, mas essa prática ainda sobrevive em comunidades ribeirinhas. Vejamos:

Apesar disso, a pajelança cabocla continua muito viva no interior da Amazônia, como parte integrante da diversidade religiosa do caboclo da região, integrada ao catolicismo e passando por transformações como processo social dinâmico que tem grande influencia na vida das populações rurais desta região (MAUÉS, 1995)

³¹A entidade Galo Preto, que tanto já alimentou a imaginação dos moradores do Buritizal, se enquadra na referência dos encantados da mata e pode ser associado ao curupira e ao anhangá. Estes são seres perigosos e podem maltratar as pessoas, “mundiá-las” ou “maliná-las”.

Disso se conclui que as doenças espirituais e a pajelança³², embora hoje ocupem papel secundário no imaginário popular, ainda estão presentes em parte do cotidiano daquela comunidade. Destarte, tais “malinesas” não existiriam sem a influência da natureza. Tampouco, o pajé encontra funcionalidade numa povoação em que as entidades espirituais são algo considerado como “verdade” em sua existência. Separar tais elementos numa Vila como o Buritizal é, indubitavelmente, nadar na correnteza da história.

Tal situação de enfermidade, as malinesas, retrocede somente com as benzidas os pajés. Isso indica que o imaginário não sobrevive sem a ação dos curandeiros, e vice-versa. Nisso conclui-se que uma região de mata fechada como no Bailique, torna-se favorável a presença de seres espirituais: **um terreno fértil para se estudar a estrutura simbólica**, um dos passos para se compreender a dinâmica funcional daquela sociedade.

Seu Ginuca assim se referiu a pajelança no contexto das práticas de curandeirismo no Buritizal nas décadas de 1870 e 1980. vejamos:

No meu tempo era o pajé, seu Demétrio, que morava no Siriuba. Hoje existe o macumbeiro... na bíblia diz: ‘dai de graça o que recebeis’, hoje tem gente que cobra pelos trabalhos. O Demétrio pedia apenas para comprar o material: cachaça, tabaco, alecrim e alfazema – tudo remédio do mato... mas o finado Demétrio não curava feitiço(...).

Aos botos, que se acredita sejam encantados e possam se transformar em seres humanos. [...] aos companheiros de fundo, “encantados” que habitam o fundo dos rios e igarapés; às mães de bicho, entidades protetoras da vida animal e vegetal. Além desses, cuja caracterização é bastante definida, existem outros sobrenaturais a que o caboclo do Buritizal denomina genericamente de **“bichos visagentos”**, em geral associados a um acidente natural, o rio, o igarapé, ou um trecho da mata. Essas crenças mitológicas, associadas às reverências aos ídolos católicos ou festas de santos caracterizam uma base religiosa popular.

As estórias de visagens e encantamentos fazem parte do imaginário cultural da comunidade [do Buritizal, inclusive]. Na época da Semana Santa e Dia de Finados os moradores não realizam trabalho. Os moradores mais antigos contam que, antigamente, quando se trabalhava nesses dias apareciam dentro da mata visagens e misuras. Como exemplo, contam que há muito tempo atrás o pai de uma moradora saiu para trabalhar na roça e desapareceu na mata sem deixar vestígios e nunca mais apareceu. (Fonte: IEPA)

A construção cultural da região ribeirinha do Buritizal em questão é marcada pelo entrelaçamento de costumes diversos, indígenas, negros, quilombolas, brancos, católicos, protestantes, religiões africanas e xamãs/pajés. O resultado disso, ou seja, a cultura cabocla, se

³²Para Anaíza Vergolino a pajelança vivida na Amazônia, de procedência indígena, “é uma forma de xamanismo em que se dá a ocorrência do fenômeno da incorporação pelo pajé, sendo seu corpo tomado, no transe ritual, por entidades conhecidas como encantados ou caruanas” (VERGOLINO, 2005, p. 64).

evidencia a partir da incorporação feitas pela Igreja Católica no calendário religioso das tradições locais como folias, mastros simbólicos, receitas medicinais e curas xamãs, tudo isso no tempo presente com implicações socioculturais. Em outros termos, o estudo da festa de N. S. da Conceição nos permite pensar o Bailique como resultante desses vetores culturais e as florestas, rios e Igarapés como elementos simbólicos. Tudo isso, associado a outros fatores, introduz no imaginário popular caboclo os chamados “seres encantados”.

Jacques Le Goff estudou as florestas europeias como um espaço mágico e produtor de simbologias: “o sentido simbólico profundo da floresta se exprime na produção do imaginário” (FRAXE, 2004, p. 330) daí resulta, nessa pesquisa, que a floresta tem sido um lócus privilegiado do imaginário popular coletivo dos moradores do Buritizal.

A cultura dos moradores do Buritizal, construída numa base religiosa com forte apelo na oralidade, que remonta às tradições, tem nos rios e na floresta sua base. Tal relação contribuiu para a formação de um imaginário que privilegia crenças em elementos místicos sobretudo no que diz respeito a crenças e formas de compreensão da própria realidade. Assim, segundo Fraxe: “a relação do caboclo com a água que atravessa seu cotidiano se torna de importância vital para a compreensão desse homem e do universo que o habita” (FRAXE, 2004, p. 296).

Diante de tais observações podemos nos remeter ao pensamento de Geertz para entender como essas “entidades” foram construídas culturalmente em Buritizal. A partir das palavras de alguns moradores podemos perceber que os saberes culturais e o processo de mediação de cura, contribuiu para a existência das crenças em seres encantados dita regras explícitas sobre o respeito à natureza da vida que devem ser observadas como: pedir licença ao entrar na mata e ao atravessar igarapés, mulheres evitam banhar-se no rio estando menstruadas, as interdições alimentares sobre reimas, o cuidado com o manuseio de alimentos estando grávida ou menstruada, dentre outras.

O processo de mediação de cura entre pajé, espíritos e “doente” se efetiva como em quase todas as situações numa dimensão mágico-simbólica, em que os “profissionais do mato” se utilizam de ritos repletos de ações e pensamentos variados como orações, manipulações de substâncias, gesticulações, falas estranhas e interdições, assim como a representação da doença em elementos simbólicos como algum pedaço de erva, um agulha, um pedaço de pano molhado e/ou embebido em aromatizante, água, é provável que dessa maneira, construam seu exercício de pajelança atuando de forma empírica dentro da lógica cultural e cosmológica da localidade, dando o mesmo nível de atenção tanto para adoecimento de ordem material como espiritual.

O Senhor Ginuca assim se referiu à festa em sua época, por volta da década de 1950:

Antes tinha o presidente, que imprimia o jornal o juiz de honra e o mordomo. Os comerciantes, pescadores e outros moradores esperavam o padre vim dizer missa e batizavam seus filho, hoje é diferente, é preciso fazer reunião na minha época o padre ia na casa do piqueno batizar (...)

O jornal ao qual se referem os moradores era uma espécie de folder, usado para fins de divulgação do evento, para atrair devotos e brincantes da festa.

Enquanto isso, o Juiz de Honra era, geralmente, um comerciante que se dispunha a contribuir financeiramente com o evento seja contribuindo com dinheiro ou com doações de produtos para o leilão ou bingo.

Nas décadas de 1960 a 1980 foram criados “personagens” como Juiz de Honra, que nos remete a pensar o evento religioso numa perspectiva de símbolo, não no sentido material ou concreto, mas uma espécie de compadrio simbólico, já que os padrinhos podem ascender ao nobre estatuto de alguém que homenageia a santidade em questão. Podemos comparar a comadre ou compadre que por meio dos ritos³³ dos festejos juninos, tornam-se o que eles chamam de “padrinho de fogueira”. O juiz de honra pagava uma espécie de “dizimo a mais” para ter o privilégio social de ocupar uma posição de centro naquelas relações sociais estabelecidas durante o tempo da festa.

Na Vila de Buritizal hoje se perdeu o costume de hierarquizar a festa em “personagens”, as pessoas ainda continuam doando brindes para N. S. da Conceição talvez com o mesmo ímpeto e objetivos das bênçãos que todos querem alcançar, mas não se estipulam mais valores específicos para ocupar este ou aquele posto na organização social temporária da festa. Portanto, com tal dinâmica antigamente se empunhava a bandeira dos grandes dízimos pagos, o que parecia refletir no próprio sucesso de tais eventos.

³³Entendemos rito de forma genérica como todos os atos praticados com alguma regularidade sendo sistematizado e podendo se encontrar na dinâmica da vida cotidiana do grupo estudado, porém no contexto da

Imaginário popular na Vila do Buritizal

Algumas visagens caracterizam o imaginário da sociedade cabocla de Buritizal, dentre elas, a figura do Galo Preto³⁴ - uma entidade espiritual que supostamente habita a extremidade de uma ribanceira no entroncamento dos Igarapés do Cardoso e Furo. O Galo Preto se manifestaria, no imaginário popular, através do canto matinal; mas, sobretudo, essa entidade proíbe a entrada de pessoas sem sua autorização e quando alguém insiste nisso, são supostamente “mexidas” ou “bulidas” por ele – resultando em mal-estar e febre (diz-se de uma “flechada” ou “mal-olhado” do Galo cujo remédio é conhecido pelos pajés).

Tal entidade espiritual, Galo Preto, há relatos, era camarada de um pajé. Todas as vezes que fazia seções de pajeísmo o pajé Raimundão o invocava para lhe ensinar algum remédio. Era comum algumas pessoas procurarem os pajés para solicitar algum “trabalho”. O mesmo pajé invocava outra entidade, o camarado³⁵ por nome Carapirá - trata-se de um pássaro. O senhor Raimundo Pena afirmou que durante as seções algumas mulheres que acompanhavam a secção cantavam o seguinte:

Chegou o carapirá

Pássaro bonito

Voa no ar, é o carapirá

Engole a sardinha sem mastigar

A referida cantiga popular, narrada pelo Sr. Dico Pena, hoje se perdeu em meio a outros costumes, já não se tem a presença de pajés³⁶ no Buritizal, mas ficaram essas ideias no imaginário popular. Durante a seção de pajelança no Buritizal era comum o uso de alguns objetos ritualísticos como por exemplo: tauarí, tipo de fibra com alto poder de queima, era acendido pelo porteiro. Qualquer voluntário podia fornecer os objetos solicitados pelo pajé durante a seção. O maracá ficava dentro de um recipiente e era usado para fazer barulho.

magia os ritos são atos mágicos à medida que são executados embasados por crenças, representações e cerimônias, na opinião de Mauss (2003) a magia age por meio dos ritos mantidos pela coletividade.

³⁴Para trabalhar o conceito mágico-simbólico temos como referência Marcel Mauss (2003) ao discutir a definição de magia, que compreende o agente, os atos e as representações. Mauss considera a magia como sistema desencadeado por um indivíduo que concretiza em forma de ações as ideias e as crenças solidificadas no grupo social. Entendemos por “mágico-simbólico” o sistema de crenças expressadas por meio de atos que buscam substituir algo ou ideia por outra referência com objetivo de comunicar a eficácia da magia.

³⁵ Camarado é o nome da entidade espiritual que era invocado pelo pajé durante a seção espiritual, o camarado sempre acompanhava o pajé e era quem o guiava, enfim, ensinava os remédios.

³⁶ Dentre as entidades espirituais denominados camarada curador na tradição do Buritizal destacamos o Galo Preto, o mestre paricá e o carapirá, para ficar apenas nesses exemplos.

Por fim, havia as três penas de arara, cujo significado não foi explicado por nenhum dos entrevistados – em geral os pajés tinham o hábito de bater com as penas de arara na região do corpo do “paciente”. Em certas ocasiões, o pajé Raimundão colocava o cigarro de tauarí com a extremidade acesa dentro da boca e produzia uma fumaça, então assoprava na área do corpo que precisava do “trabalho”.

Em geral os remédios ensinados pelos pajés incluía a fricção de partes do corpo, ou seja, o ato de esfregar com força determinada área do corpo servia para afastar o mal ou a dor indesejada; muitos dos entrevistados se referiu à catinga de mulata, ou seja, uma planta aromática semelhante a arruda como remédio muito indicado para vários males.

Existem outras formas de crenças, não especificamente denominadas pelos caboclos do Buritizal, simplesmente as pessoas acreditam que visagens podem ser apenas espíritos que vagam aleatoriamente e “interferem” no cotidiano das pessoas. Isso percebemos nas palavras abaixo:

Casei com a Marinéia, cheguei em casa e o Bagre [senhor Milton] disse que comprou a munição mas eu disse que não pedi nada não ... ele disse que eu tinha me encontrado e pedido para comprar escumilha [pólvora] depois pedi para o pajé Marico fazer um trabalho e ele descobriu que o espírito do Alemão tinha feito uma promessa para a santa [Nossa Senhora da Conceição]... eu iria atirar e cumprir a promessa do Alemão se fez passar por mim (...)(Seu Ginuca)

Os seres encantados na região estudada, refere-se, também, a “malinesa”³⁷, quais sejam as maiores responsáveis por essa doença espiritual cuja cura somente o pajé conhece. A causa instrumental é uma “flecha invisível” que o encantado atira sobre a vítima. Sua motivação ou causa final pode ser simplesmente a maldade; mas a causa final pode também depender de um descuido ou desrespeito por parte da vítima.

Qualquer pessoa, ao passar por um rio ou lugares onde costumam estar os encantados do fundo ou numa extremidade que separa dois igarapés como no caso do Galo Preto, deve adotar uma atitude respeitosa e “pedir licença” à “mãe do rio”, ou seja, encantado que “governa” aquele local. Maués cita que essas doenças são de ocorrência muito ampla, e que “estão nesse caso, o mau-olhado e o quebranto” (MAUÉS, 1999, 239).

A fórmula usual, levada a sério apenas pelos mais velhos é a seguinte: “Dá licença, senhor [ou senhora]!”. Caso a pessoa não faça isso por descuido ou, ainda, assuma uma atitude desrespeitosa nesses lugares, está sujeita a ser atingida por uma “flechada”, que lhe provoca uma dor localizada em alguma parte do corpo, sendo considerada uma doença grave ou doença “braba”. Assim: “cruzar um rio ou igarapé sem pedir licença e,

³⁷ Sobre a “malinesa”, ver MAUÉS, Heraldo. Uma outra invenção da Amazônia: religiões, História e Identidades. Belém: Cejup, 1999.

especialmente, urinar no rio ou lavar as mãos sujas de sangue em suas águas, pode provocar a coléra da mãe-do-rio” (MAUÉS, 1999, P. 241)

Um dos costumes mais relatados pelos moradores é a tradição de caça, tanto pelo dia como pelas noites escuras nas matas fechadas. Percebemos que tais circunstâncias são propícias ao desenvolvimento de mitos e imagens que são fixadas na cabeça das pessoas e transformadas em histórias narradas pelos mais velhos: um misto de realidade e mito, mas que constitui parte do imaginário popular e nos revela parte da identidade cultural local; as “lanternadas” fazem referência direta às poderosas lanternas usadas por esses valorosos caçadores durante as “fachiadas” ou fachos de luz, que os guia mata adentro.

Por outro lado, as caçadas no Buritizal tem dois trajetos escolhidos pelos caçadores: a trilha na mata, sempre cercada de mistérios e histórias, por onde muitos jovens caminharam, caçaram, enfim, construíram o próprio cotidiano caboclo. Outros trajetos feitos a bordo das montarias³⁸, pois é comum preparar a cartucheira e deixar o remanso da maré dar o tom da caçada, descendo os igarapés³⁹. Estes não menos sedutores que a trilha na floresta quando se trata do imaginário popular, já que os moradores sempre se referem ao igarapé como um local de mistérios, sons curiosos, como se sempre tivesse alguém escondido a espíá-los.

Casamento e família no Buritizal: heranças do patriarcalismo português

Outra tradição cultural da Vila de Buritizal relaciona-se ao casamento, associado ao patriarcalismo oriundo do modelo social português. As mulheres “deveriam” casar cedo, pois que já na adolescência aprendia as tarefas básicas de uma dona de casa. Nos dias de hoje, o casamento entre jovens é um dos motivos do abandono escolar de adolescentes na região, escola Bosque⁴⁰ é um exemplo disso, tão logo aprendessem os “dotes femininos” e masculinos necessários.

No Buritizal, em geral, as mulheres eram educadas para aprender a amassar açaí e tarrafejar e fabricar matapi⁴¹. Hoje, com a máquina de extrair a polpa de açaí houve uma

³⁸ As montarias são embarcações de pequeno porte, feitas de madeira nos estaleiros do Buritizal e representam parte das tradições ameríndias, desde os tempos primitivos os índios escavavam os troncos de árvores para preparar tais apetrechos.

³⁹ Igarapés são braços dos rios, ou seja, ramificações naturais, caminhos aquáticos estreitos pelos quais os ribeirinhos buscam o sustento diário.

⁴⁰ A Escola Bosque do Amapá – Módulo Regional do Bailique foi implantada na Vila Progresso por volta do ano 2000 e reduziu o êxodo rural, pois muitas famílias deixaram de migrar para a capital para cursar o ensino médio.

⁴¹ Matapí e tarrafa são apetrechos de pesca. A tarrafa é feita de tecido do tipo lã ou poliéster. O tarrafeador “joga” a tarrafa aberta e com o peso do chubo na parte inferior do apetrecho, o camarão e o peixe ficam no interior do instrumento. Já o matapi é feito de “talas” de buriti ou outra palmeira e tem formato cilíndrico, com

redução dessa tarefa especificamente. Por outro lado, no início da enchente da maré as mulheres ainda saem em busca de camarão capturados por meio do matapi, ou através da tarrafa.

Matapí e tarrafa são apetrechos de pesca. A tarrafa é feita de tecido do tipo lã ou material poliéster. O tarrafeador “joga” a tarrafa aberta e com o peso do chumbo na parte inferior do apetrecho, o camarão e o peixe ficam presos no “saco” na parte inferior do instrumento. Já o matapi tem formato cilíndrico é feito de “talas” de buriti ou outra palmeira. Existe uma pequena abertura em um dos lados do instrumento, que permite a passagem do camarão atraído pela isca fixada no interior do matapi. Com isso, o camarão não consegue sair do apetrecho e é capturado. No Buritizal, a técnica de pesca do camarão que predomina é a tarrafeagem.

Sobre o costume de amassar açaí, assim uma entrevistada se reportou ao passado: “ah, meu filho, nós amassava o açaí, a primeira batida era pros piqueno menor que as vez misturava no mingau... a segunda batida ficava pros aduto... despos nós tirava o preto da mão usando limão galego” (dona Marinéia, 69).

A mulher deveria casar virgem, o que sempre resultou em matrimônios concebidos por jovens, quase adolescentes ou adultos precoces. As mulheres se colocavam numa condição de aceitação das ordens do marido. Estes escolhiam quase tudo o que a mulher usasse, pensasse e falasse.

Os trajes femininos, mas também, suas ações e pensamentos eram ditados pelo macho. Assim: “a mulher era sempre controlada pelo marido e usava roupa grande, vestido até no pé, a mulher tinha respeito....a roupa era combinação um vestido por baixo do outro”(Seu Ginuca, 74)

Outra forma de relação social é o casamento, a maioria das pessoas assume o vínculo ainda jovem, o casal, em geral, mantém certo relacionamento afetivo prévio e decide morar junto, a princípio na casa de um dos pais e posteriormente constroem suas residências nos terrenos deles ou dos sogros.

As famílias vão se multiplicando e construindo casas ao longo dos igarapés. no mesmo terreno observa-se a concentração de três ou quatro casas pertencentes aos filhos que foram constituindo suas próprias famílias. É um costume local atribuir sobrenomes para denominar os igarapés ocupados predominantemente por alguma família. Nesses locais as

uma pequena abertura que permite a passagem do camarão em busca da isca no interior do matapi; o camarão não consegue sair do apetrecho.

crianças são frequentes e durante o dia ficam sob a tutela de algum responsável que pode ser a avó ou a tia, quando os pais saem para trabalhar na roça ou outra atividade.

As roupas usadas pelos caboclos da região do Buritizal expressam, também, um comportamento. Quando alguém recebia visitas, o chefe da casa deveria estar vestindo camisa, as crianças não podiam fazer barulho e as mulheres ficavam reclusas em outros ambientes da casa e se apresentavam apenas quando solicitadas pelo marido. “Quando nós ia chegando na vila, era comum as crianças ficarem olhando nas frestas das paredes das casas, os moleques daqui sempre tem uma conduta de vergonha.. já hoje em dia, os moleques tem um pouco mais desavergonhados” (Adinair, 40).

Outro costume local ocorria durante as festas. As mulheres nas festividades permaneciam boa parte do tempo sentada nos bancos esperando serem “chamadas” para dançar. No entanto, se estas “fizessem desfeita”, o homem, mesmo não sendo uma conduta correta, batia na mulher para puni-la diante dos brincantes. Isso mostra que a figura masculina expressa poder através da força física e socialmente deveria ser respeitado.

Hoje, parte desses costumes se dissolveu numa sociedade que permite uso de roupas diversas e as pessoas já não estão presas às normas de comportamento. Em outras palavras, surgiram outros costumes e outras regras de convívio social, já que as mulheres, por exemplo, sabem que não podem ser espancadas pelo fato de negarem uma contradança. Não apenas esse aspecto, como também outros, ganharam outros significados.

“Antes tinha um caboco por nome vendaval, era pescador e tinha uma mão porrada, as mulheres viviam fugindo dele na hora da dança, mas tinham medo de negar dançar uma parte com ele” (Dico Pena, 76)

Nos dias santos como, por exemplo, o dia de finados ou durante a semana santa, as pessoas, como sinal de respeito aos mortos, não faziam barulho. Também não frequentavam festas, mesmo porque era uma convenção social não haver festas nesses dias, segundo relatos coletados oralmente. Além de tudo ainda hoje os mais idosos do Buritizal proibem.

Os conflitos sociais, brigas de qualquer natureza ou desavenças entre membros da família eram sempre adiados para outro momento ou na semana seguinte. As mães deixavam para outro dia as palmadas e punições aos seus filhos. Tal era o respeito à tradição católica do silêncio e da meditação.

As mulheres sempre tiveram várias restrições, o que sempre as impõe regras de convívio social – a participação na organização da festa de Nossa Senhora da Conceição muitas vezes era quase uma obrigação e passatempo naquela sociedade com poucas opções de

diversão. A menstruação também foi cercada de mitos e lendas em torno desse ciclo mensal: a mulher não poderia sair sozinha de casa principalmente para ao rio, tomar banho ou pescar; não podia fazer esforço físico.

Ainda hoje, mulheres tem restrição ao entrar no igarapé estando menstruada. Acreditam que o fundo do rio esconde vários mistérios, forças sobrenaturais que embora possam duvidar da sua existência, as mulheres preferem ficar precavidas. As senhoras mais velhas da comunidade ainda relatam às mais novas que o boto está sempre à vigiá-las e isso mantém viva a tradição sobre os encantados.

Além de tudo, a tradição patriarcal centrada no homem faz parte da cultura da região, como se percebe nas seguintes palavras: “disse para a Marinéia quando casei: ‘mulher, se você não tiver o que fazer você vai dormir para não ficar com fofoca’”.

Outro aspecto social a considerar na cultura do Buritizal diz respeito aos alimentos reimosos, que são restritos a alguns moradores, especialmente alguns alimentos como arraia, anta e peixes como jeju e filhote.

Para quem vive na vila do Buritizal, os alimentos reimosos⁴² não são consumidos quando se possui alguma restrição e estão muito mais associadas às tradições, desvinculadas de base científica, embora muito levados à sério pelos moradores. Reimosos são aqueles alimentos perigosos, que supostamente fazem mal, que são considerados tabus. Muitos, especialmente nas cidades, e nas camadas intelectualizadas, consideram isso como bobagens ou ignorância de gente simples do interior. Sem entrar em maiores detalhes a respeito de nossa análise, devo dizer, entretanto, que a mesma acabou mostrando que se trata de um sistema bem mais complexo do que parece à primeira vista.

⁴²Os alimentos reimosos mantêm relação com a situação que determinada pessoa se encontra, por exemplo período menstrual e resguardo de parto. Ao passar tal período o mesmo alimento sai da categoria de reimoso,

Para não concluir

A historiografia da comunidade de Buritizal até então ausente, com uma sociabilidade construída ao longo de décadas com bases em constructos “próprios” e forte influência das ilhas do Pará e Marajó. Esses homens e mulheres (re)modelaram-se como sujeitos sociais ativos cujo resultado foi obtido através do movimento bumerangue – idas e vindas de sujeitos em contato com a cultura urbana de Macapá, como também de outras regiões amazônicas já que a imigração é vetor de transformações no tempo histórico da longa duração. A partir da década de 1990, o Bailique, pela primeira vez, se enquadrou na política estadual de desenvolvimento sustentável (PDSA) e recebeu sopros de tecnologias integrando-se ao movimento irreversível da globalização.

É costume dos moradores das vilas no Bailique, embora hoje se tenha perdido um pouco esse costume, plantar próximos às casas uma árvore conhecida como cipó d’alho, cujas folhas exalam um cheiro semelhante ao alho – substância considerada por muitos como capaz de afugentar os botos, seres sempre temidos pelas mulheres amazônicas especialmente nos períodos do ciclo menstrual.

Destaca-se ainda a crença na panema, força mágica que incapacita o indivíduo para a realização de suas empreitadas, cuja fonte se atribui a mulheres grávidas ou menstruadas; a pajelança que reúne todo um complexo de práticas mágicas e baseia-se no poder de determinados indivíduos, os pajés, sobre as diferentes classes de sobrenaturais, que utilizam para a cura de doenças e para a feitiçaria; e o uso de rezas ou formulas mágicas para uma infinidade de propósitos. (Galvão, 1976, p. 3, grifos do autor).

Nesse sentido, Maués acrescenta à panema o conceito de mau-olhado, como produto de inveja e “admiração, do elogio: as plantas secam da noite para o dia. mas não pela panemeira” (MAUÈS, 1999, p. 243).

É nessa perspectiva que pensamos o universo de atuação dos moradores da Vila do Buritizal, porquanto seja uma comunidade com forte tradição oral e que valoriza seus saberes [e fazeres] tradicionais no seu cotidiano. O igarapé não é apenas uma extensão deslocada do rio ou uma fonte de alimentação; é o local por onde circulam pessoas e ideias que ajudam a explicar parte de sua forma de compreender o mundo, da qual são coautores. Segundo Fraxe (FRAXE, 2004, P. 329)

As narrativas místicas são inseridas na experiência histórica e contingente dos povos a partir de descrições concernentes à simbolização do espaço e à construção da morada humana, às diversas experiências religiosas do tempo, às relações dos homens com a

natureza e o mundo dos utensílios e sua relação com as funções vitais, como sexualidade, alimentação e trabalho.

Portanto, estudiosos como o sociólogo Émile Durkheim, considerou a religião, acentuando os aspectos ligados ao sagrado, à crença, ao ritual e aos preceitos éticos, para um conjunto de fiéis que partilham dos mesmos e, por isso, constituem uma igreja. Esses estudos sobre populações ribeirinhas caminham nesse sentido, já que é quase impossível dissociar a estrutura de pensamento presente e a religiosidade, ambos relacionados ao misticismo decorrente das relações entre esses povos e a floresta, acrescidos da imaginação humana, tantas vezes já estudada por historiadores da corrente dos Annales e por antropólogos.

Capítulo III – A IGREJA, A SANTA E A COMUNIDADE

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] é um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres.[...] O que interessa ao historiador do cotidiano é o invisível... (CERTEAU, 1996, p.31).

O trecho acima foi usado a guisa de introdução à temática do cotidiano. Ele faz referência aos atos humanos praticados, mas que pelo correr apressado do dia não nos damos conta. O cotidiano das comunidades ribeirinhas está ligado às dificuldades de sobrevivência e da relação entre homem e natureza. Para alguns o cotidiano é um fardo pesado, superado pelo desejo de viver. A fadiga também não o vence, pois a vivência não é apenas uma atividade física, também espiritual, já que homens e mulheres conseguem dar sentido às suas existências através da religiosidade.

Assim ocorre com os moradores da vila do Buritizal, especialmente no período das décadas de 1960 a 1980. Suas memórias revisitadas nos permitem perceber que seu cotidiano foi construído com base nos saberes tradicionais por eles mantidos e remodelados. Esses saberes estão de acordo com suas necessidades diárias e servem de “guia” aos mais jovens. Somado a isso, a ação cristianizadora da Igreja acrescentou aos ribeirinhos outras formas de concepção do mundo, amalgamadas com os saberes tradicionais resultaram na cultura local.

Buscar reconstruir esse cotidiano, através das experiências vividas é, também, reconstruir parte da história do Buritizal através da memória. Além disso, é uma pista para se entender o atual modo de vida dos moradores e parte de suas formas de compreensão de mundo. A religiosidade nas festas do Buritizal, não se apresentou como enfrentamento à religião oficial ou fugindo às “regras” impostas. Ao contrário, as festas em louvor a N. S da Conceição estiveram sempre ligadas à Igreja devido à devoção dos moradores, que acreditam nas bênçãos recebidas da santa.

Festividade de:

"N.ª S.ª da Conceição"

— Vila de Buritizal —

<1974>

= Deus e Senhor nosso, protegei vossa Igreja, dai-lhe santos pastores e dignos ministros! Derramai vossas bênçãos sobre nosso "Papa", nosso "Bispo", sobre nosso Pároco e todo o Clero; sobre os chefes da Nação e todas as pessoas constituídas em dignidade, para que governem com justiça. Dai ao povo brasileiro paz constante e prosperidade completa! Favorecei com os efeitos contínuos de vossa bondade, o Brasil, nossa Paróquia, cada um de nós em particular. Ten de misericórdia das almas que padecem no purgatório, dai-lhes, Senhor, o descanso e a luz eterna! Assim seja. =

« Gloria a Deus nas alturas e
Paz na terra aos homens de boa
vontade! »

No trecho acima, retirado do livro de 1974, identificamos palavras de reverência à N. S. da Conceição, a Deus e às lideranças superiores da Igreja católica. A obediência aos dogmas e sacramentos também é observado nos discursos dos moradores, devotos da Santa, como também, obedientes aos preceitos e dogmas da Igreja oficial.

História e Memória: um diálogo necessário

“A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens”. (LE GOFF, 1994, p.477).

O termo memória possui várias definições. Num dicionário comum (LUFT, 1991, p. 416) “memória é definida como faculdade de lembrar, reter impressões e ideias; lembrança, recordação e reminiscência”. Ou ainda, no Dicionário Básico de Filosofia Japiassú e Marcondes afirmam: “A memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto com uma capacidade de evocar o passado através do presente” (JAPIASSÚ & MARCONDES, 2006, p. 183-184).

Constituindo-se numa investigação norteada pela combinação entre história e antropologia, nossa pesquisa privilegiou a convergência de vozes diversas e articulados especialmente no que diz respeito às práticas devocionais, símbolos, ritos e celebrações. No contexto da religiosidade católica, manifesta na pequena Igreja de Nossa Senhora da Conceição, a diversidade das fontes nos permitiu identificar parte da historicidade desta devoção.

Já a pesquisa documental realizada até o presente momento nos permite afirmar que nos anos iniciais da década de 1960 e finais da década de 1980, a religiosidade no Buritizal concentrou-se principalmente nas orientações levadas pela igreja oficial, sistematizadas no movimento das desobrigas que acompanhou o processo de formação da comunidade.

A história oral, embora problemática em alguns aspectos de acordo com a historiografia, funciona como “espinha dorsal” desse trabalho. Problemático devido o perigo da subjetividade e manipulação por seus interlocutores envolvidos, levando-se em conta que “a ‘macro história oficial’ funciona como um grande gravador que modela o passado à sua própria imagem” (THOMPSON, 1998, p. 23).

Ao refletir sobre a Festa de Nossa Senhora da Conceição na Vila do Buritizal, procuramos destacar a importância que a mesma tem no cotidiano da Vila, buscando compreender as mudanças e ressignificações que as pessoas vivenciaram. Além disso, ao período compreendido entre 1960 e 1980 foi dada atenção especial por se tratar de um período ao qual muito dos entrevistados fizeram referência, como parte de suas recordações. A Festa popular no calendário anual da Vila se encontra presente na memória das pessoas, passando a fazer parte da cultura daquela comunidade.

No caso dos moradores do Buritizal, a manutenção da memória contribuiu para formar uma identidade coletiva possui como formas básicas de manifestação o seguinte: **em primeiro lugar** as relações do tipo comunitárias, irmanados pelos laços religiosos que aproximaram as pessoas num mesmo ideal; **segundo**, pelos costumes e tradições caboclas, por possuírem necessidades semelhantes naquela região de dificuldades.

Importante salientar que quando tratamos de identidade cabocla e do conceito de caboclo, nos remetemos a uma categoria conceitual já abordada por alguns autores como LIMA AYRES, MAUÉS, RODRIGUES, WAGLEY e GALVÃO. Estes autores estudaram as populações ribeirinhas a partir de dois vieses básicos: **primeiro**, o termo *caboclo* foi empregado como categoria relacional. Nesse particular, caracteriza-se como uma categoria de pessoas que se encontra numa posição social inferior em relação àquela com que o locutor ou a locutora se identifica⁴³ (LIMA AYRES, 1999).

Em segundo lugar, os próprios ribeirinhos podem usar o termo *caboclo* como um rótulo de auto identificação. Durante as entrevistas, os moradores da Vila do Buritizal poucas vezes usaram o termo caboclo para se identificarem. Não obstante, com algumas exceções, o fizeram em referência apenas indireta, ao grupo, à coletividade, mas não a si próprio. Nesse trabalho, embora não seja esse o foco da pesquisa, acreditamos que o segundo viés se adequa melhor ao que estamos estudando.

Quanto à relação entre os caboclos e a natureza, iniciamos relatando que a vida de mateiro forçou o homem a se adaptar à natureza. Tomemos como exemplo, o ato de cortar jussara de açazeira para construir casas, não pela falta de madeira, mas pela dificuldade de cortá-la. Naquele tempo, não havia ferramentas sofisticadas para beneficiar⁴⁴ a madeira, afinal o serrotão antigo durante a década de 1960 era um produto que existia em poucas quantidades no Bailique. “Nós usava o serrotão, mas era poucos que tinha conhecimento de

⁴³ Ver Novos Cadernos NAEA vol. 2, nº 2 - dezembro 1999.

⁴⁴ Os caboclos se referem a beneficiar a madeira com o sentido de extrair, cortar e plainar.

como usar ele, era caro mandar serrar madeira de lei, o jeito era ir pro mato e cortar jussara de açaizeira” (Seu Ginuca, 74).

Outro exemplo evidenciado nas memórias está relacionado aos tratamentos de saúde, de vez que pela falta de médicos não havia outra saída senão recorrer aos curandeiros e pajés. Buscavam tratamentos para problemas diversos. Desde o mau olhado⁴⁵, passando pela utilização de banhos aromáticos, remédios para combater a dor de barriga, até o combate as verminoses.

Neste trabalho, metodologicamente, a memória dialoga com a história, segundo a ótica apresentada por Le Goff⁴⁶ (1990), como um **“elemento essencial da identidade”** dos moradores entrevistados. As lembranças e recordações obtidas através da memória, nos permite perceber que os ribeirinhos estabeleceram relações com suas entidades espirituais e com a sociedade. Tais relações foram mantidas basicamente no curso da segunda metade do século XX, sendo a Igreja a entidade que se manteve presente e influenciou, sobretudo, o cotidiano das pessoas. Logo, o cotidiano foi construído como resultado dessas relações entre a cultura local e a Igreja.

Quanto aos lugares da memória podem ser materiais ou imateriais. Podemos exemplificar os ritos representativos da festa do Buritizal, segundo “tradições”, que podem ser criadas, (re)inventadas ou estabelecidas, por distintos agentes ou numa relação entre grupos sociais de várias regiões do arquipélago doo Bailique. A vila do Buritizal, lócus da pesquisa, foi onde as pessoas desenvolveram suas crenças e mantiveram seus costumes. Além disso, estiveram em constante relação com outras comunidades da região, num fluxo contínuo de informações.

A memória, então, desde o positivismo tem sido vista como algo quase institucional, a serviço dos grandes projetos de construção de identidades nacionais; já no pós Segunda Guerra, autores como Thompson e Bosi se ocuparam em trabalhar a memória individual com base na história oral de pessoas esquecidas, “memórias subterrâneas” (POLAK, 1989, p. 4) deixadas de lado pela história oficial. Ou como prefere outro historiador, parece que a “voz do passado” fica ressoando em cada local da Vila (THOMPSON, 1998).

⁴⁵ Mau-olhado é a suposta flechada, “bulinada” ou “mexida” dos espíritos sobre os caboclos. Relaciona-se às ações maléficas das entidades espirituais que os ribeirinhos acreditam existir. Uma vez que a entidade “malina” com as pessoas, os caboclos acreditam que o pajé possui o remédio obtido após sessão em que invoca os parceiros que lhes fornecem o remédio para espantar o mau-olhado.

⁴⁶ LE GOFF escreveu um livro, História e Memória, ressaltando a relação entre História, memória e identidade.

Além disso, parte do trabalho enfatizou os discursos escritos em documentos oficiais da Igreja, sobretudo, nos livros tombo da instituição. Tal empreitada se justifica pela busca mais detalhada de informações que reforcem os discursos orais obtidos com as entrevistas, das memórias revisitadas. Seguimos a proposta de Thompson para quem a associação entre documento e história oral se apresenta como um viés importante para a reconstrução do passado:

A forma global já não pode ser orientada pela história de vida como forma de evidência, mas deve emergir da lógica interna da exposição [...] e o material deve ser interpretado com plena consciência do contexto em que foi coletado, das formas de viés a que está sujeito e dos métodos de avaliação então necessários. (THOMPSON, 1998, p. 305).

História da festa de N. S. da Conceição: memórias “subterrâneas”⁴⁷

A história da Vila do Buritizal coincide, em muitos aspectos, com a história da festa de N. S. da Conceição e da Igreja com o mesmo nome, estabelecida na comunidade e subordinada diretamente à prelazia⁴⁸ de Macapá. Além disso, havia uma preocupação com a região do Bailique, de tal sorte que esta recebeu destaque naquele momento, quando “Frei Raimundo da Pureza transferiu para Arrayollos nas Bailiques as telhas e as imagens sagradas da antiga Igreja da Vila Vistosa” para este arquipélago, em 1805. (I-L. Tombo⁴⁹, s. a., p.13).

A comunidade cristã de Buritizal fazia parte da estrutura orgânica da Igreja Católica, na condição de prelazia. Atualmente, a pequena Igreja de N. S. da Conceição está ligada à Diocese de Macapá circunscrita, especificamente, à Paróquia Cristo Libertador⁵⁰ com sede na região de São Joaquim do Pacuí.

Por outro lado, o livro Tombo faz referência textualmente à “paróquia de N. S. da Conceição na Ilha de Bailique⁵¹” (I-L. Tombo, s. a., p. 22). Tais eram os limites que se circunscreviam a todas as ilhas do arquipélago, numa espécie de grande projeto evangelizador. Não obstante, pelas condições locais de dificuldades, sobretudo, de acesso, tal empresa catequética não teve êxito. A região ficou quase abandonada, e logo voltou a ser

⁴⁷ Expressão usada pelo historiador Michel Polack. Ver o artigo Memória, esquecimento, silêncio.

⁴⁸ A Prelazia de Macapá (*Territorialis Praelatura Macapensis*) foi ereta canonicamente pelo Papa Pio XII, por meio da bula *Unius Apostolicae Sedis*, de 1º de fevereiro de 1949, a partir de território desmembrado da então Prelazia de Santarém. Foi confiada pela Santa Sé aos cuidados do Pontifício Instituto das Missões (PIME). No dia 23 de março do mesmo ano a prelazia é instalada por Dom Frei Anselmo Pietrulla, OFM, bispo prelado de Santarém.

⁴⁹ Trata-se do livro de Tombo Nº 1 da Cúria Diocesana da Macapá, escrito pelo Padre Ângelo Bubani, em 1979.

⁵⁰ Essa paróquia engloba a região do Pacuí e todas as igrejas do Bailique.

⁵¹ A referência a Bailique não é sinônimo de Buritizal, mas sim a alguma Vila bastante antiga, que o Livro Tombo não especifica. Tal comunidade provavelmente é a Freguesia que é mais antiga que o Buritizal.

subordinada à Prelazia de Macapá. Isso mostra que o Bailique já foi visto estrategicamente, elevado à condição de Paróquia.

Em uma nota explicativa, aparece a seguinte informação:

Como dissemos mais acima esta paróquia (no Bailique) ficou sem padre residente desde a época em que foi extinta a colônia militar de D. Pedro II, embora fosse provisionada em separado, ficou praticamente anexado à paróquia de São José cujos vigários recebiam a provisão canônica para a Paróquia de Bailique visitando as várias localidades, geralmente uma vez por ano, por ocasião das festividades religiosas (I-L. Tombo, s. a., p.47).

Quanto à materialização da catolicidade no Buritizal, podemos dizer que a fundação da prelazia do Bailique, não obstante ter sido um projeto fracassado, pode ser entendida como ação de um projeto romanizador na região Amazônica. Nesse momento, podemos inferir uma hipótese, qual seja: a tentativa de uma ruptura no campo da religiosidade praticada por populações locais – já que a Igreja sempre condenou a prática de pajelança e outras manifestações mágico-religiosas dos ribeirinhos.

Assim, os moradores da Vila se referem nos seus documentos históricos, seja em recolhimento de dízimos ou Atas de reuniões – sempre solicitando as bênçãos de Deus e em referência ao Papa. Isso evidencia a obediência aos preceitos ditados pela Igreja, configurando os laços em processo de fortalecimento.

A festa em honra a N. S. da Conceição já existia pelos menos desde 1905. A memória a qual nos referimos dá conta da existência de fortes laços de solidariedade existentes na diminuta comunidade e que por volta das décadas de 1940 a 1960 os moradores se referiam ao local (e à Igreja) como categoria de Irmandade⁵² da Conceição e a festividade, então, aparece como elementos que unia aqueles moradores, em meio a tantas dificuldades. Ao que tudo indica, somente na década de 1970 nasce oficialmente a denominação comunidade⁵³ do Buritizal.

Sua chegada em Bailique (do Monsenhor Frederico Costa, primeiro prelado da Prelazia de Santarém) coincidiria com os preparativos que se fazia no lugar para a celebração da festa da Padroeira, N. S. da Conceição. Como não podia ficar muitos dias, começou uma novena na data de 15. Foram dias de intenso trabalho... permaneceu na ilha até dia 27 de Novembro (1905), ao meio dia, quando viajou para o lugar Buritizal, um povoado novo que surgia na Ilha do Curuá... e que tinha pela primeira vez um sacerdote presente... em 1º de Dezembro seguiu para Macapá. (I-L. Tombo, s. a., p.21).

⁵² Irmandade, na concepção dos moradores, é uma categoria inferior a de vila. Segundo o dicionário LUFT: s.f. Associação, liga, confraria.

⁵³ S.f. Estado do que é comum; paridade; comunhão, identidade: comunidade de sentimentos. / Sociedade religiosa submetida a uma regra comum. / Sociologia Agrupamento social que se caracteriza por acentuada coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos que o constituem. (BUARQUE, Aurélio).

Era tradição dos moradores do Buritizal realizarem novenas nas casas das pessoas durante 9 dias após a abertura da festa de Nossa Senhora da Conceição (dia 08 de Dezembro). Isso foi relatado oralmente por vários moradores antigos que lembram os tempos em que rezar era mais que uma obrigação formal para com Deus, e sim uma renovação de votos e louvores à santa reverenciada. Mais que uma ocupação para as senhoras da vila cuidar e limpar os objetos sagrados, representava uma renovação espiritual e (re)afirmação perante à Igreja. A comitiva das desobrigas se deslocava anualmente em comitiva para reforçar os laços católicos em regiões longínquas.

Além da religiosidade latente, os moradores esperavam pelos festejos como parte das homenagens à santidade. Um dos eventos aguardados pelos moradores na festividade é a parte dançante. Antigamente tinha como diferencial o estilo de dança denominado Coatá⁵⁴ que às vezes era praticada por algumas pessoas. Eram tocadas músicas instrumentais à base de clarinete e violas, festas iluminadas à luz de lamparinas. Hoje em dia, não se dança mais esse estilo, a não ser em apresentações nas escolas como forma de preservar a tradição, apresentação de grupos escolares em festejos folclóricos.

A equipe organizadora contratava naquele tempo a banda de música com instrumentos de metal como: clarinete, trompete, trombone, baixo, contrabaixo, banjo e bateria. Tinham o compromisso de tocar durante o período da festa, na alvorada de 5 horas da manhã, 12 horas e 18 horas, além de acompanhar as cantoras na novena, com direito a transporte de ida e volta pois eram de outro lugar, café da manhã, almoço e jantar. A equipe alugava um barco ou canoa para ir buscar o padre onde ele estivesse, visto a carência de sacerdotes naquela época. (Dezuino Pena, 76).

Naquele tempo, a presença da Igreja servia como controlador de alguns comportamentos, especialmente a dança, principalmente devido ao problema do consumo de bebidas alcoólicas que a ela está associada. No trecho abaixo, percebemos a tentativa controladora da Igreja em nível estadual:

Sobre as normas de comportamento impostas oficialmente pela Igreja, destacamos uma carta circular de Dom Aristides Piróvano proibindo a dança nas festas de santos no Amapá: "...a dança pública é proibida aos membros de qualquer associação religiosa sendo proibida a todo católico pela moral, tanto mais fica dedada àqueles que quiserem professar a santa religião, com uma perfeição maior nas irmandades. (I-L. Tombo, s. a., p.82).

A ideia de irmandade é relembada, pelos moradores, que desenvolviam um espírito de solidariedade entre si:

Naquele tempo ainda não era comunidade, era irmandade de N. S. da Conceição... A ideia de irmandade era crescer irmanados... primeiros cristãos enlaçados... em 1972, mais ou menos, surgiu a comunidade de Buritizal com esse nome antes era

⁵⁴ Coatá, segundo alguns moradores antigos, é um tipo de macaco, cujos movimentos são lembrados na dança.

irmandade, significa em comum, nessa fé, mesmo compromisso ao bispo, e ao sacerdócio e delas começou um trabalho (Deuzuino Pena, 76)

Por outro lado, as dificuldades eram enormes naquelas condições de isolamento geográfico e político. O isolamento não era total, pois a Igreja acabava dando um amparo espiritual, embora a própria estrutura da Igreja não atingisse o aspecto educacional. Muitas vezes o padre fornecia conselhos durante as confissões e outros sacramentos. A Igreja não tinha muitas condições de ampliar a assistência a todas as comunidades do Bailique, mas por outro lado, ao que tudo indica, foram muitas as visitas oficiais da Igreja.

Hoje, a literatura especializada atribui às desobrigas uma categoria religiosa de ação oficial de romanização das vastas e distantes regiões da Amazônia, processo no qual o Buritizal estava incluído. O principal investimento catequético da Igreja Católica entre a população que fixara residência nas margens dos igarapés no arquipélago do Bailique e especialmente no Buritizal fundamentava-se no método de evangelização conhecido como desobrigas. Esse modelo foi uma estratégia de ação ligada à ação da Igreja associada à religiosidade imposta através dos dogmas e sacramentos.

As desobrigas foram trabalhos missionários difundido em viagens anuais de sacerdotes e catequistas, feitas em canoas a remo e depois em barcos. Desobrigas foram visitas realizadas pelos religiosos às comunidades ribeirinhas, quando desenvolvem diferentes sacramentos, além de acompanhar o andamento do trabalho pastoral chefiado por leigos.

Quando levantada a questão da importância da festa e tudo o que a envolve, percebemos que o foco principal nas décadas de 1960 a 1980 era o aspecto sacramental, ou seja, os moradores esperavam o tempo da festa para se realizarem enquanto católicos. O tempo da festa era, também, o tempo para se realizarem os batismos, os casamentos, as crismas, enfim, os dogmas eram respeitados como um vazio a ser preenchido. “nós esperava a chegada dos padre pra batizá os piqueno, pra casá... eu mesmo casei desse jeito... hoje a igreja bota obstáculo, mas naquela época arranjava padrinho até na hora pra não perde a oportunidade” (Dona Dora, 76)

Outro ponto fundamental percebidos nas memórias revisitadas foram as dificuldades que os moradores atribuíram, sobretudo, à falta de educação, em escolas, com instrução às letras, leitura, enfim, elementos que poderiam facilitar uma melhor compreensão do mundo. A falta dessa educação formal foi relatada por um morador:

Assim se referiu um morador local:

Naquela época a visão era só de Deus, não da instrução pedagógica... “O professor Lima Neto e o Leonil Pena Amanajás (antes dele ir pro Sucuriçu) nos ajudava a tomar noção do que era, tipo catequizar... ia um ano depois não ia mais, daí estragava tudo” a missa era em latim até a década de 1960... os padres missionários alemães só sabiam

falar latim ou alemão... e era de costa para o publico, só viravam no final para dizer ‘com a graça de Deus (Deuzuino Pena, 76)

Outro morador, relatou assim:

Pra mim a dificuldade era que as confissão era só de ano a ano, só mesmo no tempo da festa... as vez o padre chegava adiantado que era pra fazer esses trabalho importante... as vez vinha gente que nós nem conhecia de outra comunidade, remava aquela distancia pra batiza os piqueno... pediam lugar pra fica uns dia e as vez ficava uma semana a mais da festa (Seu Ginuca, 76).

A festa se desenvolveu, então, dentro desse contexto. A festividade segue aos preceitos do catolicismo oficial romanizado e em nenhum momento, ao que parece, os moradores do Buritizal procuraram se distanciar dos dogmas católicos. Por outro lado, os moradores acabaram centralizando a fé nos louvores à Santa N. S. da Conceição. Tal tradição nos remete a pensar o evento religioso de N. S. da Conceição com a ideia de idolatria. Assim:

Fomos criados no espirito da idolatria... os padres tinham uma missão a cumprir, mas vejo que eles não tinham tanta preparação técnica para dar instrução pedagógica... as comunidade do Bailique onde o líder comunitário era professor tinha mais condição de avançar... era muito triste não receber ação pedagógica... os padres alemães predominava na década de 1950, parece que eram da ordem dos redentoristas. (Deuzuino Pena, 76)

No trecho acima, percebemos um apelo aos sentidos, ou seja, o ato de reverenciar a santa. O olhar, olhar para a imagem, isso é importantíssimo, olhar para a berlinda, olhar para as roupas de Nossa Senhora, olhar para o crucifixo, e tudo isso é expressão de religiosidade. Os padres alemães, da ordem dos redentoristas, trouxeram suas experiências de vida, que acrescentaram aos caboclos outras formas de visão de mundo.

Com a “chegada” dos santos à Amazônia, foram criadas novas associações e irmandades nas paróquias sob o controle, não exclusivo, da população local. Nesse processo laico percebemos a festa do Buritizal com relativa autonomia, numa relação direta com a santa, quase sem intermediação da igreja.

A festa de N. S. da Conceição à semelhança de outras festas religiosas:

Articula um conjunto de símbolos que proporcionam maior adesão dos fiéis à divindade, através de um sistema de comunicação, proporcionando uma experiência religiosa e mística com a divindade na terra. A imagem presentifica e dá sentido à divindade entre os fiéis. Ela proporciona com que os mesmos façam uma comunicação entre a vida terrena e Deus, e isto se dá com a multiplicação das imagens e a percepção da onipresença de Nossa Senhora (SILVA, 2013, p.106).

Além do aspecto imagético⁵⁵ já citado, percebemos uma forte relação com relíquias sagradas, consideradas aqui como parte dos elementos que unem as pessoas ao evento religioso. Com isso fazemos referência aos atos simbólicos e a capacidade humana de criar vínculo com objetos, palavras, expressões linguísticas em latim e outros que de alguma forma representem a devoção àquela santidade. Palavras em latim são pronunciadas mesmo sem dar importância ao seu significado, para cumprir os ritos do ciclo novenário.

Nesse contexto social no qual estão imersos os fiéis/brincantes da comunidade do Buritizal, os símbolos, tanto materiais como o sino que badala há mais de um século, como as liturgias (como símbolo de fé) devem ser compreendidos pelo viés da semiótica⁵⁶. Através disso, concluímos que as pessoas se definem enquanto tal no entremeio de sua cultura. Este conceito semiótico, de Geertz⁵⁷, distante do aspecto puramente estruturalista de cultura é fundamental na construção da presente dissertação.

A partir do pensamento de Geertz compreendemos a festa do Buritizal com seus símbolos culturais, com valor de símbolos sociais, que se manifestam, também, nos comportamentos individuais. Isso é uma questão fundamental para a antropologia. O sino não representa apenas um instrumento sonoro, mas, sobretudo, um objeto representativo dos valores religiosos entre os atores sociais envolvidos. O badalo do sino conclama as pessoas para rezar, mas, também, para “construir” a própria história da comunidade.

Assim se referiu uma das entrevistadas:

“Uma relíquia antiga é o cristo crucificado, feito de prata... o padre João queria levar ele mas nós não deixou. Pelejou, pelejou pra levar pra Macapá... o sino também, não sei donde veio os dois, acho que foi de lá de Macapá” (Dona Lucila, 94)

A presença dessas relíquias sagradas funciona como elemento que une os fiéis a Deus, através das imagens e objetos sagrados: o crucifixo de Cristo e o sino representam objetos sacros que ajudam a explicar a origem da Vila do Buritizal. Já a escolha da Santa padroeira, relatado oralmente, muitas vezes era feita por uma família específica ou pelos membros da Igreja.

Isso ocorria quando uma família tinha uma imagem em casa e este recebia devoção através de um novenário, era natural que a referida santidade fosse oficializada como padroeira (o) da comunidade. Não foi o caso do Buritizal, ao que tudo indica, já que

⁵⁵ O termo imagético busca imprimir um caráter substantivo ao conjunto de imagens que se entrelaça dando sentido ao evento.

⁵⁶ A semiótica é entendida como uma ciência preocupada em estudar signos, bem como sua interpretação. Sua preocupação está em compreender a comunicação entre as pessoas, e, neste, inclui-se a linguagem falada, os gestos e sua carga significativa.

hipoteticamente teria sido escolha de um sacerdote em passagem pela comunidade por volta do final do século XIX.

No Buritizal, o catolicismo era intensamente marcado pela participação cada vez maior dos fiéis tratando diretamente com a Santa, muitas vezes sem intermédio da Igreja. Dessa forma, foi possível aos moradores a liberdade para atuar à frente da irmandade da Conceição, constituindo-se relações sociais comunitárias e de fraternidade, inicialmente, no sentido mais profundo da palavra:

A irmandade tinha sempre uma equipe de esmola, os esmoleiros, acompanhado pelo mestre-sala enfeitado, fazer esmola, angariar recurso, tinha o violeiro, o pandeirista e as vezes o homem da bandeira... de longe a pessoa sabia que vinha chegando a hora de recolher o dizimo... vinha uma turma remando atrás... fazia uma novena e sempre se doava alguma coisa, até mesmo um pinto dentro de uma panela (Deuzuino Pena, 76)

As promessas, naquele tempo, representava, como ainda hoje, a relação direta com a Santa.

Lembro do tempo que tinha uma vara de madeira bem grande dentro da Igreja, eu era muleque e me lembro que foi um barco que quase afundou perto do sucurijú e o dono dele aprometeu pra Santa que se ela salvasse o barco, ele colocava um pedaço do barco dentro da Igreja (Seu Ginuca, 74).

A Vila do Buritizal surgiu, então, dando origem a formas de religiosidades mescladas, em que elementos provindos de outras culturas aqui foram ganhando (re) significados. Muitas vezes, esses elementos ganharam formas grotescas, habitantes caboclos recriaram dimensões próprias de lutar pela preservação de seus saberes, tradições, linguagens, culturas, mas sempre antenados com o catolicismo oficial, não pretendendo se desvincular deste. Esses homens com suas experiências sociais, imersos em meio à floresta, desenvolveram uma íntima relação com as águas. Esses homens, mulheres e crianças enlaçaram-se no espírito da fé.

Exemplo disso foi a presença marcante da pajelança, que resultou na cultura local com forte atuação nas décadas de 1960 a 1980. Tal cultura hoje se dissolveu em meio às transformações e pouco tem influência no imaginário local. Por outro lado, a relação entre os pajés, seus seguidores e a Igreja nem sempre foi amistosa, já que inicialmente os padres não aceitavam a pajelança. Durante as desobrigas ou expedições evangelizadoras no Buritizal, a Igreja tendeu a aceitar a ação dos pajés - isso ainda precisa de um estudo nas fontes eclesiais a posteriori.

⁵⁷ GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas.

Outra característica da religiosidade no Buritizal foi um catolicismo com forte apelo à devoção, associado ao catolicismo de sacramentos⁵⁸. Em outras palavras, a base da festividade religiosa era a devoção à imagem de N. S. da Conceição, bem como a presença da Igreja em reforçar a importância dos Sacramentos e dogmas católicos. Formou-se, então, uma arena da luta cultural das mentalidades assentadas na devoção aos santos e nas tradições ameríndias cuja resultante foi a própria caboquização. Como por exemplo, a convivência pacífica entre pajelança e catolicismo, que em poucos momentos, no Buritizal, apresentou conflitos.

É importante destacarmos que o cotidiano daqueles homens e mulheres era a própria dimensão do particular. Era um grupo social irmanado, como também um espaço cujas características geográficas dificultou a presença da Igreja. Com isso, verificamos nas memórias revisitadas que as características da Vila do Buritizal, sobretudo geográfico determinava, por exemplo, a divisão das tarefas e o deslocamento sempre problemático para buscar o padre, necessário para consagrar o ritual religioso.

Reconhecemos, também, que por mais “controlada” e “manipulada” que seja uma festa, ela sempre é um ato de explosão coletiva que produzirá sentimentos em diferentes graus. Nesse sentido, os entrevistados demonstraram esses sentimentos através da confiança na Santa, seus pedidos de graças sempre aparecem nas entrevistas realizadas, o que resulta no mais real dos sentimentos religiosos: a fé.

Assim, “Durante a presença do padre não havia festa e bebedeira, nós respeitava ele... chegava no dia 11 de dezembro [nessa época a data da festa era diferente] e nós ia buscar ele em barco a vela era duas [dois dias, então] maré pra chegar” (Ginuca).

Pudemos perceber que durante décadas de existência da irmandade, os entrevistados confundem irmandade, comunidade e festa. No Buritizal, a festa parecia estar serviço de integrar a sociedade num mesmo grupo, mais que hoje em dia. Tomamos como exemplo a festa profana, evento que representa a alegria e o momento de extravasar. Logo, “enquanto fenômeno social total, [a festa religiosa] é um evento de natureza religiosa que congrega uma multiplicidade de ritos e representações que perpassam diferentes domínios, os quais, por sua vez, não se limitam ao plano do sagrado⁵⁹”(SILVA, 2013, P. 115) .

⁵⁸ A Igreja se deslocava ao Buritizal, principalmente, para levar os sacramentos como batismo, eucaristia, crisma e matrimônio.

⁵⁹ SILVA, José Maria da. Festas e identidade na Amazônia. **Revista Observatório Itaú Cultural**. Nº 14. São Paulo: Itaú Cultural, 2013 p. 115.

Sobre a integração das pessoas no circuito da festa:

Vinha gente de todo os lugares, até da banda da viçosa, do franquinho, gente remando só pra passar a festa do Buritizal... ficava aquele monte de Botequim que vendia bebida natural por que não tinha gelo nesse tempo...tinha as brincadeira pras criança era tudo muito divertido. (Seu Dico Pena,74)

Por outro lado, nos dias de hoje, a festa continua exercendo uma função de integrar socialmente os moradores da Vila do Buritizal. Não obstante, os moradores não mais se referem ao grupo como irmandade, numa sociedade que inevitavelmente cresceu e acompanhou mudanças culturais. Podemos perceber esse forte apelo à ideia de irmandade nas palavras abaixo:

As pessoas não sabia ler, mas escutavam... certa vez o padre foi ensinar o sentido de comunidade, um jovem perguntou ao fulano, não lembro o nome, se ele tinha entendido o significado da palavra comunidade e ele respondeu que sim e deu um exemplo... comunidade é quando a gente fica nu... o padre achou aquilo estranho e perguntou porque... o fulano respondeu que é quando a gente tem coragem de se despir de tudo o que ele tem para ajudar os outros... hoje em dia quando que algum jovem faz isso (Deuzuino Pena, 76)

A materialização da ideia de irmandade se fazia, sobretudo, com a festa. A novena parece ocupar lugar de destaque nas memórias dos moradores, já que todos os interlocutores se referiam à novena como um dos momentos de religiosidade mais latente. Vejamos: “era nove noites de rezas, cada noite era uma novena para homenagear um grupo com seu representante, de pescadores, de comerciantes, jovens, viajantes, mulheres, enfim, cada representante” (Dona Dora, 76).

As noites de festejos profanos garantiam a comunidade, além das suas orações e devoções uma aproximação que sempre garantiu o enlace do grupo social. Além disso, “Tinha o animador e seu grupo de pessoas, leitor da missa, cobrador dos dízimos ou dizimista, catequistas, comentaristas, dirigente” (Deuzuino Pena, 76). Essa ideia de divisão mais intensa de tarefas mudou. Hoje, parece indicar a necessidade de se colocar mais pessoas a participar diretamente das ações religiosas da Igreja.

Dentro da estrutura organizacional da festa, o jornal ao qual se referem os moradores era uma espécie de folder, usado para fins de divulgação do evento, para atrair devotos e brincantes da festa. Atualmente, embora existam as rádios comunitárias na Vila Progresso, ainda se tem o costume de se mandar fabricar o folder e o calendário nas gráficas de Macapá para serem distribuídos nas comunidades adjacentes. Algumas pessoas guardam esses tais “jornais” há muitos anos, pois que nenhum fiel jogaria no lixo um papel por mais simples que seja, da Santa na qual creem.

Enquanto isso, o **Juiz de Honra**⁶⁰ era, geralmente, um comerciante que se dispunha a contribuir financeiramente com o evento, seja contribuindo com dinheiro ou com doações de produtos para o leilão e/ou bingo. Ele demonstrava seu poder aquisitivo naquele contexto social, sendo que muitas vezes ele “emprestava” dinheiro para a Santa, como atestou um morador:

Naquele tempo ainda não era comunidade, era irmandade de N. S. da Conceição. Na irmandade tinha um presidente e seu secretário para organizar a festa. O presidente poderia ser um comerciante que emprestava o dinheiro para a santa e no final tirava o dinheiro e o que sobrava ficava para a irmandade (Deuzuino Pena, 76)

Os organizadores do evento durante as décadas de 1960 a 1980 se preocupavam em distribuir as programações, expressão que aparece nas palavras de vários moradores. Assim se referiu a esse respeito uma moradora: “dantes eles sabia fazer o programa, bem feito sabe, com os nome dos juiz de honra, do juiz do mastro, do azeladô, as pessoa tinha vontade adoá as coisa pra santa” (Dona Lucila, 94).

O contexto religioso no Buritizal não foge a essa concepção de autores como Galvão, considerando-se que o universo caboclo está impregnado de ideias e crenças que derivam do ancestral ameríndio e de outros grupos sociais incluindo pessoas de tradição marajoara. Quanto à tradição religiosa e cultural do povo de Gurupá, que tem sua forma católica trazida pelos colonizadores ibéricos desde o século XVII, Galvão (1976, p. 3) afirma que, O caboclo de Itá [Gurupá], como da Amazônia em geral, é católico.

Outra lembrança forte que surgiu na memória do seu Ginuca foi quanto ao sentido dos fogos, como se a espiritualidade estivesse na mesma intensidade dos foguetes. No início não era exclusivamente uma expressão de alegria. Disparar foguete não indica apenas o dia de festa. O foguete e as pistolas expressam, também, a oferenda da gente, das pessoas, através do disparo dos foguetes, que sobe, que explode, que faz o barulho.

A pessoa estaticamente contempla a subida dos foguetes, como uma oblação de si mesmo através da simplicidade, do som, e de novo sentido, dos ouvidos e do olhar para com Deus. Como homenagem e reverência a Deus através dos sentidos, para a explosão do barulho que ganha sentido sagrado. Sobre os fogos e sua importância na efetivação da festividade, vejamos um trecho de uma entrevista com um morador:

⁶⁰ **Juiz de honra:** qualquer pessoa que quisesse e tivesse condições financeiras de pagar um valor em dinheiro para ocupar o cargo honorífico, de honra. Geralmente, o nome do juiz de honra aparecia nos folders de divulgação da festa.

Assim: “O secretário soltava foguete na mão, depois ele criou a ciranda [ou girândola] feito de madeira para soltar o fogo... era muito fogo... os fogueteiro era o Militão e o seu secretário...” (Ginuca)

Os relatos dos moradores dão conta da existência de uma foguetaria no Buritizal, um espaço artesanal, rústico, mas que mostra a importância desses artefatos para a concretização dos louvores à N. S. da Conceição. O senhor Raimundo conhecido como Secretário, hoje com 95 anos, morador do Bairro dos Congós, nos relatou parte de suas lembranças pois ele foi o responsável por fabricar os fogos durante anos.

Nos dias de hoje, a alvorada é lembrada apenas nas primeiras horas da manhã de cada dia, mas nas décadas de 1960 a 1980, havia três momentos em que os fiéis soltavam fogos: 5 horas da manhã, ao meio dia e às 18 horas. Além disso, quando havia a presença dos músicos instrumentais, era costume logo após a solta desses fogos, os músicos se concentrarem num espaço destinado a eles – o pavilhão ou coreto.

Também chamado de coreto, era uma estrutura feita em madeira sobre a qual os instrumentistas tocavam músicas religiosas e profanas que agradavam aos fiéis por aproximadamente 30 minutos em cada solta de fogos. Na atualidade, não existe mais esse movimento, tampouco as bandas instrumentais, principalmente porque na festa do Buritizal a juventude que a comanda prefere contratar aparelhagens e um Dj especializado em tecnobrega. Na visão desses líderes, hoje, uma festa com aparelhagem recebe mais visitante, atrai um público maior.

“Era música de assopro, clarinete, trompete, saxofone, banje e bumbo... era difícil musica de aparelhage , era instrumento... vinha o grupo de viçosa [do outro lado do Bailique] depois apareceu as aparelhagem” (Ginuca)

Portanto, o catolicismo do Buritizal apresenta-se como “sui-generis”. Um catolicismo cuja identidade se expressava, sobretudo na devoção aos santos, nas festas em homenagem a eles e o que envolvia isso. A santa é o caminho mais curto para se chegar a Deus. Fundamentalmente, o batismo foi o mais citado nos relatos dos moradores sobre as visitas da Igreja ao Buritizal. Era celebrado normalmente com fervor e consciência de responsabilidade por parte dos pais e das famílias, depois se dilui na experiência da religiosidade de cada um.

A identidade cultural da comunidade de Buritizal está associada, também, à ideia das práticas simbólicas, ou seja, um conjunto de símbolos que contribui para aproximar as pessoas. Uma sociedade que pelas próprias condições de existência material esteve sempre em busca de significados práticos para questões místicas. O meio aquático, a presença de

igarapés e os mistérios da mata nunca foram empecilhos, ao contrário, sempre garantiu a sobrevivência dos caboclos. Nesse particular, a Igreja católica esteve a serviço para assessorá-los na busca por respostas a suas angústias e conflitos internos – nem sempre soluções definitivas e aceitas passivamente, com certeza.

As estratégias da Igreja para arrebatam fiéis no Buritizal

No contexto histórico da segunda metade do século XX, a Igreja católica perdeu espaço para outros grupos religiosos, notadamente com o crescimento das congregações protestantes na Amazônia. Isso se deu especialmente através da criação do movimento pentecostal; e foi diante desse o movimento anticatólico, que a Igreja resolveu reordenar suas ações na Amazônia ainda no início do século XX. No Buritizal, então, as ações da Igreja católica seguem essa lógica de reordenamento institucional no sentido de conquistar mais fiéis.

Me lembro que tinha umas brincadeiras que alguns professores faziam para as crianças, acontecia na frente da escola... os moleques se divertiam e ficavam animados para participar das coisas da Igreja. Tinha uma brincadeira que era pra atirar com estilingue... no tempo em que o presidente da festa era o finado Diógenes e o professor era o finado Lima Neto (Seu Dico Pena, 74).

Além disso, havia sempre uma preocupação com os jovens, já que eram feitas ações especificamente voltada para esse público com o objetivo de atraí-los para a irmandade da Conceição. Com isso, manifestava-se uma estratégia que hoje se perdeu com o tempo de se trabalhar a base da sociedade com vistas a formar adultos com religiosidade latente. Vejamos um trecho que trata desse assunto:

Eram celebradas várias diversões para jovens e crianças: pau de sebo, quebra-pote, corrida de saco, corrida do ovo na colher, natação, regata em montarias, futebol com bola de meia... a equipe além de reformar a Igreja, construía uma estrutura (casa redonda) chamada pavilhão ou corêto, toda gradeada com bancos e espaço suficiente para a banda executar sua tarefa (Deuzuino Pena, 76).

Ao que tudo indica a ação da Igreja era no sentido de integrar os jovens aos eventos da Igreja. Além disso, era uma estratégia dos próprios moradores que educavam os mais jovens na devoção e respeito à Santa, consolidando a ideia de autonomia dos moradores sobre os festejos de N. S. da Conceição. Portanto, a principal forma institucionalizada da Igreja para conquistar mais fiéis foram as desobrigas, como veremos a seguir:

Desobrigas: “muitos Santos, poucos padres”

Essa frase de efeito nos ajuda a entender o contexto no qual a comunidade do Buritizal desenvolveu a religiosidade católica. Por volta da primeira metade do século XX. Nesse momento, os santos servem de ponto de referência para a vida e acompanham o fiel nas suas investidas e no seu trabalho diário de sobrevivência em meio à floresta inóspita e cheia de mistérios. Os santos não são apenas divindades para os quais se fazem pedidos e se expressam angústias, mas principalmente é o esteio que sustenta a religiosidade cabocla.

Para efeito de melhor apresentar o texto, cabe uma explicação sobre as ações da Igreja no Bailique em dois momentos fundamentais: **o primeiro**, remonta às ações dos missionários ainda no século XVII e num momento em que ainda não se tem relatos sobre a existência da Vila do Buritizal. No livro Tombo da Cúria Diocesana de Macapá encontram-se registros da existência de uma missão religiosa no Bailique (I-L. Tombo, s. a., p. 07). Vejamos: “em 1673, Antônio de Albuquerque, mandou reconstruir este posto fortificado que não resistira muito tempo às arremetidas da pororoca, para proteger os religiosos capuchos que tem suas missões nas ilhas dos aruãs (Bailique)”.

Outro trecho destaca o Bailique naquele contexto histórico, pois “aos 3 de Dezembro de 1886 é criada a paróquia de Nossa Senhora da Conceição em Bailique e o padre Genésio Ferreira Lustosa, nomeado primeiro Vigário (I-L. Tombo, s. a., p.13). Não se pode precisar a qual comunidade se refere o texto, pois na época eram pelo menos duas comunidades que realizavam festas em homenagem a N. S. da Conceição.

Em 1905, percebemos parte das ações da Igreja no arquipélago: “Bailique e Buritizal recebem a visita do primeiro prelado da Nova Prelazia de Santarém. Não havia vigário residente. No Buritizal encontrou uma capela muito boa, dedicada a N. S. da Conceição” (I-L. Tombo, s. a., p.13).

O **segundo momento**, mais recente, refere-se às desobrigas enquanto ações da metade do século XX, como veremos mais adiante. Um dos moradores mais ativos dentre os entrevistados, foi o senhor Deuzuino Pena, então encarregado de transportar a comitiva de padres nas desobrigas durante a década 1970, com deslocamento ao Bailique. Quando perguntado sobre as desobrigas, o entrevistado demonstrou grande consciência do significado dos movimentos da Igreja no Buritizal e outras comunidades do arquipélago. Vejamos abaixo:

Desobriga era a missão de levar conhecimento da palavra de Deus e instruir no sacramento... já com uma melhoria muito grande... prepara o batismo, o casamento, a crisma... eu mesmo trabalhei na desobriga... partia lenha e enchia uma casinha de pedaços de lenha para deixar para a Bartira... eu ia buscar o padre em Macapá... fiz isso durante 30 anos... durava entre 20 e 30 dias as desobrigas e visita as comunidade

daquele tempo: Buritizal, Freguesia, Franquinho, Igarapé Grande do Curuá e Limão do Curuá (Deuzuino Pena, 76)

Além disso, a presença reduzida da Igreja Católica no Buritizal permitiu uma liberdade de ação religiosa dos moradores da referida comunidade. Nesse ponto emergem necessidades específicas e tiveram as seguintes características: rezas e devoções à N. S. da Conceição; presença de rezadeiras/benedeiras/pajés para atender aos enfermos; e desenvolvimento de um espírito essencialmente comunitário com vistas a organizar o evento religioso e profano. Por fim, uma atividade desenvolvida por leigos, já que a Igreja visitava a comunidade apenas no final de cada ano.

Em Dezembro de 1953, “o movimento de desobrigas ocorreu na Boca do Gurijuba, Franco, Bailique, Buritizal, Igarapé Grande, Limão do Curuá, Ilha Viçosa e Espírito Santo”. (I-L. Tombo, s. a., p.147). Nesse trecho acima, retirado do Livro Tombo da Cúria de Macapá, percebemos a ação oficial da Igreja no arquipélago com vistas à evangelização.

Os missionários organizaram sua atuação em três pontos principais, a saber, a) Geográfico - o padre não faz mais a celebração apenas na cidade de Macapá ou em áreas próxima da capital. Por volta dos anos 60, os missionários faziam a desobriga. Era o trabalho desenvolvido pelo sacerdote até por volta do final dos anos 70. Consistia em longas viagens onde eram "distribuídos" os sacramentos. Os padres que se deslocavam para o Buritizal eram, na maior parte, redentoristas alemães (depois italianos) que eram facilmente identificados, pois “... ele controlava o comportamento das pessoa, usava batina preta durante o dia e batina branca na hora de dizer missa...” (Ginuca, 74)

Procuramos compreender parte das relações sociais e culturais entre ribeirinhos e religiosos que anualmente faziam as visitas. Isso nos permitiu entender parte dos processos de formação da identidade desses sujeitos históricos a partir de suas práticas e expressões religiosas católicas latentes na festa de N. S. da Conceição.

Tal relação é proveniente de matrizes culturais distintas de ribeirinhos e religiosos da Diocese de Macapá com influência de traços europeus, alemães e italianos, sobretudo, que nos permite mapear algumas vivências no Buritizal. Tal é o efeito bumerangue, de idas e vindas, da consolidação do catolicismo das festas de santo e de trocas culturais - conceito de circularidade cultural, como veremos adiante.

No limiar do século XX, a Europa vivia sob uma forte onda anticatólica e o momento da implementação do protestantismo na Amazônia. São alguns dos diferentes motivos que levaram os Agostinianos Recoletos, em 14 de abril de 1928, a instituir a bula *Romanus Pontife*. Ali fundaram a prelazia de Marajó, com sede em Soure, nomeando em 19

de outubro de 1930, Mons. Gregório Alonso da Consolação, como primeiro administrador apostólico.

A primeira metade do século XX, na região do Xingu, como em Gurupá ou mesmo na Amazônia de modo geral, foi marcada preponderantemente pela hegemonia católica cuja evangelização e catequese passavam por uma verdadeira reforma eclesial. (MAUÉS, 1999). As ações no Buritizal aparecem, nesse contexto, como parte do sistema evangelizador.

Em 29 Dezembro de 1978

Padre Louis Garlini e João Gadda, visitaram esta comunidade, chegaram pela parte da tarde, onde após uma pequena conversa, ~~ficamos~~ ~~então~~ para nos reunirmos às 19,00 horas nesta igreja, a fim de fazer uma preparação para as confissões e ao mesmo tempo as confissões, encerrando com uma pequena oração.

30 12 78. Retornamos a igreja às 8,00 horas, onde foi celebrada a Santa missa, com 20 crianças fazendo sua 1ª Comunhão, sendo 9 masculinas e 11 femininas como também quatro crianças foram batizadas. Ao término, houve a reunião da coordenação, na qual foi dado bem claro o que é o verdadeiro dever de cada; a catequese para adultos e crianças e o grupo de orações.

Quanto a situação da igreja, ficou decidido que deveríamos dar início à construção de uma nova igreja, isto de acordo a maioria que estava presente.

Embora continuássemos nesta, procurando melhorar seu aspecto, empregando o capital existente, na compra de material para a nova.

Foi incluída na equipe a Sra. Leucila Bordeiro, para cobrar o dízimos.

Por final, houve a reunião de setores onde participaram Orlando, Decídes, Quirino, Lazaro, Delguino, Padre João e Padre Leub.

31 12 78. Terminado com um biscoito, entre o poro desta vila. Regressaram p/ ~~Abacará~~ c/ sr. José Pena.

Bartira Bordeiro Pena

Imagem nº 10: livro ata de 1978, uma reunião envolvendo membros da Igreja Católica e moradores do Buritizal. Arquivo da Igreja, no Buritizal.

No trecho acima, percebemos o compromisso de todos os membros da comunidade no sentido de ocupar suas funções dentro da concepção comunitária, não se descartando os problemas e discussões em torno de algumas questões.

Nessas passagens periódicas pela comunidade do Buritizal, os agentes eclesiais reafirmavam o sistema de crenças e a afirmação dos catequizados por meio dos ritos de comunhão e batismo. Essa ação evangelizadora não é citada diretamente pelos moradores antigos, mas se referem às ações da Igreja periodicamente em visitas à vila. Fraxe, em trabalho realizado na região do São Francisco, Amazonas, concluiu que “os sacramentos da igreja só estão a disposição dos membros das comunidades quando o padre do careiro da Várzea visita a comunidade” (FRAXE, 2004, p. 316)

No caso do Buritizal, os registros orais nos dão conta que no final de cada ano a Igreja fazia a visitação para consolidar sua presença e efetuar os rituais necessários para a catequese – comunhão, casamentos e batismos. Para completar a ação, o padre fazia o recolhimento dos dízimos e do que foi arrecadado durante a festividade, dinheiro que seria usado para materializar o poder da instituição. Fraxe defende que: “as paróquias do interior, muito vastas, raramente dispõem de um vigário (...) a maioria das localidades recebe a visita do vigário apenas uma vez por ano” (FRAXE, 2004, p. 321).

O sistema “desobriga”, foi um método pastoral hegemônico por volta da metade do século XX, era prática comum entre as diversas ordens religiosas presentes na Amazônia. As missões implicavam um plano de visitas, agendando-se, na ida da comitiva religiosa, os atos rituais que seriam realizados antes da volta. A “desobriga” revelava assim a descontinuidade do investimento institucional em razão da dispersão da população pelos mais distantes rincões da Amazônia e mostra a necessidade de a Igreja aceitar o inevitável sincretismo.

O resultado das “desobrigas” é a valorização da cultura religiosa. Por outro lado, trabalhamos com a hipótese de que alguns costumes e símbolos caboclos ganharam relativa aceitação por parte da Igreja. O método missionário fundamentava-se no exercício de reflexão que viesse a permitir o reconhecimento das condições de existência dos ribeirinhos, das causas que os levaram ao devotamento de suas próprias crenças. Os ribeirinhos estavam em meio à mudança por força do contato com a Igreja, inclusive das alternativas de suas condições de vida como tal – inseridos num contexto específico que contribuiu para a cultura religiosa, de tal forma que a igreja católica buscou marcar sua presença física e espiritual.

A realidade histórica construída em torno da festividade possui características que fizeram com que essa religiosidade popular se tornasse consistente e conseguisse se manter ao longo do tempo. Isso ocorreu, sobretudo, na metade do século XX e chega aos dias de hoje como resultado da tradição.

Os moradores do Buritizal passaram a criar uma identificação com a santa, que provém das instruções dadas pela Igreja Católica e o costume de devoção e culto à Santidade. Além disso, existem algumas peculiaridades dos caboclos especialmente no entoar de cânticos misturados com latim, já que a oralidade é sempre muito forte em comunidades ribeirinhas. Esse argumento serve para explicar o forte desejo das pessoas homenagearem a Santa, fazendo com que seja possível a identidade cultural dos moradores da referida vila.

Por uma circularidade entre culturas

Nesse tópico, analisamos a cultura do Buritizal a partir do conceito de circularidade cultural. Certamente, quando pensamos em circularidade nos remetemos à troca mútua entre determinados grupos sociais envolvidos num determinado momento histórico e suas especificidades.

Portanto, os moradores do Buritizal acabaram “aceitando” valores religiosos “impostos” pela Igreja e esta, por sua vez, acabou “permitindo” tradições indígenas e da cultura negra aos seus preceitos religiosos do catolicismo oficial. É importante deixarmos claro que nossa intenção não é estabelecer uma arena de luta entre cultura dominante e cultura dominada, mas dizer que houve um entrelaçamento entre as culturas envolvidas.

Logo, para entendermos esse movimento cultural semelhante ao “bumerangue” de idas e vindas entre elementos da religião oficial letrada e a religiosidade cabocla, é inevitável lembrar-se das ações oficiais da Igreja católica no Buritizal. Inicialmente, mas sem querer esgotar o tema demasiado extenso, as desobrigas objetivavam atrair mais fiéis, bem como consolidar a catolicidade – cujo resultado foi o catolicismo praticado na festa de N. S. da Conceição e tudo o mais que a cerca.

Nesse sentido, a circularidade cultural se aplica na troca e amálgama entre dois ou mais grupos sociais. Tal conceito estudado por Ginsburg (2000), serviu de inspiração para vários estudiosos da antropologia, como se pode perceber: “As manifestações das práticas culturais do mundo ribeirinho espriam-se pelo mundo urbano, assim como aquela é receptora das contribuições das práticas culturais urbanas” (FRAXE, 2004, p. 325)

Em 19 de junho de 1978

Registrámos a passagem do P. José Busato, Isaias Gomes e Delziuro Lena, nesta comunidade, onde chegando pela manhã deste dia, iniciaram juntamente com o pessoal, com as orações da manhã, treino de canto, catequese com preparação para confissões e confissão pela manhã; pela tarde reiniciado os trabalhos com a Santa Missa, onde 2 crianças foram batizadas; encerrando com a reza do terço.

Com relação a comunidade, não foi feito nada, tudo continua no mesmo.

Bartira Cordino Lena.

Em Setembro de 1978

Tivemos a visita do Padre José Busato, irmãs: Maria Augusta e Francisca, que de passagem para Sucuifu, estiveram conosco, onde juntos rezamos a Santa Missa.

Pela madrugada rumaram para Sucuifu com o Sr. Alanco Jmanari Filho.

Estiveram também nos visitando os Senhores: Alanco Filho, José Neto, Merlin e João Lena.

B.C. Lena.

Imagem nº 11: livro ata de 1978, relatando a presença da comitiva oficial e celebrações dos sacramentos. Acervo da Igreja, no Buritizal.

Nestes termos, entendemos a influência da Igreja Católica, como instituição, sobre os comportamentos e costumes dos moradores do Buritizal. Citamos como exemplo a proibição da bebida e outros momentos de extravasar nas festas de santos.

Por outro lado, havia pouca eficiência da Igreja devido à reduzida presença de padres atuando em tais missões. Tal situação de ações, reações e contra reações mantém vivo o catolicismo na cultura popular através daquilo que Ginzburg denominou **circularidade**

cultural⁶¹ e cujo resultado é a própria cultura da Vila do Buritizal, sincrética, amalgamada, enfim, cabocla.

As culturas envolvidas, entrelaçada e híbrida, efetuaram um movimento de conformação e aceitação com permanências e mudanças ao longo dos anos; nesse particular, Certeau (1996) defende que a cultura nasce das **“invenções do cotidiano”** e das experiências vividas pelos homens e mulheres.

Assim: “[...] cultura de um lado é aquilo que ‘permanece, do outro aquilo que se inventa. Há por um lado, as lentidões, as latências, os atrasos que acumulam na espessura das mentalidades, certezas e ritualizações sociais, via opaca, inflexível, dissimulada nos gestos cotidianos, ao mesmo tempo os mais atuais e milenares” (CERTEAU, 1996, p. 36)

A saída encontrada pelos moradores do Buritizal para fugir à proibição da bebida foi sempre esperar a comitiva deixar a Vila e efetuar aquilo que os ribeirinhos denominaram varreção ou lava-pés. Tal empreitada ocorria como forma de limpar a vila, guardar os objetos da Igreja, aquilo que seria usado no ano seguinte, enfim, varrer e limpar a sujeira deixada. Era o momento de extravagâncias, onde a igreja oficial não estava presente a lhes tolher suas ações. Sobre isso:

“Lava pés é sinônimo de varreção, o encerramento do festa a derrubada do mastro chamado... as pessoas podiam beber... depois tinha a prestação de contas” (Seu Dico Pena, 74)

Em 24 de janeiro de 1950 o Monsenhor padre Dom Aristides Piróvano, superior entre os padres do PIME da Prelazia de Macapá, lançou uma carta circular em que recomendava e advertia certas condutas de comportamento:

Inicia sua carta partindo da constatação da gravidade do problema da dança constituindo-se ela numa barreira intransponível contra todo passo que tenha a moralizar a sociedade... adverte que com frequência as festas de santo são tomadas como pretexto para danças e conseqüentes descabros (I-L. Tombo, s. a., p.81).

Ao analisarmos as ações religiosas sincréticas que perdurou no Buritizal por volta das décadas de 1960-1980, podemos observar que esta religiosidade se difundiu através de vários grupos sociais, negros, brancos, mamelucos, muitos dos quais já haviam passado pelo processo de catequização católico.

⁶¹ Estamos fazendo referência à circularidade entre culturas, erudita e popular, citadina e cabocla. Ginzburg acaba por formular uma visão da cultura popular que não se confunde com uma cultura imposta às classes populares pelas classes dominantes, tampouco exprime um triunfo de uma cultura original e espontânea das classes populares sobre os projetos aculturados das elites letradas. (Apud FRAXE) “[...] influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica (Ginsburg).

Segundo alguns moradores antigos, havia o problema das brigas nas festas, a maior parte decorrente da bebida e do machismo. Em geral, as mulheres mais recatadas esperavam a iniciativa dos homens a lhe convidar para uma dança, mas quando a dama negava o pedido era comum ocorrerem atos de violência física contra ela. “A desavença era por causa da bebedeira e por causa da desfeita: a dama não queria dançar a dama sentava no banco e o cavalheiro tirava ela pra dança quando ela não aceitava era costume o homem batia nela...” (Ginuca)

Tais eram as festas à luz de lamparina⁶², nas décadas de 1960 a 1980, sem energia elétrica eram animadas ao som das bandinhas com instrumentos de sopro. No tempo em que o ambiente escuro seduzia as pessoas num clima bucólico e com pouca ou quase nenhuma opção de divertimento. Naquele tempo, a presença de um barzinho era um acontecimento, daí que: “certa vez, meu pai abriu uma taberna sabe... abriu uma janela pro lado das casas, colocou umas bebida pra vender... pendurou uma cuia numa cordinha... quando o vento batia... o nome do bar era vira-cuia” (Dico Pena, 72).

Com o tempo, apareceram algumas alternativas para iluminar o ambiente das festas, como foi relatado. O aparelho conhecido como pretomac e o Carboreto. “o pretomac era acendido com árcool, que acendia uma espécie de camisa presa no arto do aparelho... despos veio carboreto um tipo de vela que nos podia enfeitá com papel fino de toda cor e ficava bonito o salão da dança. Só despos que apareceu o lampião a gás” (Dona Lucila, 94).

Na festividade, não havia grande arraial como em outras festas na Amazônia, mas eram construídas pequenas estruturas em madeira para vender produtos e bebidas com vistas a obterem lucros para a Igreja:

Aqui já foi festa bonita... tinha noite que dava até 08 botiquim [espécie de barraca para venda de comida e bebida] aí foi molestando e o finado Tiburço fazia coisa boa” “nesse tempo a musica era o clarinete, e agora a musica de Macapá lá vai aquele dinheirão... o povo do franco e da viçosa vinha, o zé Martinho ainda veio uns três ano... era mais animado... aó foguete do finado Militão e depois do Secretário, um estardalhaço... agora é só essas pistolinha (Dona Lucila, 94)

Durante a conquista no interior da Amazônia, surgiram novas manifestações religiosas através **dos santos e as festas em sua homenagem**. A Igreja viu esse processo, além do desenvolvimento das crenças populares como a pajelança, marcados pelo processo de amálgama e hibridização cultural⁶³.

⁶² Lamparinas eram instrumentos usados para iluminar os ambientes das casas em noites escuras. Geralmente, as lamparinas eram alimentadas com querosene ou outro líquido de fácil combustão.

⁶³ No campo dos estudos de religiosidades, esse conceito surge pela necessidade de substituir o conceito de sincretismo, que se refere à conjugação de elementos de diferentes referenciais culturais. Ver SIQUEIRA, Sonia.

O fenômeno da circularidade cultural incorpora uma série de outros processos subjacentes aos contatos interculturais que marcaram nossa história, e um dos que mais nos chama a atenção é o de “(re) conversão”. Através dele passaram alguns cristãos que tiveram envolvimento com a pajelança, ao aderirem a algumas das práticas culturais e religiosas dessa “religiosidade”.

Para tentar entender como a circularidade cultural pode ser explicada no contexto da festividade do Buritizal, partimos de algumas premissas básicas. Primeiro, o culto à santa e a relativa liberdade - liberdade muito mais pela falta de padres para se instalar paróquias, do que pela permissão consentida pela Igreja - possibilitam elementos “sincréticos” que traziam muito das tradições indígenas e que incorporava uma série de símbolos cristãos, materiais e doutrinários.

Além disso, o culto aos santos era uma alternativa concreta de se agarrar a uma doutrina e pedir proteção e bênçãos naqueles momentos de extremas dificuldades. Fraxe (2011) ressalta que o processo de formação das Comunidades amazônicas foi se configurando principalmente com o envolvimento da igreja católica, e por isso mesmo não se pode desconsiderar o papel que a mesma tem e teve na formação social e cultural dessas Comunidades.

Assim construímos outra hipótese que se refere ao grau de participação que incorporavam os cultos à Santa N. S. da Conceição. Isso ocorre, pois ao mesmo tempo em que (re)significavam os símbolos cristãos à sua própria realidade cultural, os praticantes da festividade traziam algo a mais para além do que a religiosidade católica ofertava. Tomemos como exemplo a incorporação de expressões religiosas em latim, ao modo caboclo. Segundo Durkheim:

Toda festa, mesmo que seja puramente laica por suas origens, tem certos caracteres da cerimônia religiosa, pois, em todos os casos, ela tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar, assim, um estado de efervescência, às vezes até de delírio, que não deixa de ter parentesco com o estado religioso (DURKHEIM, 1968, p. 235).

A obra de Ginzburg é importante para análise de conceitos-chave e para a compreensão de fenômenos culturais: conceitos como o de circularidade, que abarcam a dinâmica e a complexidade das relações entre a cultura dominante e a cultura subalterna e das relações Inter étnicas. Nessa pesquisa, não entendemos como uma arena de luta entre culturas,

ao contrário, um espaço de atuação ou movimento de aproximação entre grupos que resultou na amalgamação cultural.

Assim os moradores do Buritizal construíram formas de religiosidades e crenças que de alguma maneira serviram como balizas no contato com a Igreja Católica e adaptaram ritos a sua linguagem própria (o latim é o maior exemplo). Praticando relações sociais, propagaram os seus símbolos e crenças influenciaram outras culturas e grupos étnicos no rico e complexo processo de circularidade cultural. Ao mesmo tempo, expressaram sua devoção à santa, num movimento de ações contra reações.

O perfil dos devotos ontem e hoje

Analisando os relatos orais coletados, percebemos que os moradores do Buritizal foram educados na devoção, na qual os fiéis expressam seus sentimentos religiosos latentes, relacionado ao movimento diário de reflexões e prática da fé. Nas décadas de 1960 a 1980, percebemos uma maior obediência aos sacramentos e isso se materializava nas celebrações festivas, ao que parece, com maior entusiasmo. Ao mesmo tempo, não é exagero afirmar que os moradores do Buritizal expressaram sua cultura própria, não apenas como receptora de determinações trazidas pela igreja.

A organização da festa contemplava, além disso, uma preocupação com as liturgias e sacramentos, o que se evidencia com a prática das novenas. Estas ocorriam durante todo o período da festa, no início de todas as noites as senhoras com religiosidade latente se agrupavam em louvor a santidade. Esses devotos largavam seus afazeres domésticos para participar das celebrações à N. S. da Conceição e com os integrantes do grupo social.

A gente descia pra lá na boca da noite, despos da arvorada das 5 hora... não tinha bingo, só lelão... dai a gente ia rezá as novena...na noite dos pescador, das mulher... a finada comadre Vivi que azeladora era boa pra rezá novena ela não perdia uma noite (Dona Lucila, 94)

Outro ponto relevante diz respeito à maior devoção à padroeira. Atualmente, através da etnografia pudemos perceber que a presença dos jovens não chega a lotar a Igreja nos momentos festivos. O comprometimento menos intenso de hoje com a festa, soma-se a pouca motivação.

Vejamos o depoimento de um morador antigo:

A visita do padre pouco contribuía para conhecimento maior, visto ser no máximo um dia e meio, suas palavras pouco entendidas, pois eram estrangeiros que celebravam batizados, casamentos, confissões, primeira comunhão. A celebração da santa missa... até o comportamento era diferente, celebração de costa para o publico. Mesmo assim, mulheres se destacavam mais na fé... hoje é totalmente diferente, celebração e explicações compreendidas, sacramentos conscientes de

seu sentido - a participação de homens e mulheres, jovens e até crianças tudo se transforma em alegria... embora todo esse pessoal, pouco acredite (Deuzuino Pena, 76).

Além desse aspecto abordado acima, percebemos antigamente uma maior preocupação das lideranças da festa em preparar eventos direcionados para os jovens. Trata-se de brincadeiras, atividades lúdicas para atrair os jovens e adolescentes para participarem com atividades integradoras; assim se referiu uma moradora local: "... eles fazia brincadeira ai do tar de cabo de aço, corrida nos saco, atirar nas lata..." (Dona Lucila, 94).

Por outro lado, na etnografia realizada em 2012 e 2013 não percebemos a existência de atividades desse tipo, com exceção dos poucos eventos realizados por um grupo da juventude local para debater sacramentos da igreja e dos jogos esportivos, mas estes integram a sociedade em geral e não os jovens especificamente. Tal realidade contrasta com o que foi investigado e pode servir de balizamento para outras análises a posteriori.

Os fiéis tinham pouca preparação, pouco acesso a conhecimentos como escrita e leitura e isso dificultava o entendimento da bíblia (não diminui a fé, ao que parece), de tal forma que os ribeirinhos procuram ao seu modo compreender os sacramentos. Vejamos:

A palavra empenha tinha mais valor, não era preciso documentos como garantia, tinha responsabilidade na organização, chamada diretoria, cujos componentes tinham respeito e interesse mútuo, religioso e social dentro de suas limitações e caminhavam com bastante dificuldade, pois a visita do padre variava mais de um ano; hoje, nutridos de vários conhecimentos, como: alfabetização, conceito religioso, participação de pequenos cursos de preparação, como viver em comunidade distinguem o que é religioso e social, como proceder; a palavra e compromisso esqueceram deixam muito a desejar o seu desenvolvimento destacando alto nível de desconcentração e responsabilidade. (Deuzuino Pena, 76).

Nessa mesma corrente de opinião acima, Dona Lucila expõe que realmente os jovens de hoje tem mais preparação na escrita, mas isso não garante que as atividades religiosas sejam feitas a contento, pois os jovens de hoje não se preparam adequadamente na palavra de Deus e nos cânticos:

Esses jovem de hoje não se interessa, se eles achegarem lá com a Nirce ela ajuda eles porque ela é doente mas sabe tudo da novena e do terço... eles podia se ajuntá e se aperpará... tudo que a gente não se aperpara sai torto né... o trabalho só presta quando a gente se aperpara... só querem na hora (Dona Lucila, 94).

Quanto à fé, consideramos como a base que sempre garantiu aos moradores do Buritizal acreditar e reverenciar a Santa padroeira. Afinal, como se praticar uma religiosidade em que os padres missionários são de outra nacionalidade, falam outra língua e a

comunicação entre fieis e padres era basicamente religiosa? A fé, nesse particular, é a linguagem universal entre religiosos de línguas diferentes.

Esses fatores se apresentam como um problema à melhor ação da Igreja e à “romanização” no Buritizal, pois os redentoristas rezavam em latim e o simples ato de confissão era sempre problemático dado as enormes dificuldades de comunicação. Sobre a concepção de fé, segue o trecho de um morador da Vila:

Existe uma fantasia envolvente, apresentada e vivida pela sociedade, onde a maioria de nossa população tem a visão ofuscada por tais situações e um coração bastante endurecido; buscam sempre seus interesses ... considerando a fé de antigamente, pouco mudou, fé é um assunto muito sério, difícil e quase impossível de se viver. Trata-se de uma entrega total do seu eu a algo que você não vê mas pode perceber e sentir através de acontecimentos da vida e na vida de cada pessoa, procurando refletir todos os dias (Deuzuino Pena, 76).

Dona Lucila quando questionada sobre o significado da festa e importância da Santa, deixou claro que cada um deve fazer sua parte, doar seu dizimo, participar das liturgias dominicais e outros eventos e não somente durante a festa de dezembro. “eu acho a importância da Santa muita grande, eu acredito nela sempre me ajudô nesses anos todo... eu sempre digo pros jovens se você tem fé você chega lá”.

Os “personagens” da festa

Entre tantos “personagens” citados pelos entrevistados aparecem alguns com mais frequência, os seguintes:

Esmoleiro: personagem responsável por pedir doações em nome da Santa.

“a irmandade tinha sempre uma equipe de esmola, os esmoleiros, acompanhado pelo mestre-sala enfeitado, fazer esmola, angariar recurso, tinha o violeiro, o pandeirista e as vezes o homem da bandeira... de longe as pessoas sabiam que vinha chegando a hora de recolher os dizimos... vinha uma turma remando atrás... fazia uma novena e sempre se doava alguma coisa, até mesmo um pinto dentro de uma panela” (Deuzuino Pena, 76)

Presidente: era o responsável por organizar a festa, muitas vezes esse cargo era desejado por expressar prestígio social, sendo que muitas vezes poderia ser um comerciante com poder aquisitivo; vejamos:

Na irmandade tinha um presidente e seu secretário para organizar a festa. O presidente poderia ser um comerciante que emprestava o dinheiro para a santa e no final tirava o dinheiro e o que sobrava ficava para a irmandade (Deuzuino Pena, 76)

Secretário: a pessoa ligada diretamente ao presidente, com função de ajudar no gerenciamento das ações quando o presidente estivesse ausente.

Animador: pessoa responsável por animar os eventos em alguns momentos. “Tinha o animador e seu grupo de pessoas, leitor da missa, cobrador dos dízimos ou dizimista, catequistas, comentaristas, dirigente” (Deuzuino Pena, 76)

Juiz de honra: qualquer pessoa que quisesse e tivesse condições financeiras de pagar um valor em dinheiro para ocupar o cargo honorífico de honra. Geralmente, o nome do juiz de honra aparecia nos folders de divulgação da festa.

Juiz da festa: era alguém que pagava um valor intermediário dentro de uma escala de dízimos;

Juiz de Paz: era geralmente um voluntário que era encarregado de levar aos noivos os objetos necessários durante o casamento, geralmente as alianças; o juiz de paz acabava sendo a testemunha e sua atuação, necessariamente, ocorria durante a festividade pois os casamentos eram parte das festas – ocasião em que o padre consumava os sacramentos católicos.

Cantoras: eram responsáveis por animar o novenário através de músicas, cantigas e frases que expressam o sentido da fé.

Mordomo: tais pessoas ocupavam essa posição social considerada inferior, pagavam valores menores.

Juiz de mastro: alguém que se dispunha a cortar o mastro, enfeitá-lo e cuidar do processo manual de suspendê-lo.

O Levantamento do mastro era o ponto de referência que marcava o início da festa, cuja bandeira em bom tamanho trazia a sua imagem tremulando no topo do mastro, tendo como destaque, grande quantidade de cordas embandeiradas ao redor de todo o largo onde eram os festejos. Em torno do largo eram montados vários botequins cuja renda 15 ou 20% eram para a colaboração da festa. (Deuzuino Pena, 76).

O senhor Raimundo Pena (Dico Pena) lembra saudosamente no tempo que o mastro era levantado, maior que o mastro usado nos dias de hoje. “eram 6 homens, três de cada lado, apoiados numa tesoura [estrutura de madeira] e levantavam o mastro, muito maior [que o mastro]”. Apesar da lembrança do entrevistado, percebemos um certo sentido de comparação com os dias de hoje, querendo dizer com isso que o mastro levantado hoje não é tão grande como de outrora.

Os moradores do Buritizal, fiéis da festividade são aqui considerados como fazedores de sua própria história, agentes culturais em potencial. Para entender tal processo buscamos, sobretudo, o conceito de cultura de Geertz como “teias de significados que amarram o homem” (1989, p. 4). A palavra “teia” é capaz de explicar a lógica da forma que se

constituem os símbolos e rituais, utilizados no evento religioso. Poderíamos denominar isso de “cimento” cultural, já que aproxima as pessoas num todo social coeso e integra um sistema de símbolos que extrapolam a mente, sendo compartilhados e compreendidos, permitindo a relação dialógica do grupo.

Procurador: pessoa responsável por fazer a arrecadação do dinheiro, depois o procurador repassava o dinheiro ao tesoureiro. O procurador (fazia o trajeto de remo em pequenas montarias) cobrava moradores de várias comunidades próximas, pois era permitido que pessoas de outras vilas também se candidatassem aos cargos de juízes e mordomos.

Eventos e objetos da festa

Novenas: o novenário era uma etapa importantíssima dentro dos ritos da festa de N. S. da Conceição, pois representa a expressão da devoção em nove dias. “No tempo da irmandade era nove noites de rezas, cada noite era uma novena e seu representante, de pescadores, de comerciantes, jovens, viajantes, mulheres, enfim, cada representante queria fazer melhor que os outros” (Deuzuino Pena, 76).

A novena dedicada à N. S. da Conceição apresenta hoje uma forma de prece cerimonial bastante simples. Nas memórias revisitadas, percebemos quem se criava, um tempo litúrgico de intenso fervor. O ambiente era criado para que os fiéis pudessem meditar. Alguns se emocionavam, choravam, ajoelhavam-se. O pequeno templo, naquele momento, tornava-se o um cosmo sacralizado e envolto de fé. Hoje, o novenário ganhou outros significados, pois os jovens vivem num mundo em que os meios de comunicação os redirecionam.

Pavilhão ou coreto: era uma estrutura em madeira, que era construído em frente à igreja. Sobre ele os músicos tocavam seus instrumentos. Antigamente, havia três alvoradas de fogos, em cada uma delas, o coreto de músicos tocava 30 minutos de musicas.

Havia um tempo que era acompanhado “de banda da Viçosa que a Canoa do seu Olarico ia buscar: clarinete, contra-baixo, dominguinho do trompete, querequexé” (Dico Pena, 76). Soltavam foguetes para saldar a chegada desses músicos, e já adentravam a vila já cantando; o espaço destinado aos músicos era o “coreto”, evento que iniciava logo na alvorada e se estendia pelo resto do dia.

Varreção ou lava pés = ocorria dia 16 de Dezembro, que significava o término da festividade, geralmente o padre após a prestação de contas retornava para a diocese de Macapá. Pois, então, ocorria a comemoração e Finalização do evento religioso e profano. Hoje não se denomina dessa maneira, embora ainda se mantenha a mesma ideia de promover

o fechamento da festividade, sendo que os responsáveis pelos evento se mobilizam para “entregar” tudo como estava antes da festa.

Varreção ou lava pés = ocorria dia 16 de Dezembro, que significava o término da festividade, geralmente o padre após a prestação de contas retornava para a diocese de Macapá. Pois, então, ocorria a comemoração e Finalização do evento religioso e profano. Hoje não se denomina dessa maneira, embora ainda se mantenha a mesma ideia de promover o fechamento da festividade, sendo que os responsáveis pelos eventos se mobilizam para “entregar” tudo como estava antes da festa. Nos dias de hoje, a varreção foi substituída por uma domingueira que segue com o último bingo e baile dançante.

“Lava pés é sinônimo de varreção, o encerramento do festa a derrubada do mastro chamado, depois tinha a prestação de contas” (Deuzuino Pena, 76)

O padre sempre trazia orientações de bebida moderada, entretanto quando o padre retornava, iniciava-se a varreção e a festa profana iniciava-se com festa dançante e bebida. Antigamente, as ações rituais eram pontuais, pois eram eventos religiosos que acompanhavam a lógica da religiosidade. “a festa iniciava sempre no mesmo dia da Santa, agora é noutro dia, mas quando o padre achegava as pessoa parava a bebedeira... quando Ele ia embora agente fazia a avarreção”(Dona Dora, 76)

Girândola ou ciranda = espécie de suporte para receber os artefatos de artifícios, em que se furava numa plataforma de madeira. O senhor José Amoras tinha um espaço conhecido como fuguetaria, onde fabricava os foguetes (grosas) para a festividade. Certa vez o padre Ângelo disse: “é bom regular a quantidade de foguetes, a igreja precisa de reformas, o fogo queima no ar”. O senhor Raimundo (secretário) ficava isolado de todos os outros em seu espaço (fogueteria).

Ciranda de fitas: estrutura em metal usada para fixar fitas e outros objetos relacionados ao pagamento de promessas.

Andor: estrutura em madeira usada para carregar a imagem da Santa durante a procissão e seu deslocamento ao visitar as casas dos fiéis.

Cruzetas: eram estruturas em madeira no formato de um “X”, formando quatro extremidades nas quais se colocavam as lamparinhas para iluminar o salão dos bailes. Nessas lamparinas alguns abasteciam com azeite de andiroba para queimar o pavio da lamparina. Alguns moradores conhecem como candeio.

Capítulo IV – ETNOGRAFANDO A FESTA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

As homenagens à santa

A festa em honra a N. S. da Conceição possui uma lógica de organização e estruturação dos diversos eventos que a compõem, seguindo parte da tradição e está disposta em dois eixos básicos: **primeiro**, os ritos como gestos ou o fazer religioso; **segundo**, as ideias que envolvem os ritos, ou seja, as representações. Trata-se de um ciclo com duração de uma semana. Associado a isso, percebemos a força simbólica da imagem de N. S. da Conceição, presente há décadas no altar da igreja na Vila Buritizal. O ciclo compreende novenas, cânticos, missas, levantamento e derrubada do mastro sagrado e atividades profanas como bingos, leilões e alguns eventos esportivos.

As práticas religiosas da festa constituem-se de celebrações relacionadas diretamente ao espaço sagrado que, segundo Brandão (1989) estão relacionadas ao símbolo da festa: **a igreja**, tida como espaço sagrado; **a missa** – o evento acontece num lugar fixo, neste caso, a Igreja de N. S. da Conceição – onde a santa, a religião e o povo se encontram; e a **procissão**, evento em que a imagem da santa se desloca por um espaço público e é acompanhado pelo povo.

Sobre esse aspecto, Pierre Sanchis (1992) chama a atenção, pois que o santo de uma comunidade é único na fé daquele grupo social “é na verdade este santo (referindo-se aos santos em geral) e não outro que é objeto de devoção é ele que cura. É esta Nossa Senhora que protege a aldeia, e retirar sua estátua da Igreja seria privar a comunidade da fonte consubstanciada da proteção celeste que a rodeia” (SANCHIS, 1992, P. 42)⁶⁴.

No dia 08 de Dezembro de 2013, dia nacional de Nossa Senhora da Conceição, tem início a festividade, que se estende por um período de uma semana, incluindo eventos religiosos, bailes e atividades esportivas. Porém, a festa nem sempre inicia no dia nacional em homenagem à padroeira, mas sim no sábado anterior dentro do calendário. Em 2013, a festa começou dia 07 de Dezembro. Às 08 horas teve início a missa que abriu os eventos religiosos em comemoração à Santa padroeira da comunidade de Buritizal/Bailique-Ap. No dia 15, foi celebrada a missa encerrando os eventos, sucedida pela derruba do mastro sagrado.

A festa tem seu início seguindo a uma tradição, como pude perceber durante a pesquisa de campo. Historicamente os moradores do Buritizal são acordados na madrugada do sábado anterior ao dia 08 de Dezembro de todos os anos com a alvorada e queima de

⁶⁴ SANCHIS, Pierre. Arraial: festa de um povo – as romarias portuguesas. Lisboa: publicações Dom Quixote, 2ª edição, 1992. P. 42.

fogos. Em seguida o café é servido. Os moradores mais velhos esperam a hora da missa, sendo que as senhoras católicas mais engajadas são as primeiras a se deslocarem para a pequena igreja.

Chega a hora de mais uma vez rezar e agradecer o ano que se passou e pedir bênçãos para o ano vindouro. Tais são as expressões de fé, materializadas nos eventos festivos, tanto religiosos, através das liturgias, como também pelos bailes dançantes, afinal é o momento de demonstrar os sentimentos de alegria pela chegada da festa da santa. Entre o momento da alvorada e o início da missa, as pessoas ficam em frente a suas casas, olhando, emitem roucas saudações em meio ao clima frio, bucólico, pastoril e nublado.

A festa também modifica a dinâmica e a organização espacial da Vila do Buritizal, conquanto percebe-se a preparação especial por parte de algumas pessoas, seja enfeitando a frente das casas ou limpando os quintais. Por outro lado, o pequeno trajeto da procissão é preparado e ganha a adesão de várias pessoas, interessadas em acompanhar a imagem da santa. A festa modifica o cotidiano dos moradores.

As atividades realizadas durante a festa constituem momentos onde o espaço ganha contornos diferentes do que possui durante o cotidiano das comunidades, cada morador vive o espaço de uma maneira particular. Esse momento está ligado à fé e à devoção que são elementos intrínsecos ao festejo, sendo resultado da cultura e do modo de vida dessas populações. Exemplo disso é a especificidade da procissão, a qual é realizada em um reduzido trajeto sobre pontes em madeira. Estas são utilizadas como rua em áreas ribeirinhas.

A celebração das missas, dos sacramentos católicos e das novenas, compõe um momento em que pessoas de várias idades e grupos se misturam num mesmo ideal. Não há diferenças sociais ou de outra natureza. Outrossim, existe uma integração na qual as pessoas estão num mesmo nível de importância social, ao menos temporariamente. Há ainda, a tradição de servir comida aos visitantes todos os dias da semana, como parte das oferendas da santa aos que acompanham os eventos da semana festiva; isso possui um sentido prático e simboliza a abundância e a oportunidade de integração com pessoas de outras vilas do arquipélago.

A festa de N. S. da Conceição como um fato social total

A festa do Buritizal é um fato social total, no sentido maussiano. O social ao qual nos referimos é a própria realidade da festa, integrada num sistema social e cultural, de tal forma que os eventos da festividade ao serem analisados isoladamente devem ser vistos, posteriormente, como partes de um todo. Mas o fato total não deve ser apenas a reintegração de aspectos descontínuos. Na pesquisa realizada, vislumbramos o fato social total como um caráter multidimensional, incluindo o aspecto sincrônico que dialoga com a dimensão histórica ou diacrônica.

Com seu conceito de “fato social total” Mauss nos orienta a olhar os fenômenos sociais não isoladamente, mas sim, em conjunto, englobando todas as esferas do social, econômico, político e religioso, pois só assim conseguiremos, de fato, reconhecer sua eficácia na sociedade. Sobre a ideia de fato social total, assim se expressou Mauss: "Depois de terem inevitavelmente dividido e abstraído um pouco em excesso, os sociólogos devem buscar recompor o todo"⁶⁵

A estrutura da festa religiosa tem seu tempo marcado principalmente em três momentos: a **missa de abertura** que ocorre no sábado, horas antes do levantamento do mastro; o segundo momento são **as novenas** que ocorrem todos os dias da semana seguinte ao levantamento do mastro; por fim, a **missa no domingo** fechando os eventos religiosos. Já a festa profana ocorre em vários momentos como, por exemplo: o **grande baile** dançante no primeiro e último dias, intercalado por **leilões e bingos**, que ocorrem durante a semana. Sem contar as **brincadeiras e jogos** organizados para atrair o público durante o dia. Esse ciclo festivo, com início, meio e fim, torna o espaço da Vila Buritizal, por um determinado tempo sagrado, sob as bênçãos da santa padroeira.

Outro ponto relevante é que, no tempo da festa, sagrado e profano se misturam. Os seus participantes entrecruzam os dois mundos, associando a ritualização e a diversão. Sendo assim, a paisagem da festa é permeada por interesses coletivos múltiplos, quais sejam: religioso, comercial, político, profano, esportivo. Cada um à sua forma encontra na festa de Nossa Senhora da Conceição uma maneira de se sentir como parte integrante do grupo social e escrevem sua própria história.

Assim sendo, a Festa de N. S. da Conceição, enquanto ritual, se constitui dos seguintes aspectos: a preparação da festa, as novenas e ladainhas, procissão e missas (liturgias

⁶⁵ MAUSS, Marcel. Manual de Sociologia e Antropologia. Textos Georges Gurvitch e Henri Lévy-Bruhl Tradução Paulo Neves. Biblioteca setorial, CEFD/UFES. P. 23.

e sacramentos), leilões e bingos, bailes dançantes e torneios esportivos. A seguir descrevo cada parte que estrutura linearmente a festa.

A preparação da Festa

A festa tem seu início de preparação já no mês de outubro quando os organizadores começam as primeiras reuniões para tratar diretamente dos assuntos relativos à festa. É parte das estratégias dos organizadores fazer uma distribuição de tarefas, deslocando grupos para cuidar de certas atividades para as quais essas pessoas apresentam mais habilidades e disponibilidade de tempo. Percebe-se que sempre se busca deixar claro que todos os esforços são direcionados para reverenciar N. S. da Conceição.

A preparação da festa tem a participação de muitas pessoas, que demonstrem mais liderança, mas todos participam dos eventos: fabricam bandeirola para enfeitar a frente da vila e o centro comunitário, fazem capinas e podagem de árvores, pintam os troncos das árvores para embelezar a vila e preparam a comida (em geral são dois ou três bois, dos quais são servidos churrasco e outros pratos aos participantes). Em alguns casos, comerciantes contribuem financeiramente com doações – segue-se semelhante ao antigo Juiz de Honra⁶⁶ da santa, naquele tempo em que era honroso celebrar a santidade com tais doações.

A comissão organizadora é subdividida em grupos setorizados, segundo depoimento do Sr. Adinair⁶⁷:

Comissão encarregada da segurança: as pessoas encarregadas de solicitar a licença policial para a realização da festa, em geral tal documento fica em nome do coordenador geral do evento. Além disso, é solicitado o policiamento para os dias de festejo.

Comissão para cortar o Mastro: além de derrubar a árvore e preparar o mastro, faz parte das tarefas desse grupo enfeitar o mastro com bandeiras nas cores azul e branco, incluindo o ato de empunhá-lo no dia da festa;

Comissão de reparos da Igreja: Adinair, Manoel Pimentel, Francisco Pimentel, Antônio Barbosa Filho. São pessoas com habilidade na tarefa da carpintaria, ou seja, responsáveis por fazer reparos na estrutura da Igreja e da ponte que receberá os visitantes.

⁶⁶ Tais (com)pradinhos eram comerciantes ou de outra classe social, interessados em ajudar a festa. Ao fazer isso, ocupavam lugar de destaque, pois era denominado juiz de honra.

⁶⁷ É um dos organizadores da festa de N. S. da Conceição.

Comissão para arrecadar donativos: Bento Lopes, Zenite Cordeiro, Mariza Marques. São voluntários que pedem donativos para serem revestidos em benefício da igreja, através dos bingos e leilões.

Equipe de divulgação: responsáveis por divulgar o evento, distribuir folders e solicitar divulgação nas rádios locais.

Equipe do bar: responsável pela preparação e venda da bebida, sobretudo a compra de gelo.

Equipe de cozinheiras, preparam a alimentação servida aos convidados: Uma das comissões que mais trabalha é a das mulheres responsáveis pela alimentação servida diariamente, pois são servidos todos os dias as refeições aos fieis/brincantes já que algumas pessoas são de outras comunidades vizinhas. Tais são doações de fazendeiros da região que contribuem com animais para abate usados na alimentação durante os dias de festa.

Comissão para organizar o torneio de futebol; preparam o espaço para os jogos entre equipes de futebol de outras vilas.

Comissão de pessoas responsáveis por confeccionar as bandeirolas do mastro: a senhora Regina Barbosa coordena o grupo de pessoas que preparam os enfeites para compor o mastro.

As primeiras reuniões são convocadas pela coordenação já no mês de Setembro, quando são escolhidas as comitativas de moradores e outros voluntários para os preparativos da festa. Uma das primeiras decisões a ser tomadas é o dia de início e término do evento, este depende do dia de sábado mais próximo do dia 08 de Dezembro, de acordo com o calendário. Em 2013 a festa iniciou dia 07 de Dezembro, intercalando-se entre novenas, procissão e bailes dançantes.



Foto nº 12: moradores chegando ao Buritizal após comprar gelo em outra comunidade (acervo pessoal)

A comissão também decidiu sobre os dias de novenas, realizadas todas as noites da semana festiva. Outra decisão importante envolve a data dos eventos ligados ao aspecto econômico, sendo que a partir de quarta da semana festiva até o sábado são realizados os bingos e leilões, ao final dessa semana ocorrem os bailes dançantes.

Os moradores procuram limpar seus quintais, enfeitar a frente das casas e até fazer um trabalho de pintura de suas residências. Isso é uma mudança de comportamento decorrente da proximidade com a festa, fato que reforça a ideia de devoção manifestada pelos integrantes da festividade. Isto mostra, na prática, que a festividade em louvor a santa modifica o cenário da pequena vila, alterando a rotina da mesma.

Existe ainda a preocupação em divulgar o evento, justificada pela necessidade de vender produtos, sobretudo de bebidas, para obter lucros. Por isso, os organizadores da festa utilizam a técnica tradicional de preparar folhetos e catálogos. Na festa de 2013 o catálogo acompanhava um calendário contendo os meses do ano seguinte, distribuídos nas comunidades vizinhas. A equipe destinada a essa tarefa desloca-se à Rádio Bailique FM localizada na Vila Progresso e intensifica a divulgação, já que tal meio de comunicação atinge um raio de ação maior em comparação com os folders e calendários.

Um dos problemas observados entre os organizadores da festa é a preparação da bebida, pois a venda de bebidas alcoólicas rende muito para o caixa da Igreja. Não existe energia elétrica 24 horas por dia na Vila do Buritizal, sem contar que muitas vezes ocorre algum problema no motor e a bebida não fica gelada; para resolver isso, compra-se gelo em grandes quantidades nas comunidades vizinhas que produzem gelo e guarda-se em grandes cubas térmicas. Esse é um problema que pode acompanhar e cuja solução não se leva a efeito sem a participação de todos os envolvidos na comissão organizadora.

A organização da festa de N. S. da Conceição demanda muitos gastos financeiros, pois envolvem pequenas reformas da Igreja, a reforma do trapiche principal da Vila para receber os convidados com segurança, a roçagem da frente da Igreja, a pintura de árvores até ao meio com cal ou tinta, a compra de fogos de artifício para a queima na alvorada, dentre outros. Por esse motivo, existe a preocupação latente dos organizadores em angariar doações a serem leiloadas, já que é o fundo do qual retiram o dinheiro para financiar a festa do ano seguinte.

A missa como celebração

As missas realizadas durante a festa do Buritizal seguem uma tradição católica de ritos, sacramentos e liturgias. O organismo eclesiástico é representado naquele momento pelo Diácono Benedito Mota Rocha, único responsável atualmente pelas cerimônias religiosas por toda a região do arquipélago do Bailique. As missas, atualmente, são fundamentalmente dirigidas pelos próprios moradores, que procuram respeitar os dogmas da Igreja Católica, em respeito às tradições.

É no espaço limitado da Igreja que os moradores são conclamados a rezar, meditar e suplicar por bênçãos. É na Igreja que indivíduos se oferecem espiritualmente, fazem suas orações às forças celestiais, ali representadas pela Santa padroeira. Nesse contexto, a missa representa, também, a instauração oficial da festa; é o momento em que verdadeiramente o tempo da festa é instaurado.

“Sem a missa não há festa”, afirma o Sr. Adinair – um dos organizadores. O tempo da festa passa a ser considerado sagrado, o que justifica a necessidade de se celebrar missas, uma na abertura dos eventos festivos e outra no encerramento. Trata-se, portanto, de criar um sentimento de comunhão dos moradores em fazer cumprir todos os eventos festivos, desde o primeiro ao último estalar dos fogos de artifício.

Durante o evento, o diácono chamou a atenção dos participantes várias vezes sobre a importância de se continuar ensinando os jovens a respeitar as tradições religiosas, ou

seja, de continuarem reforçando os laços religiosos que sempre mantiveram a festa como tradição. “Devemos manter viva a chama da fé em nossa mãe protetora, Nossa Senhora da Conceição” (Sr. Benedito Rocha)



Foto nº 13: Igreja de N. S. da Conceição, altar preparado para o início da celebração e abertura oficial da festividade, dezembro de 2013;

No transcorrer da missa percebemos que sua celebração segue a tradição católica, consagrando os sacramentos como batismo, eucaristia e casamentos, quando for o caso. O momento da consagração eucarística é seguido das bênçãos do vigário, sermão preparado especialmente para mostrar aos moradores a importância da Santa para aproximar Deus daquela comunidade cristã, eucaristia etc. No final da missa, o diácono chama as crianças que serão batizadas naquele ano, pois a festa possui também essa função.

Ao final da missa, ainda no primeiro dia, os moradores levantam o mastro que simboliza o período de realização e destaque da padroeira, de forma que os moradores possam fazer suas celebrações num ambiente coletivo, qual seja. Logo, o levantamento do mastro marca o início do tempo da festa. Todos se reúnem no espaço em frente à igreja, onde a santa

está em evidência. Tal movimento se realiza há mais de 100 anos – o sino que badala ainda é o mesmo de um século atrás, que indica a manutenção da tradição cristã naquela comunidade.

As novenas e ladainhas

O novenário, na tradição católica, corresponde a um período de intensas reverências a alguma santidade, o que ocorre através de “rezas cantadas”. Já as ladainhas são manifestações religiosas com entonação da voz menos acelerado e menos cantado, ou seja, são orações inspiradas no chamado “catecismo” católico. Ambas possuem o mesmo objetivo, porém a novena é especificamente direcionada para N. S. da Conceição, no âmbito dos eventos da festividade.

As novenas são gestos repetitivos que reforçam a presença da Santa. Existe uma forte relação pessoal para com a Santa, uma relação direta e ininterrupta com Ela, não apenas nos dias da festa, mas o ano todo principalmente durante as missas dominicais, quando ocorrem. As novenas aproximam ainda mais os fiéis do sagrado e são uma forma de pagar pelos pecados cometidos durante o ano.

As novenas são efetuadas durante todos os dias da semana festiva, pois é uma tradição que remonta aos mais antigos moradores, desde os tempos da formação histórica da Vila; naquele tempo era obrigatório que se estipulasse um grupo social específico para cada dia de novena e a participação de todos os integrantes do grupo nos trabalhos de reza e cânticos. Atualmente não se faz, obrigatoriamente, tal distribuição.

Não obstante, durante algumas partes das rezas, foram mencionados alguns desses grupos, especialmente os pescadores que estão distantes naquele momento, solicitando bênçãos e proteção aos mesmos. Na missa de abertura, o diácono solicitou que se alguém tivesse alguma mensagem direcionada para algum grupo social da comunidade, aquele seria o momento de fazê-lo.

Durante a semana, após as 19 horas, as senhoras da comunidade, lideradas pela Sra. Nilce Cordeiro, iniciam as novenas que ilustram a necessidade de se reforçar as relações entre a comunidade e a santidade. O sentimento que envolve esses eventos, é o de religar-se a Deus através da Santa, como ficou evidente nas palavras do Diácono Benedito Motta Rocha: “devemos buscar proteção em nossa santa mãe Maria”.

A novena inicia, geralmente, as 19:00 horas e se prolonga por 90 minutos em média, sendo a “puxadora”, “dirigente” ou “capelã⁶⁸” a senhora responsável por fazer o papel de “primeira fila”⁶⁹. Para que a puxadora não fique cansada é normal a presença de algumas ajudantes ao seu lado – a(o)s chamada(o)s assistentes. Na “segunda fila” dezenas de pessoas, incluindo do sexo masculino (pagadores de promessas, também) repetem sincronicamente os versos entoados e ditados pela capelã. Essa hierarquização tem como critério o conhecimento das expressões, palavras e gestos do novenário. Outra característica das novenas no Buritizal é a intensa repetição do nome da santa padroeira.

Duas características básicas das novenas: **a verbalização** com forte apelo emocional visto que a entonação da voz parece chamar as pessoas para um canto que mescla satisfação e comprometimento; em **segundo os gestos**, menos enfáticos que as palavras, os dedos estão envoltos pelo terço e acompanham as canções e expressam o sentimento dos fiéis. Os fiéis estão de joelhos. As práticas de reza realizadas na festa pertencem ao próprio contexto social com linguagem própria, ou seja, expressões locais mescladas com palavras em latim. Como ritos novenários, tais atos trazem à tona toda experiência do indivíduo que se coloca no papel de puxador da novena. Existe uma hierarquização de funções, mas sem relações de poder, isto é, não existe alguém que se destaque entre os integrantes do rito.

As novenas acontecem todos os dias (perfazendo 7, portanto), sendo conduzidas pelas senhoras mais experientes da vila, sendo que no primeiro dia temos a presença de um grupo que toca instrumentos eletrônicos. Esse grupo é oriundo de outra comunidade, Ponta do Curuá; este grupo acompanha o novenário através de uma intensa musicalidade. Durante décadas era tradicional um novenário completo de 9 noites. Não obstante, atualmente, são apenas 7 dias de novenas.

“Durante cada dia de novena são rezados 53 ave-marias, 11 pais-nossos e um terço completo, além de 1 creio em Deus-padre; são vários cânticos sendo que o da entrada tem duração de aproximadamente 3 minutos” (Sr. Adinair, 40). Outra característica dessas novenas é seu caráter mais aberto a outros santos pois não é apenas homenageada N. S. da Conceição. A explicação seria a presença de moradores de outras comunidades, daí porque a reverência a outros santos é justificada.

⁶⁸ Naquele momento, a capelã possui atenções voltadas para Ela, conquanto o ritmo da novena depende, sobretudo, da forma como a capelã entoa os versos.

⁶⁹ Os fiéis denominam primeira fila as pessoas que fazem a primeira voz dentro da distribuição de tarefas no ritual da novena, numa relação de hierarquização cujo critério é a experiência e capacidade de puxar os versos e entoar as cantigas.

As emoções tomam conta dos católicos mais fervorosos, mulheres (mas não somente) choram.

Vejamos alguns trechos⁷⁰ dessas novenas, considerando-se as dificuldades de se compreender as expressões em latim, mescladas com expressões caboclas. Nesta pesquisa apresentamos essa temática através da ideia de ritual.

De vós ter ofendido
Por serdes vós tão bom
De tão bom decida”

“Pêsa meu Senhor
Deobrai a maldade pôr
Ser de ela apartou-me
De Vossa vontade”

“Jesus amantissimo que
Na cruz morreu para
Salvar nossas almas
Por quem vós padeceu”

Após esses trechos seguem-se várias orações dentre elas “Pai nosso” e “Ave Maria”, acompanhadas de terços. Na parte intermediária da novena, aparecem vários outros trechos em latim.

No final, é tradicional os festeiros fazerem um oferecimento para a Santa homenageada, Nossa Senhora da Conceição. Vejamos:

“A ladainha que rezamos ao glorioso.... oferecemos que nos livre do demônio dei sua alma em companhia, as contas de seu rosário são balaio atilaria, que combate no inferno dizendo Ave Maria concebida sem pecado...” a ladainha esta rezada está cumpres as orações, os devotos que rezaram, rezaram com devoção (os devotos respondem: farão os anos por campanha gloria ao céu por salvação).

⁷⁰Os trechos abaixo foram transcritos de um caderno fornecido pela senhora Chiquinha Cordeiro, usado por Ela nos momentos em que “puxava” as novenas.

As ladainhas são consideradas pelos moradores como continuidade das ações religiosas ocorridas na Igreja durante o ano. Então, a ladainha serve para integrar ainda mais as pessoas no período fora da festa. “as ladainha, nós faz no ano” (Dona Dora Cordeiro). Não ocorrem ladainhas durante o período da festividade, pois a ladainha é relativa a pagamento de promessas que ocorrem durante o ano. Nas décadas de 1970 e 1980, ainda se tinha o costume de nomear cada um dos nove dias da novena com um grupo social específico, como por exemplo a noite dos pescadores, noite das mulheres, das crianças, dos viajantes, dos jovens, dos professores e outros.

O rito católico das ladainhas é uma ação com sentido coletivo. Para os fiéis, percebemos que é um meio de se expressar para com Deus, com a Santidade e mesmo com seus pares em busca de bênçãos. Ou numa linguagem weberiana, “os rituais, ladainhas e novenas retira o devoto do estado de anomia, resgatando-lhe a esperança” (WEBER, 1994).

A novena dedicada à Nossa Senhora da Conceição é uma cerimônia bastante simples, estando ao nível de pequenas rezas, compassadas e sem grandes multidões. O roteiro espiritual segue desde a saudação à Santa, que é cantada, seguido de mais orações nos terços seguros com firmeza nas mãos calejadas de mulheres idosas, enquanto se entoam cantigas que misturam expressões caboclas e clássico latim. Cria-se, com isso, um tempo litúrgico de intenso fervor que expressa parte do mundo representado, qual seja: a devoção e confiança na entidade homenageada.

Leilões, Bailes Dançantes e torneios esportivos

As festas dançantes são o ponto alto do evento, pois muitos moradores de comunidades vizinhas se deslocam toda a noite durante a semana festiva para se divertirem, além de servir para integrar ainda mais as pessoas. É durante a festa que a santa consegue angariar recursos para manter as atividades do evento, tais como pagar as aparelhagens que tocam na festa. Os bailes são momentos de confraternização entre membros da comunidade e destes com visitantes.

Nos dias iniciais, bem como nos que antecedem à festa, pode-se perceber várias alterações na comunidade: sua estrutura comercial é mais bem abastecido de novos e diversificado artigos; a montagem do cenário central é uma área grande que fica localizada em frente à igreja. Com a presença do pároco Benedito Mota Rocha, a Vila encontra-se em grande agitação com o envolvimento dos vários leigos que a utilizam como suporte, onde são oferecidos serviços de refeição, material e outros. Uma característica peculiar do pároco é a

de exigir de seus grupos de leigos a total participação na festa com o objetivo de manter viva a tradição de homenagear a santa.

Nesse caso, destacamos MAFFESOLI (1994, p.112), segundo o qual, o “estar-junto à toa” tem sua importância nas coletividades dos momentos específicos das festas, ações comuns através dos quais a comunidade vai fortalecer o “sentimento de si mesma”. A comunidade está no centro das atenções, muitos moradores de comunidades distantes se deslocam para prestigiar o evento de N. S. da Conceição.

Ainda no dia 08, após as 19 horas, iniciou a primeira atividade profana, qual seja um baile dançante e um bingo tradicional cujo objetivo é angariar fundos para a manutenção da Igreja. A ideia dos bailes é mantida há mais de 100 anos, sendo a grande diferença o fato de que antigamente as brincadeiras eram mais intensas, justificado pela necessidade de atrair mais jovens para a Igreja.

Nesse contexto, que parece irreversível, a sociedade do Buritizal sofre influências da modernidade, mesmo estando em meio à floresta os caboclos estão ligados ao mundo globalizado. A festividade de N. S. da Conceição permanece como resultado da força da tradição. Os elementos caracterizadores da festa passam por uma ressignificação. Ao mesmo tempo há uma espécie de retorno ao passado festivo pela força da tradição. Nesse último caso, trata-se de uma transformação que seria nada mais que o “nivelamento”⁷¹ de uma sociedade com elementos de uma nova realidade histórica.

Além disso, os professores da comunidade também dão sua contribuição no dia dedicado aos mesmos. Participam de reuniões integrando-se ao movimento, sob a liderança do professor Ronivaldo Cordeiro⁷²; tal é o dia de quinta feira, dedicado aos professores da Escola Estadual Igarapé do Buritizal. Esse costume de integrar os professores remonta ao passado, tendo como objetivo aproveitar a capacidade dos mesmos em integrar os jovens nos eventos da festa.

É comum os comerciantes das regiões vizinhas fazerem doações para a Santa, são objetos que são colocados no leilão. Outro costume é de matar alguma galinha e prepará-la, assando-a de forno para doá-la para leilão e para o bingo, tal é um dos costumes locais e motivo de honra para o festeiro e para a própria comunidade. Os moradores acreditam no retorno de tal ação em forma de bênçãos.

⁷¹ Pierre Sanchis usa esse termo para se referir a mudanças nas romarias portuguesas. P. 335. Ver Arraial: festa de um povo – as romarias portuguesas. Lisboa: publicações Dom Quixote, 2ª edição, 1992.

⁷² É professor e diretor da E.E. Igarapé do Buritizal, presidente da Festa já a alguns anos e coordena os grupos que organizam a festa de N. S. da Conceição.

Os bailes mudaram de perspectiva diante do movimento das aparelhagens, pois hoje, no Buritizal, os jovens preferem muitas luzes e muito barulho. Não existe mais o ambiente mal iluminado de outrora, a luz de velas e lâmpões, uma vez que a festividade acompanhou o movimento das grandes aparelhagens que arrastam multidões – um DJ especializado em tecnobrega⁷³ também é bem aceito pelos participantes da festa, pois isso é visto pelos moradores como sinônimo de status para uma festividade, afinal os moradores de outras comunidades acabam sempre comparando as festas locais.

“Os outros membros da coordenação geral, sempre afirmam a importância de se contratar sons com muita força e que tragam jogos de luzes... a gente então atende o pedido porque eles fazem parte da festa, né?” (Adinair, 40).

Por outro lado, existe uma preocupação dos organizadores da festa, de chamar a atenção dos brincantes no sentido de causar uma “boa impressão”, sobretudo em vender cerveja bem gelada e tocar músicas que agradem ao público dançante. Nesse sentido, pessoas de outras comunidades (Vila progresso, comunidade de Jaranduba, Franquinho, Macedônia e outras) frequentam a festa do Buritizal para verificar o nível de organização da festa. Formase, então, no arquipélago do Bailique, um circuito de festas de santos padroeiros, acompanhado de um clima de rivalidade entre as comunidades cada qual objetivando preparar uma festa melhor que as outras.

⁷³ Ritmo da música brega mesclada com musica eletrônica, acompanhada, também, com outra variante do brega: o *melody* (brega romântico).



Foto nº 14: vista da entrada do centro comunitário de Vila do Buritizal, local dos grandes eventos populares, onde se realizam os bailes, bingos e leilões.

Entre os torneios esportivos destacamos o futebol de campo masculino e feminino, que atrai dezenas de times formados por outras comunidades vizinhas e mantém entre si rivalidades de há décadas e aumenta a movimentação de pessoas durante a semana da festa; há ainda, uma tradicional disputa de canoagem, a bordo de pequenas montarias, os mais jovens disputam entre si os mais velozes remadores e animam os apreciadores do evento. Levantamento de camisas de clubes – trata-se de uma brincadeira que consiste em pagar um pequeno valor para colocar a camisa do seu time de coração até que alguém pague mais caro para colocar a sua. O jogo de lançar bolas nas pequenas cestas etc...

Existe uma rivalidade futebolística entre algumas comunidades do arquipélago, especialmente dos moradores do Buritizal, que sediam o torneio com os jogadores da Vila Progresso, o que anima os brincantes e festeiros.

O circuito comercial formado em torno da festa do Buritizal não é um arraial de grande proporção, mas apenas uma forma de animar os fiéis/brincantes e arrecadar mais dinheiro para a manutenção da festa. Os moradores, fiéis e brincantes aguardam esses momentos o ano inteiro, seja pela devoção, pelas possibilidades ganhar prêmios nos bingos,

mas, sobretudo, pelo divertimento em uma região com poucas possibilidades. A grande mudança no período desse pequeno arraial é a intensa movimentação de pequenas embarcações em direção ao Buritizal, movimento de pessoas, de serviços, produtos e também de ideias.

Do ponto de vista da organização e estrutura dos leilões, não percebemos alguma especificidade, mas sim um movimento alternado entre os organizadores que revezavam a participação no evento. Os produtos são leiloados numa sequência aleatória, sem preocupação com algo especificamente, a não ser em angariar mais recursos. Tal realidade nos remete a pensar os leilões e bingos como eventos com objetivo definido, qual seja financiar a festa. Eventos com objetivos diretamente ligados à necessidade de se levantar recursos financeiros para custear a festa do ano seguinte.

Nesse sentido, acrescentamos que a Igreja Católica, como instituição organizada em paróquias, não fornece recursos para financiar as festas da santa no Buritizal (acreditamos que em nenhum outro lugar). A festa faz parte de um movimento que é alimentado pelos próprios moradores, a partir de sentimentos de fé impulsionadores oriundos dos moradores da Vila. Logo, os leilões e bingos, promovem a circulação intensa de pessoas que estão dispostas a gastar dinheiro em consumo de alimentos e bebidas, bem como testar sua sorte nos bingos, mistura de diversão e expectativa de ganhar prêmios.

Na quarta feira da semana da festa, destinam-se a atividades aos jovens sob a liderança da jovem Flávia Pacheco⁷⁴ que representa a necessária introdução da juventude nos atos religiosos da semana em comemoração à santa Padroeira. Como pudemos perceber, funciona como atividade que une esses jovens com a religiosidade em tempos em que os mesmos distanciam-se da igreja. Os jovens estão afastados da Igreja e esses eventos integradores tentam reverter esse quadro.

A participação dos jovens é lembrada pelos organizadores da festa, já que existe o JUB (Jovens Unidos do Buritizal). Todas as quartas feiras os jovens se reúnem para meditar e exercitar a palavra de Deus, sendo considerado como uma estratégia para se arrebataram fieis e praticantes do catolicismo. Dentro dessas reuniões nasceu o ciclo bíblico, com o objetivo de recordar os acontecimentos da semana e depois da leitura do evangelho escolhem-se temas para serem debatidos. Marcante, nesse contexto, são os contatos com jovens de comunidades vizinhas. Durante a festa, o JUB reforça seus votos de devoção à Padroeira.

⁷⁴ Flavia tem 18 anos e é filha de um comerciante da vila. Ela lidera um grupo de estudos bíblicos com o intuito de chamar os jovens para a Igreja.

“Nós nos reunimos às quartas-feiras, mesmo fora do período da festa para debatermos a palavra bíblica, o objetivo é o aprendizado do evangelho e, assim, temas importantes como família e respeito são levantados” (Flávia, 18 anos).

Como vimos, a festa da Padroeira marca profundamente o cotidiano da comunidade e, como em qualquer lugar, no final da festa a Vila fica desorganizada, vazia, sem nenhum movimento. A comunidade e as pessoas voltam ao ritmo normal de trabalho e suas atividades cotidianas. Mais uma festa da Padroeira foi realizada, recomeçando novamente as expectativas para o próximo ano. Quando termina o período dos festejos, a vila volta à sua rotina.

Portanto, o festejo do Buritizal está inserido num lugar social específico, religioso, ribeirinho, especialmente propício para se estudar aspectos rituais com valor simbólico. As cerimônias, a aproximação com o sagrado e tudo o mais que o envolve faz parte de um fenômeno social com amplitude coletiva. O corpo religioso se faz solene, se “comunicando” a santa através dos ritos praticados pela comunidade. É o espaço onde o grupo se movimenta e pratica sua religiosidade e confraternizações. É uma comunidade afetiva porque partilham os gestos e ações, dando sentido de existência à festa.

Concluimos que alguns eventos da festa de N. S. da Conceição, quando comparamos a festa no tempo presente com relatos orais do passado, sofreram transformações e passam por um processo de (re)significação. Essas mudanças se justificam, pois a festa é realizada noutro contexto histórico⁷⁵. Ocorreram mudanças ao longo do tempo, pois, pelas próprias mudanças nas concepções das lideranças da festividade. Em geral jovens com outra visão acabaram adaptando alguns eventos ao “padrão” das festas atuais que consagram principalmente as aparelhagens e músicas eletrônicas, contrastando com as festas à luz de lamparinas da década de 1950, além das bandas instrumentais. Isso deu à festividade nova configuração. Assim, embora os temas festivos continuem o mesmo, mudou o público e a parte religiosa se adequou aos novos tempos, com novas ações e significados.

A Procissão

A comunidade do Buritizal tem festa como um compromisso religioso, mas também como celebração da vida. A festa separa os eventos sagrados das ações profanas, numa sequência de eventos organizados e distribuídos entre as equipes de trabalho para que boa parte dos fiéis possa participar das homenagens à Santa. Como percebemos, isso ocorre desde os primeiros eventos festivos. Desde a origem histórica da comunidade do Buritizal diziam os moradores mais antigos que a própria terra onde está localizada a vila pertence à santa:

Essa área aqui é toda da Santa, nós tamo aqui emprestado, essa ilha aqui até varando o Sipriano [um igarapé] tudo é da Santa” ... “essa festa é a mais velha que de lá do Franquinho, despos que afundaram a de lá... dantes era só aqui do Buritizar, despos que afundara lá (Dona Lucila, 94)

Em torno desse movimento festivo-devocional a Nossa Senhora da Conceição, os moradores do Buritizal percorrem um caminho, movidos pela fé, a força que move esses indivíduos, trabalhadores que tem esperanças no futuro. A procissão da Festa de N. S. da Conceição, apesar de um caminho curto, conta com a presença de pessoas que depositam suas esperanças na obtenção de bênçãos. A procissão é uma celebração pública móvel e extraordinária, pois foge ao ritmo cotidiano dos moradores.

Para DaMatta (1985) os rituais são de caráter extraordinários, ou seja, fogem à cotidianidade, mesmo considerando que também o dia-a-dia encontra-se repleto de comportamentos sociais ritualizados. Existe toda uma série de atividades preparatórias dos lugares onde os mesmos serão executados e após a sua realização, também uma reorganização do lugar.

As procissões vão ocupar lugar de destaque por serem momentos de demonstração da religiosidade que propiciam o ato de manifestação festiva, ora pelo *sagrado* ora pelo *profano*.

Tal ideia demonstra uma relação de respeito pela Santa e uma noção muito própria de espaço geográfico⁷⁶ comunitário, não tendo os moradores a pretensão de sobrevalorizar a terra, mas sim acreditam que a santa que lhes concede graças e bênçãos. Por que não dizemos que o espaço da Vila representa o local abençoado pela presença constante da santa padroeira. Assim, a permanência da santa na Vila é condição “sine qua non” para a harmonia do cotidiano dos moradores.

⁷⁵ Nos referimos ao contexto da globalização, embora não haja energia elétrica 24 horas por dia no Buritizal, os moradores dispõem de motores que geram energia e, assim, estão em contato com a televisão e o rádio, que contribuem para mudanças no modo de vida ribeirinho.

“Ficamos muito felizes por esse evento tão abençoado. Foram duas missas na paróquia, com a presença desse povo de Deus, que adorar a Deus. Louvamos a Deus pelos dias festivos e pelas bênçãos em nossas vidas... Se você tem fé, você chega lá” (Adinair, 40)

A procissão é um evento em que a santa visita alguns espaços da Vila. É um dos momentos mais esperados pelos moradores, inclusive de outras comunidades, que estão à espera para pagar suas promessas. A pequena procissão tem por características não ter trajeto definido, pois a cada ano devido a circunstâncias específicas o itinerário pode ser ampliado ou reduzido. Em 2013 a procissão percorreu aproximadamente 500 metros⁷⁷, sendo somente terrestre. Outra característica da procissão é a dependência das pontes em madeira para cumprir o trajeto, o que muitas vezes impossibilita a participação de mais pessoas. Durante o traslado da santa são entoados cânticos e oração de louvor e graças.

“os cânticos entoados são os mesmos da procissão do Círio de N. S. de Nazaré” (Adinair, 40)

A procissão ocorre com o deslocamento da imagem da Santa. Trata-se da projeção da imagem fora do espaço sagrado, passando em frente às casas a abençoá-las, uma sacralização do espaço. Concebemos a procissão duplamente: primeiro, liga a imagem santificada aos moradores que podem, individualmente, expressar publicamente sua fé; em segundo lugar, o traslado realizado na vila expressa a benção coletiva.

O Sr. Adinair assim se referiu ao percurso da procissão: “nós sai da Igreja depois da missa e caminha pela ponte da Vila até em frente a casa da dona Lucila, depois volta para a área em frente ao centro comunitário”.

Assim se expressou Fraxe a respeito das promessas: “a promessa é a principal maneira de se obter a proteção de um santo ou seu auxílio nos momentos de crise” (FRAXE, 2011, p. 317).

Os pagadores de promessas carregam a santa, mas quando o número de promesseiros é muito grande a solução é amarrar fitas na Imagem e os pagadores seguram-na simbolizando a promessa paga. Há um costume de se cortar a fita no tamanho da pessoa que foi abençoada e assim identificar o promesseiro.

Para fixar essas fitas existe um instrumento em madeira denominado ciranda de fitas. Essas fitas são amarradas à Santa, durante o período entre a solicitação da prece e a festa. Destarte, as promessas à santidade homenageada ocupam lugar de destaque no conjunto

⁷⁶ Sobre a relação entre espaço e religiosidade ler o artigo de Alfredo Wagner: “terra de santo”.

⁷⁷ Por volta da década de 1980, relatos dão conta de um trajeto de aproximadamente 1000 metros, pois naquele tempo a forma como as pontes estavam organizadas permitiam um trajeto maior.

do evento religioso, já que os poderes sobrenaturais dialogam com a vida social dos homens e mulheres comuns em busca de proteção.

“A promessa é a relação estabelecida entre a condição humana concreta e um invólucro de santidade que a rodeia. Faz parte de uma visão do mundo dentro do qual constitui um modo de comunicação essencial. Por isso mesmo ela aproxima-se do sacrifício” (SANCHIS, 1992). Nesse caso, o ato de pagar uma promessa possui um significado que deve ser considerado desde o pedido feito à santidade. Mais que isso, o mesmo autor atribui à promessa aos santos quando, muitas vezes, alguém está em perigo, sua saúde ou a de um parente, as pessoas recorrem diretamente à santa de sua confiança.

As promessas orientam as relações, das pessoas com os santos, com os quais ficam em “débito”, sendo este quitado mediante um pagamento pela graça recebida. O que se vê é uma troca recíproca entre indivíduos e a santa.

“A promessa é um instrumento acionado pelo fiel na busca de solução de problemas da vida prática e se concretiza através de um acordo entre o fiel e a divindade. Na incapacidade e limitação de realização de um feito ou solução de um problema, o devoto apela para a intervenção divina na busca de um milagre”. (SILVA, 2013, p. 111).

A relação de troca entre promesseiro e a santa se exprime pela necessidade dos fiéis alcançarem soluções para de vida na terra. Nesse caso, estão relacionados, sobretudo: a conquista de uma vaga na universidade aos filhos que, muitas vezes, moram na capital Macapá e estão em busca de uma oportunidade de melhoria de vida; a oportunidade de realizar o sonho de construir um barco, seja como meio de transporte ou para pesca; problemas ou resoluções de doenças

Sobre o ato de carregar a imagem da santa, o Sr. Adinair assim se expressou: “agente carrega a santa, sempre os pagadores de promessas estão presente para ajudar, colocamos ela no Andor enfeitado com a ciranda de fitas... cada pessoa durante o ano vai amarrando suas fitas na imagem e no dia da procissão paga sua promessa” (Adinair, 39).

A representação é muito forte nos eventos diários enquanto transcorre a festividade, em que cada objeto ou símbolo possui um significado específico. Todos os símbolos em conjunto ajudam a representar a visão de mundo daquelas pessoas; isso nos induz a pensar as fitas amarradas à santa como uma materialização da fé e um objeto que representa o próprio fiel que muitas vezes não pode estar presente o tempo todo junto a Santa.

Dessa maneira, os moradores encerram a procissão, as fitas são retiradas e a imagem é recolocada no seu lugar, com muito cuidado, pois essa imagem possui aproximadamente 100 anos e possui vários sentidos (imagético, religioso, devocional,

inspirador, sentimental, de bênçãos, etc). Sobretudo, quando Ela se desloca por outros espaços da Vila do Buritizal representa para os moradores uma renovação dos votos de fé como se toda a Vila estivesse renovada.

Na procissão percebemos um conjunto de sentimentos em torno da divindade, seguindo uma lógica com relações simbólicas e significados que podem explicar parte do mundo caboclo em questão. Por exemplo, o ato de alguém carregar um pequeno barco feito de Buriti⁷⁸ ou isopor, feito para uma criança brincar ou ser oferecido à Santidade durante os preparativos da festa, isso revela mais que sentimentos de graça e fé.

Assim, acreditamos que a festa do Buritizal é um sistema culturalmente construído de comunicação simbólica, onde os ritos deixam de ser apenas a ação que corresponde a (ou deriva de) um sistema de ideias, resultando que eles se tornam bons para pensar e bons para agir - além de serem socialmente eficazes (PEIRANO/2002). Com isso, reafirmamos a relevância dos símbolos, o mastro, as novenas e suas expressões de fé, possuem eficácia no contexto social analisado.

Derruba do mastro: o fim da festa

O mastro é sempre levantado no sábado anterior ao dia 08 de Dezembro de cada ano e tem em média 30 metros e a árvore utilizada para corte geralmente é a Ucuúba⁷⁹. O critério é que a árvore escolhida deve ter um formato retilíneo e que permita bastante visibilidade ao ser descascada⁸⁰. Após a derruba da árvore, esta se transforma no mastro, sagrado, com valor social. O tempo em que o mastro está fixo na área da festa, significa o tempo intercalado entre início e término do evento.

Durante o levantamento do mastro⁸¹, são entoados cânticos religiosos que animam os homens empenhados na tarefa de erguer a bandeirola com a insígnia de N. S. da Conceição. O mastro permaneceu até o último dia da festividade. Novamente, ocorre um bingo por volta das 23 horas e música ao vivo.

Quanto à representação que envolve o mastro e sua importância, concluímos como algo que atribui àquele pequeno espaço um caráter sagrado e indicativo da devoção

⁷⁸ Buriti é retirado da árvore Buritizeiro e fornece uma palha usada para cobrir casas; além disso, fornece uma espécie de cortiça que pode ser usada para fabricar rolas para garrafas. A cortiça ganha formas diversas, como um barco de brinquedo, por exemplo.

⁷⁹ Madeira conhecida popularmente como virola, tem como característica principal ser uma madeira leve, de fácil manuseio, aparece nas cores vermelha ou branca.

⁸⁰ O ato de retirar a casca da árvore que compõe o mastro tem como objetivo melhor visibilidade ao mastro.

⁸¹ Antigamente, havia o costume de se levantar o mastro da Santa e, caso alguém tivesse feito uma promessa, poderia levantar mais um mastro. Havia casos em que havia dois ou três mastros.

daqueles atores sociais, especialmente a presença de uma bandeira da Santa que permanece tremulando durante uma semana, depois a bandeira é retirada com muito cuidado.

No dia 14 de Dezembro, 7 dias após o início da festividade, os moradores efetuaram a derruba do mastro que simboliza oficialmente o término do evento religioso, logo após uma missa. Não obstante, não podemos dizer que a derrubada do mastro seja o último ato do evento, pois no dia seguinte ainda ocorre uma rodada de bingos na domingueira⁸² do lava-pés ou varreção.

Hoje em dia, quase não se utiliza a expressão lava pés ou varreção, muito usada no passado. O termo agora é domingueira, ou seja, uma grande atividade dançante que representa uma continuidade do baile de sábado a noite. É um momento que no passado não existia, pois o domingo era destinado a limpeza do centro comunitário.

Após a derruba do mastro, as pessoas seguem para a Igreja, pois é costume que, enquanto algumas pessoas derrubam o mastro, as crianças (quando é o caso) estão sendo preparadas para o batismo ou outro sacramento. Também, alguns noivos deixam para celebrar sua união nesse dia, esperando, assim, um matrimônio abençoado pela Santa.

Esses são os eventos que finalizam o ciclo festivo no Buritizal, é um momento importante para os católicos que procuram manter a tradição religiosa através dos sacramentos. Esse é um costume mantido na festa, já que no passado muitas pessoas receberam o batismo, a eucaristia e o matrimônio abençoados pela santa.

⁸² Nome que se atribui aos eventos festivos realizados aos domingos, não sendo uma exclusividade da festa do Buritizal.



Foto nº 16: comissão organizadora prepara o mastro para ser levantado. Acervo do pesquisador

A segunda feira seguinte é o momento de limpeza da Vila, arrumar os objetos nos seus lugares e fazer a prestação de contas do que foi gasto e dos lucros.

Símbolos⁸³ e Imagens da Festa

A festa é, de maneira geral, um conjunto de ritos que compõem parte dos elementos do catolicismo tradicional, incorporando-se algumas tradições da cultura cabocla cuja principal característica é a devoção aos santos católicos.

Os ritos, em geral, são todos os atos praticados com alguma frequência. No caso do Buritizal, destacam-se as ladainhas entoadas durante o ano inteiro (e os rituais em homenagem a N. S. da Conceição no fim do ano) como forma de agradecimentos a Deus. Os ritos são sistematicamente organizados, e executados por pessoas envoltas de crenças, pois acreditam no poder da santa. Os ritos da festa do Buritizal, então relacionados às representações que os moradores atribuem aos santos e seus poderes.

Procuramos pensar o ritual com valor social definido. Isso significa, assim como Tambiah, “uma ordenação que o estrutura, um sentido de realização coletiva com propósito definido e também uma percepção de que eles são diferentes dos do cotidiano” (apud Peirano, 2002, p. 25); ir além significa, pensar as ações da festa como concepção de mundo, isto é, aquilo que dá sentido de existência aos praticantes do evento religioso, ligado à história do grupo.

Tais são as cerimônias católicas que aproximam os fiéis a Deus, por intermédio da santa padroeira; os momentos da festa se relacionam, sobretudo, às ladainhas e novenas que possuem como principal simbologia, a musicalidade e o terço acompanhado em orações; a musicalidade expressa sentimentos de regozijo, o ato de cantar apresenta-se como mais expressivo do que o ato de falar apenas, isoladamente, o sentido que pudemos perceber nas ladainhas é de alegria (às vezes, também, um tom de lamento).

Sobre o sentimento de regozijo, os ritos imprimem ao grupo social um ritmo e asseguram sua regularidade e sua convergência naquele momento em que ocorrem. Neles, a dimensão simbólica totalmente constitutiva do humano atinge se aguçá ao extremo, o que se conclui que a musicalidade das novenas expressa o sentimento de alegria. Nesse caso, existe um caráter repetitivo, como se quisessem descarregar naquele momento seus pecados e se auto renovar.

A festa do Buritizal constitui-se num momento em que a coletividade está envolvida nos eventos e cerimônias com a seguinte modulação: o estar-junto, rezando e cantando em tons diversos; e a de divertimento, alegria, danças e atividades esportivas. Em

⁸³Segundo Sperber: “O vigor do simbolismo em nossa própria cultura e a presença indubitável de um pensamento racional em toda sociedade (...)” “mas não invalidam a concepção de um simbolismo irracional”. 1974.pág. 14.

seus diferentes graus, esses eventos possibilitam para quem deles participem aumento a vivência comunitária, uma existência que é própria da festa. As ações da festa do Buritizal não são apenas ações, possuem sentido de integração. Ou nos termos de Jean Duvignaud, na festa “o homem muda a si mesmo porque ele se inventa” (1994, p. 117).



Figura nº 15: sino original que, segundo relatos, possui mais de 100 anos e pode ter sido deslocado de uma vila em decadência no Mazagão no período colonial. Acervo do pesquisador.

A presença da Santa nos remete a pensar a novena como um estar-presente, tanto dos moradores como, principalmente, de N. S. da Conceição. A relação entre os fiéis e a imagem da Santa é como se fosse entre pessoas, falam-lhe, tocam-lhe, fixam-lhe os olhares como se tivessem à espera de uma resposta. Ao final da novena, é sempre profícua uma despedida à Santa, um até amanhã, enfim, na certeza das graças obtidas curvam-se os joelhos e beijam-lhes os pés numa clara demonstração de respeito diante do celestial poder emanado de N.S. da Conceição.

Outro símbolo presente nas novenas é o terço, quando acompanhado de rezas, parece servir de uma atividade mais de labuta intensa, ou seja, os fieis estão a praticar firmemente o ato de rezar; tal movimento é semelhante às penitencias dadas quando das confissões diante dos padres dentro da lógica ritualística da Igreja. A reza acompanhada do terço se faz com movimentos repetitivos, compassada, sem pressa, certos de que aquela atividade rende à coletividade as bênçãos solicitadas.

A reza da novena e a utilização do terço colocam aos devotos num momento de troca com a santa, pois os moradores acreditam no poder celestial de N. S. da Conceição e em troca das orações e das reverencias, os moradores buscam a purificação e o perdão pelos pecados. Trata-se de um momento privilegiado, ao mesmo tempo de concentração é indispensável para que o evento seja consagrado.

Existem dezenas de pequenos trechos dessas ladainhas, dessa musicalidade oriunda em trechos cantados e rezados em latim; as beatas do Buritizal acabam acrescentando algumas palavras do próprio cotidiano e assim, dificultam uma tradução. Para Turner (1974): “[...] uma coisa é observar as pessoas executando gestos estilizados e cantando canções enigmáticas que fazem parte dos rituais, e outra é tentar alcançar a adequada compreensão do que os movimentos e as palavras significam para eles”.

A festa do Buritizal, assim como em muitos locais da Amazônia, trabalha muito o aspecto imagético, ou seja, de culto aos santos: “A imagem presentifica e dá sentido à divindade entre os fiéis. Ela proporciona com que os mesmos façam uma comunicação entre a vida terrena e Deus, e isto se dá com a multiplicação das imagens e a percepção da onipresença da divindade” (SILVA, 2013, 106).

A ideia de rito, pensada a partir de Durkheim, possui função social definida naquele contexto, ou seja, as ações promovidas tanto pelo Pároco como pelos leigos, é de reafirmar a fé em Deus através da intercessão feita pela Santa. Nesse sentido, entende-se porque no evento festivo é comum as pessoas ficarem de joelhos em frente à imagem de N. S. da Conceição e fazer pedidos e suplicas, pois Ela representa a materialização da fé e, sobretudo, o caminho mais curto para se chegar a Deus.

Os rituais dizem coisas e representam sentimentos, sendo a promessa um ritual e com importância virtual dentro da lógica festiva, pois segundo Silva a promessa é “um tipo de comunicação estreita com a divindade e ação concreta dessa relação que se apresenta em um rito específico: a promessa” (TURNER, 1984)

A promessa paga à N. S. da Conceição é feita de um ano para o outro e os promesseiros (às vezes, eventualmente) amarram na Santa uma fita na cor azul ou branca e

esta fita permanece amarrada durante o ano seguinte para, então, ser acompanhada na pequena procissão. Nisso percebemos a força do simbólico, já que alguns moradores cortam a fita no tamanho ou até largura da pessoa envolvida na promessa.

Outro elemento da festa do Buritizal são os objetos sacros, que funcionam como símbolos e que unem as instâncias ao nível do sagrado ao fiel que está disposto a se doar para a Santa através a devoção. Naquele momento considerado extraordinário, os objetos sagrados fornecem parte das respostas às incertezas, às dúvidas e angústias acumuladas durante o ano, à desordem e às crises individuais. De outro ponto de vista, propicia ao devoto a possibilidade de estar naquele contexto, de se perceber elemento constituinte no mundo social, daí o por que suas orações; suas ações são, naquela prática espiritual, um meio de aliviar suas dores.

À guisa de conclusão: Identidade cultural e Representações da Festa de Nossa Senhora da Conceição

“Lendo” a festa de N. S. da Conceição como parte da cultura ribeirinha em seu “locus social”, que inclui a formação histórica e religiosa de uma comunidade ribeirinha, percebemos a aglutinação de diferentes saberes, tradições, crenças e costumes remanescentes de uma cultura indígena, europeia e negra, letrada e popular. As memórias revisitadas mostram que os moradores do Buritizal foram educados a separar trabalho de festa, sagrado de profano e foram doutrinados na devoção. Os ribeirinhos construíram seu cotidiano ao longo de décadas, sempre acompanhando o movimento lento das marés e sempre vinculados aos misticismos da natureza.

Logo, o sentido da festa está na própria existência da Vila e do espaço como algo sagrado, “emprestado” pela Santa. Tal história nasce no contexto de ampliação dos horizontes católicos que se consolidam através da evangelização – a presença dos padres alemães com batina preta. A memória dos entrevistados remonta a essa paisagem humana, “desenhada” com a presença de padres redentoristas alemães (e de outras nacionalidades e grupos religiosos) com suas batinas pretas, mais que uma paisagem específica, uma religiosidade “imposta”.

Essa relação religiosa e cultural não está dada e vencida, mas que se reinventa cotidianamente, ganhando outros significados. Religiosos e ribeirinhos enlaçaram-se e entrecruzaram suas culturas, refazendo nesse movimento suas identidades culturais. Tratamos, então, de mapear a identidade local através da festa religiosa no tempo sincrônico e diacrônico, pensando a cultura através do movimento circular, de idas e vindas entre grupos sociais.

Procuramos dar especial atenção para as nuances da cultura ribeirinha do Buritizal cujos moradores atuaram com uma religiosidade visual, festiva, comunitária e performática na defesa e resistência de suas tradições místicas e religiosas, bem como sua visão de mundo caboclo frente à presença da Igreja Católica no processo de implantação do projeto evangelizador. Por outro lado, nunca foi preocupação dos líderes da festividade, se distanciar dos dogmas e normas impostas pela Igreja, ao contrário, a obediência aos preceitos religiosos foi sempre uma necessidade latente.

Diante do exposto, observamos que a prática festiva é socialmente construída a partir de diferentes âmbitos de conhecimento (universo tradicional, caboclo, ribeirinho, mas também mesclado com alguns aspectos da cultura urbana) que motivou nossa aproximação da Antropologia, a fim de compreender estes sistemas e sua convivência. Buscamos entender a

lógica interna de um sistema, qual seja, da festividade de Nossa Senhora da Conceição. Este fenômeno social está preso aos mistérios da natureza e resulta em constructos culturais específicos, embora não únicos na realidade amazônica.

Dentro da realidade bailiquense temos uma religiosidade permeada por vários aspectos. Somados aos que já foram comentados temos o fator indígena e as crenças do caboclo. Estes aspectos, por si só, já são capazes de dar novas características às crenças e ao modo como o homem se relaciona com o sagrado. Na comunidade do Buritizal temos desde os mistérios das encantarias, da pajelança, dos rituais até os momentos efervescentes das festas religiosas. O resultado disso é um imaginário ligado às concepções de mundo e da natureza.

Essa maneira de se relacionar com o sagrado e com o universo das crenças não representa apenas o produto da amalgamação das tradições, a ibérica, negra e a indígena, estas são as fontes formadoras da religião do ribeirão do Buritizal, ressaltando que o componente ambiente físico é grande responsável por este fenômeno. (Galvão, 1976). No Bailique de maneira geral instalou-se vilas com forte tradição festeira, exemplo disso são as famosas “mucurinhas” –pequenas festas profanas, eventualmente com proteção de algum santo mas não sendo esse o foco principal, que são realizadas esporadicamente e preenchem o vazio deixado pela falta de divertimento na região.

Por esse motivo a investigação da memória social, relacionando-a à cultura, a identidade e a representação nos indica pistas no campo da fenomenologia, de aspectos pertencentes àquela sociedade, sendo que as experiências de seus agentes históricos e a maneira de compartilhar durante anos, é seu campo de atuação. Entende-se que a memória dialoga com os aspectos constitutivos da identidade cultural, assim como proporciona o entendimento dos significados das manifestações culturais, dentro de um terreno fértil chamado imaginário.

No texto acima, verificamos que a Igreja mantinha um certo esforço controlador sobre as pequenas igrejas no Bailique, especificamente no Buritizal as visitas tinham caráter evangelizador e ao mesmo tempo de controle social e político. Não conseguimos mensurar o tamanho desse controle.

Através da memória buscamos uma perceber a identidade cultural da Vila do Buritizal, que significa percebe-la como resultado lógico de um processo em que a identidade é uma construção do cotidiano, formada e transformada de acordo com as representações e relações entre os grupos sociais imersos no contexto social caboclo. Tal identidade histórica tem valor agregado à religiosidade do grupo, uma vez que parte da história da comunidade se

confunde com a trajetória da Igreja e as formas de manifestação e devoção à N. S. da Conceição.

Na medida em que os símbolos culturais passam pela ressignificação e é incorporado no corpo social acreditamos que representação cultural se amplia. Numa dada realidade social existe uma multiplicidade de identidades possíveis com as quais as pessoas podem se identificar, ao menos provisoriamente, mas que ao longo do tempo se materializam, ganham concretude e reforça os laços de solidariedade entre os caboclos. A identidade cultural possui seu “lócus”, enraizada no “lugar social” e sua noção de pertencimento é determinante para as pessoas. Em outras palavras, a representação social trabalha associada aos símbolos, estes com valor cultural.

No Buritizal, as expressões de religiosidade e outros aspectos da vida social cabocla, fazem parte do sistema de vida de um grupo que, no campo religioso, envolve além das crenças místicas, um conjunto de práticas comportamentais. Assim, De Certeau (1994, p.20-21) defende que: “[...] não se trata de elaborar um modelo geral para derramar neste molde o conjunto de práticas, mas, ao contrário, de especificar esquemas operacionais e verificar se existem entre eles, categorias comuns e, se em tais categorias, é possível explicar o conjunto de práticas”.

O evento festivo de N. S. da Conceição e sua constituição histórica revela uma série de manifestações, gestos e palavras, traduzindo representações coletivas integradas por crenças, símbolos e práticas coletivas, integrando o indivíduo a um determinado grupo, o que nos fornece elementos para a compreensão do modo particular como o caboclo representa seu mundo.

A procissão e a missa são momentos em que se observa uma expressão e representação da fé dos moradores à padroeira do local. É durante a procissão que escutamos mais claramente pessoas entoando vozes e dizeres de agradecimento, o que se materializa através da fé; embora a procissão tenha um percurso de aproximadamente 500 metros, devido a características peculiares de uma Vila construída sobre pontes, o movimento de traslado da imagem é intenso e repleto de emoções.

A festa religiosa aqui estudada enseja uma série de eventos específicos associados a ela: bingos, leilões, bailes dançantes, eventos esportivos e de divertimento para crianças, dentre outros. O núcleo das ações da festa é composto de procissão/reza/liturgia é combinada de outras atrações festivas não exatamente religiosas. Tudo isso soma-se ao foco central do evento, qual seja a atração de devotos de dentro e de fora da comunidade, produzindo uma movimentação de fiéis/brincantes que vão à Vila do Buritizal, singrando rios

e igarapés em noites pouco iluminadas em busca de diversão. Porque não dizer que se trata de um circuito sacro-profano local aguardado pelos ribeirinhos o ano inteiro.

Em geral os ritos da festividade são caracterizados por momentos com espaços de tempo relativamente longos, mas também há momentos em que o evento religioso se torna unívoco, através das novenas, que expressa sentimentos profundos de fé e reverências católicas; esses rituais envoltos de simbolismos passam por um processo de enraizamento e uma simbiose cultural, pois uma vez que se constitui em palavras, imagens, cantos, gestos, cacoetes linguísticos caboclos e toques de instrumentos que guardam memória dos antigos moradores.

Quem participa da procissão revive costumes e tradições do passado não muito distante. Muitos dos atuais líderes do evento viveram esse passado quando muito jovens e para eles refazer parte dessas tradições é algo familiar. “Sentimento enraizador e portador de esperança é cantar de novo os cânticos das festas comunais. Um dos atrativos desses hinos é a convicção de que os homens de outros tempos assim os cantaram” (Eclea Bosi, 2004, p.39). Nesse particular, as novenas ocupam lugar de destaque por sua musicalidade e oralidade, expressões corporais e gestuais.

A festa do Buritizal, como tantas outras, religiosas ou não, são episódios onde as pessoas se reúnem e delas saem fortalecidas. Na festa, a sociedade comunga consigo mesma, atua como mecanismo catalizador das emoções, criatividade e participabilidade apoiada na construção coletiva.

As festas podem fomentar o prestígio do festeiro, do organizador do evento, seja junto à comunidade ou ainda deixar boa impressão para os visitantes de fora. Entretanto, não percebemos em nenhum momento, presente ou passado, tal característica. Por outro lado, percebemos a grande preocupação em se contratar aparelhagens com muito barulho e luzes para impressionar os brincantes de outras comunidades, chegando mesmo gerar uma rivalidade entre os festeiros de várias comunidades do arquipélago.

Essas festas comunitárias (no Buritizal desde os tempos da irmandade) ocupam um lugar privilegiado na cultura local. Seu forte apelo aos sentidos, ver, ouvir, a fala, as musicalidades nas ladainhas e o caráter imagético e devocional à Santidade, atraindo e envolvendo tanto a comunidade quanto os visitantes e admiradores. Nas festas, por todo o arquipélago do Bailique, o jogo de cores, os ritmos e as procissões fluviais se apresentam como atrativos locais. As aparelhagens, os bailados, leilões e as comidas se multiplicam e encantam os que dela participam, criando um envolvimento que quebra algumas barreiras e fronteiras entre sagrado e profano, citadino e rural, pobre e ricos.

Entendemos o homem e a mulher bailiquenses em suas múltiplas representações⁸⁴, especialmente (ribeirinhos, caboclos, beiradeiros, indígenas, extrativistas, apicultores, pescadores, seringueiros, castanheiros, mateiros, apanhadores de açaí, raizeiros, benzedeiros, pajés, entre outros) passam pela lógica de que a compreensão de suas temporalidades e religiosidades possui códigos distintos de apropriação, cujo sentido consiste na interpretação e vivências com o meio onde estabelecem relações sociais, mítico-religiosas e culturais.

A identidade cultural presente na comunidade do Buritizal, em tempos festivos e em reverência a N. S. da Conceição tem como pilar a catolicidade e a devoção a imagem da Santa. Trata-se de um grupo social com forte religiosidade. A identidade nasce, também, das relações estabelecidas entre os moradores/fiéis/festeiros e o mundo em que vivem diretamente e do qual extraem suas bases explicativas da realidade. Essa identidade tem caráter permanente e temporária, pois nos dias em que a festa ocorre percebemos um envolvimento maior de “todos” os moradores. Naqueles instantes as pessoas emanam sentimentos identitários, mais que outrora.

Nesse caso, remetemo-nos aos pensamento de Clifford Geertz que pensa o conceito de cultura como “teias de significados que amarram o homem” (1989, p. 4). Os fios da teia são capazes de prender os homens seguindo uma lógica social em que se formulam saberes (e fazeres) tradicionais ameríndios e negros. Ainda em Geertz, a cultura é sempre um movimento dotado de símbolos com significados para o grupo, como é o caso das ladainhas e novenas, cercadas de crenças e misticismos, tais símbolos vão além deles próprios e com função de enlaçar as pessoas do mesmo grupo.

O catolicismo deve ser entendido como a base a partir da qual os fiéis de N. S. da Conceição são estimulados a praticar e venerar a Santidade, são atividades norteadoras para os devotos – pontos de referência; a religião, dentre outras funções já apresentadas anteriormente, é a relação que une os moradores enlaçados em torno da Santa e também atribui significados práticos à vida dos ribeirinhos conquanto suas angústias e problemas diários.

Pudemos verificar a importância da Igreja no cotidiano das pessoas, que se reúnem para discutir seus problemas comuns e buscar soluções para os mesmos. A função da

⁸⁴ O conceito de representação coletiva ou social tem sido utilizado frequentemente em várias áreas das Ciências Humanas como a Antropologia, a Sociologia a Psicologia Social e História Cultural dentre outras. Cada disciplina, ao utilizá-lo, em uma perspectiva própria, acaba gerando diversidade de sentidos; daí a necessidade de especificar melhor sua utilização nesta pesquisa.

Igreja não é apenas organizar liturgias e aproximar as pessoas de Deus, mas, também, criar laços de solidariedade e irmandade entre os membros da comunidade; assim ocorreu no processo histórico analisado e que hoje sustenta a necessidade dos moradores do Buritizal continuarem com a festividade.

Tal é a identidade formada entre os membros do grupo, provavelmente não como algo conscientemente organizado, mas que ocupa lugar primordial na conformação e coesão do grupo, no sentido Durkheimiano (daí a importância pragmática dos rituais e símbolos). Todo esse conjunto de ideias constitui-se na cosmologia cabocla e contribui para pensarmos suas formas de representar o mundo.

Outra forma de identidade se dá pelas maneiras particulares de relações entre os grupos religiosos e Deus, cuja interseção é feita pela Santa padroeira; isto é, os ribeirinhos reconhecem na Santa mais que uma imagem ilustrativa [representativa] de N. S. da Conceição, mas sim a relação de pessoas comuns, simples, humildes com o sagrado.

A procissão é exemplar para se pensar as relações no interior do evento festivo, já que não representa apenas o andar em fila carregando a imagem da Santidade, mas, sobretudo, mostrar publicamente os sentimentos a Ela; mais que isso, uma oportunidade da Imagem abençoar o espaço da Vila, extrapolar o espaço limitado da paróquia – a igreja é própria comunidade. Entendemos, também, que a procissão e outros ritos festivos são formas de “controle”, não um controle explícito, mas uma forma de “rito processional com uma função tranquilizante e protetora”(PRIORI, 1994).

A estrutura da festa deve ser vista em dois vieses de análise: do ponto de vista dos sacerdotes, é uma oportunidade de evangelizar e atrair mais participantes para dentro da igreja, novos fiéis, sobretudo. Importante dizer que tal direcionamento dado pela Igreja não é algo explícito, feito de maneira ostensiva mas algo implicitamente posto e cujas ações acabam impondo os valores religiosos que são seguidos doutrinariamente pelos moradores do Buritizal.

Já para os moradores (não todos, obviamente) é parte do calendário lúdico, esportivo, dançante e oportunidade de novas relações sociais. Nisso conclui-se que o mesmo evento pode ser representado em mundos diferentes, não obstante unidos numa mesma perspectiva de fé e devoção. Pelo lado dos moradores, pensamos que suas crenças são devocionais, já que materializam suas crenças por meio de rituais numa perspectiva Durkheimiana mas, também, pensando no lado profano.

A festa do Buritizal não tem a presença de um prefeito ou outra autoridade política, já que se trata de uma região distrital. Dentro da estrutura orgânica e funcional da

festa, não visualizamos um jogo de poder entre os coordenadores, a não ser um interesse crescente dos festeiros em estar próximo à Santa, mas isso acreditamos estar associado às questões devocionais; algumas pessoas especialmente ocupam lugar de destaque como por exemplo aqueles que seguram a santa e os que carregam as indumentárias da santidade (velas por exemplo, manto, etc). Isso analisamos dentro de um jogo de representações, pois que é uma honra aos festeiros acompanhar a Santa até o local onde Ela ficará alojada.

Ao final do evento, por exemplo, na derruba do mastro sagrado, os golpes do machado ou terçado leva-o a sua queda final. Após a queda do mastro, algumas pessoas disputam algum objeto que possa lembrar aquela homenagem. Então o santo volta para o altar onde ficará até o próximo ano, as pessoas voltam ao seu cotidiano e as esperanças se renovam num movimento infinito de fé. Todas essas ações fazem parte de um sistema simbólico com amplitude social coletivo.

Nessa pesquisa trabalhamos a perspectiva da identidade cultural do sujeito na relação com os outros, principalmente articulando valores sociais e símbolos dos mundos em que habitavam, na qual a memória ocupa lugar de destaque. Acreditamos que a identidade se constrói na interação entre o “eu” e a sociedade organizada em torno das próprias necessidades de sobrevivência. Nessa concepção ocorre uma espécie de estabilidade dos sujeitos envolvidos com o mundo caboclo em questão. Além disso, ocorre um alinhamento dos sentimentos e imaginário coletivo que resulta nos mitos.

No conjunto do imaginário caboclo do Buritizal, como já foi dito, relaciona-se à representação de um mundo marcado pelo misticismo; assim: “Acredita o caboclo amazônico que o fundo dos rios, igarapés ou lagos seja habitado pelos companheiros do fundo, criaturas muito alvas e louras de um reino encantado. Esses companheiros têm poderes especiais”... (Galvão, 1999).No Buritizal, tais eram os camarados dos pajés. O imaginário trabalha associado à representação do mundo pelos próprios caboclos, expresso pelos mitos e cosmologias, resultando numa cultura marcada por uma espécie de poética das águas. Afinal, o imaginário popular é uma grande máquina de fabricar cultura.

Dentro dessa lógica que associa religiosidade cabocla e representação de mundo, o imaginário é sua lente de aumento, aquilo que acreditamos contribuir muito para elucidarmos traços da identidade do grupo estudado; partimos da premissa de que o ambiente natural e as dificuldades de sobrevivência levaram o caboclo do Buritizal a praticas específicas como a pajelança e curandeirismo, mitos e lendas explicativas da realidade. Tudo isso, associado a memória histórica, contribui para formar identidades em torno de símbolos

como a imagem da Santa e seus rituais e produzidos no cotidiano como as ladainhas⁸⁵. O cotidiano aqui não é entendido no sentido particular, mas do todo social que se constitui nas mais diversas esferas da vida social do grupo.

Assim a festa religiosa e profana do Buritizal proporciona diversos momentos desde a alegria individual aos eventos da coletividade, agradecimento à Santa pelas graças alcançadas e a integração entre os homens em torno da fé e da devoção na celebração religiosa. A festa, como manifestação da fé, promove a participação da população ribeirinha num mundo marcado por suas especificidades.

Destacamos, também, um movimento de trocas simbólicas entre religião e cultura popular, entre crenças ameríndias e devoção onde são geradas as hibridações das manifestações tradicionais ribeirinhas que atraem com frequência o público de outras comunidades do arquipélago para os festejos. Esse movimento dialético acaba contribuindo para que a festa do Buritizal apresente traços característicos de outras festividades de santos da Amazônia e entre as outras festividades do arquipélago (outra face da circularidade cultural).

Portanto, religiosidade, devoção e festa fazem parte de um mesmo fenômeno social presente na Festividade de Nossa S. da Conceição na comunidade de Buritizal. Este evento centenário sobreviveu até hoje graças à fé aos preceitos do catolicismo e as crenças no poder celestial da santidade; trata-se de um evento religioso com grande importância para o grupo social caboclo, mas que também faz parte do calendário das festas, desde o tempo das lamparinas até hoje, momento em que a festa ganhou outros significados.

⁸⁵ As ladainhas, diferentemente das novenas, ocorrem fora do tempo festivo, no dia-a-dia. A sua função parece a mesma, não obstante o enfoque da ladainha seja mais de agradecimento a alguma promessa alcançada ou bênção concedida.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

I – fontes impressas

Folder de divulgação da festa de N. S. da Conceição. Ano de 2012 e 2013.

IBGE. <http://www.conm.org.br/governo> do Estado do Amapá. –
<http://www.4.ap.gov.br>

I Livro de Tombo. Cúria Diocesana de Macapá, s. a.

II – Entrevistados:

PENA, Deuzuino. 76 anos, aposentado (Janeiro, 2013)

PENA, Raimundo. 72 anos, aposentado (Novembro, 2013)

PENA, Fatima. 67 anos, aposentada (Junho, 2103)

PENA, Bartira, 65 anos, aposentada (janeiro, 2013)

CORDEIRO, Lucila. 94 anos, aposentada (Dezembro, 2012)

Raimundo, Secretário. 95 anos, aposentado (Outubro, 2013)

CORDEIRO Júlio, 76 anos, aposentado (Agosto, 2013)

CORDEIRO, Dora. 76 anos, aposentada (Dezembro, 2013)

CORDEIRO, Odair. 40 anos. (Novembro, 2013)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter (Orgs.). **Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade**. São Paulo: Annablume, 2006.

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. Traditionally occupied Lands in Brazil: terras de quilombos, terras indígenas, babaquais livres, castanhais do povo faxinais e fundo de pasta. Manaus: PGSCA – UFAM, 2011.

ALMEIDA, Jaime. **A festa como objeto da História**. O problema das fontes, separata dos Anais do IV encontro de Historia. Franca. UNESP: 1982.

AMARAL, Rita. Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que "não é sério". Disponível em publicação eletrônica na Internet em: <http://www.aguaforte.com/antropologia/festaabrasileira/festa.html>.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Cultura na Rua**. 2 ed. São Paulo: Papyrus, 2001.

BRELICH, Ângelo. **Prolegómenos de uma historia das religiones**". In: História de las religiones antiguas I. Madri: Siglo XXI, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bert Hand Brasil, 1998.

CANCLINI, Néstor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

DA MATTA, R. . **Relativizando; Uma Introdução à Antropologia Social**. Rio de Janeiro. Ed. Rocco. 1987.

DA MATTA, R. **Carnavais, Malandros e Heróis**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco. 1997.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**, São Paulo: Brasiliense, 1985.

DOSSE, Francois. **A história**. Bauru/Sp: EDUSC, 2003.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Abril Cultural, 1983a.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o Profano: a essência das religiões** Lisboa: edição Livros do Brasil (coleção vida e cultura), s/ ano.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória**, a problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FRAXE, Therezinha J.P. **Cultura Cabocla-Ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo: Annablume, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GOMES, Flávio dos Santos (org.). **Nas Terras do Cabo Norte**. Belém: 1999, editora universitária.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **“Festa, Trabalho e Cotidiano”**. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Iris (orgs.). *Festa: cultura & sociedade na América Portuguesa, volume II*. São Paulo: Edusp, 2001.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. Tradução: Adail Ubirajara Sobral & Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

HERMANN, Jaqueline. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**. Editora Campos, 3ª edição, 1997.

HOLBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** (tradução de Laurent Leon Schffer) – 1ª edição. 1950. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, J. **História e Memória.** Tradução: Bernardo Leitão. São Paulo: Unicamp, 1990.

LEACH, Edmund. Ritualization in man in relation to conceptual and social development. In Lessa, W. & Vogt, E. (eds.) *Reader in comparative religion: an anthropological approach.* New York: Harper & How, 333-337.

LIMA-AIRES, Déborah de Magalhães. **A construção histórica da categoria caboclo.** Sobre estruturas e representações sociais no meio rural. IN: *Novos Cadernos NAEA*, vol. 2, n.2, UFPA. 1999;

LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário.* São Paulo: ática 2009.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa.** Série trilhas. São Paulo: editora educ. 2000.

MAUÉS, Raymundo Herald. *A Ilha Encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores.* Belém: UFPA, 1990.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. **Religiosidade no Brasil: imaginário, pós-modernidade e formas de expressão.** In: Estratégias religiosas na sociedade Brasileira. Estudos de religião. São Paulo: ed. Metodista, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social -Teoria, método e criatividade.** 16 ed. Petrópolis: Vozes,2000.

NISBET, Robert. *The sociological tradition* . 1. ed. London: Heinemann, 1967.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Trad. Yara Aun Khoury. In: **Projeto História.** São Paulo: EDUC, n.10, dez 1993, p. 7-28.

PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wânia (org.). **Festa em perspectiva e em perspectiva.** Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

PEIRANO, Marisa. **Rituais ontem e hoje.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.

PEIRANO, Marisa. **O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, núcleo de antropologia da política vol. 12. 2002

PRIORE, Mary Del. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

REIS, Arthur Cesar Ferreira. **Território do Amapá: Perfil histórico**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1949.

RIBEIRO JUNIOR, Jorge Cláudio Noel. **A Festa do Povo Pedagogia da Resistência**. Petrópolis: Vozes, 1982.

RICOEUR, Paul. **“Entre mémoire et histoire”**. In *Projet*. Paris: numero 248, p.11, 1996.

RODRIGUES, Carmen Izabel. **Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença**. IN: *Novos Cadernos NAEA*, vol. 9, n. 1, UFPA. 2006.

SANCHIS, Pierre. Ainda Durkheim, ainda a religião. In: ROLIM, Francisco Cartaxo (org.). **A Religião numa sociedade em transformação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SILVA, Josué da Costa. **O Rio, A Comunidade e o Viver**. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia - Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2000.

SILVA, José Maria da. Festas e identidade na Amazônia. **Revista Observatório Itaú Cultural**. Nº 14. São Paulo: Itaú Cultural, 2013 p. 101 - 120.

SILVA, Edna Lúcia da; & MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). 3a edição. Florianópolis; 2001.

SPERBER, Dan. **O simbolismo em geral**. São Paulo: ed. Cultrix, 1974.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Historia oral. 2ª ed. Rio de Janeiro, paz e terra. 1998.

TURNER, V. **O processo ritual: estrutura e anti-estrutura**. *Petrópolis: Vozes*, 1974b.

TURNER, Victor. **Floresta de Símbolos**: aspectos do Ritual Ndembu. Niterói: Ed. UFF, 2005. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1978

VIEIRA, Inácia Maria. **Bioecologia e Pesca do camarão**. *Macrobrachium amazonicum* (HELLER, 1982) no Baixo Amazonas – Ap. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília. Centro de Desenvolvimento sustentável, 2003.

VERGOLINO, Anaíza. Os cultos afros do Pará. In: FONTES, Edilza (org.). **Coleção Contando a História do Pará**: Diálogos entre História e Antropologia. Vol. III. Belém: E. Motion, 2003, pp. 15-6.

WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Ed. da UnB, 1994.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In: *Sociologia e antropologia*, vol. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974. p. 37-184).